

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

GIOVANA DO CARMO GONÇALVES GUIMARÃES

**O EU E O OUTRO NAS MEMÓRIAS DOS BECOS: A ALTERIDADE NA
RESISTÊNCIA POÉTICA DE CORA CORALINA**

CIDADE DE GOIÁS-GO

2022

GIOVANA DO CARMO GONÇALVES GUIMARÃES

**O EU E O OUTRO NAS MEMÓRIAS DOS BECOS: A ALTERIDADE NA
RESISTÊNCIA POÉTICA DE CORA CORALINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina, como requisito para o título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade.

Professor Orientador: Dr. José Elias Pinheiro Neto (UEG/POSLLI).

CIDADE DE GOIÁS-GO

2022



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo GIOVANA DO CARMO GONÇALVES GUIMARÃES

E-mail giovana_prof@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: O EU E O OUTRO NAS MEMÓRIAS DOS BECOS: A ALTERIDADE NA RESISTÊNCIA POÉTICA DE CORA CORALINA

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa UEG/POSLI MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 10 de fevereiro de 2022

Assinatura autor(a)

Assinatura do orientador(a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE
Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

G96 Guimarães, Giovana do Carmo Gonçalves.
3e O eu e o outro nas memórias dos becos : a alteridade na resistência poética de Cora Coralina [manuscrito] / Giovana do Carmo Gonçalves Guimarães. – Goiás, GO, 2021. 211f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2021

1. Literatura. 1.1. Poesia goiana - Cora Coralina.
1.2. Análise literária. 1.2.1. Memória. 1.2.2. Resistência.
I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU:821.134.3(81
7.3)-1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 06/2022

Aos quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois às catorze horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Giovana do Carmo Gonçalves Guimarães, intitulado **“O EU E O OUTRO NAS MEMÓRIAS DOS BECOS: A ALTERIDADE NA RESISTÊNCIA POÉTICA DE CORA CORALINA”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. José Elias Pinheiro Neto – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC/GO), Dr. Alexandre Bonafim Felizardo (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestranda e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver):

Cumpridas as formalidades de pauta, às 17h a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Qualificação e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 04 de fevereiro de 2022.

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto
(POSLLI/UEG)

Prof. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima
(PUC/GO)

Prof. Dr. Alexandre Bonafim Felizardo
(POSLLI/UEG)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina, como requisito para a obtenção do título de Mestra. Esta Dissertação foi apresentada em 04/02/2022 à banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto
(UEG/POSLLI) - Presidente

Prof. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima
(PUC/GO) – Membro externo

Prof. Dr. Alexandre Bonafim Felizardo
(UEG/POSLLI)

Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota
(UEG/POSLLI) – Suplente

Prof. Dr. Divino José Pinto
(PUC/GO) – Membro externo suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus!

Obrigada, Senhor, por ser Onipotência, Onipresença e Onisciência sempre em minha vida. Com sua terna misericórdia, estiveste sempre ao meu lado. Tu sabes o quanto foi difícil chegar até aqui e se consegui foi porque, muitas vezes, me carregaste no colo quando minhas forças já não eram suficientes. Colocaste-me em pé e me fizestes acreditar que ao Teu lado eu conseguiria. A Ti, meu Criador, toda honra, toda glória, amém.

Aos ausentes...

Faltam-me as palavras diante do nó que se forma na garganta, sinônimo de saudade daqueles que não me deram a vida, mas foram os responsáveis pela condução dela. Meus amados Senhor Sebastião e Senhora Floreslinda, dois anjos em forma de humanos que me criaram e me ensinaram o dom do amor, vivendo o amor. Não poderia ter sido de outra forma a não ser ao lado deles. Já se foram, mais de uma década de primaveras já se passaram e deixaram muita saudade que, às vezes, é tamanha que escorre pelos olhos. Foram com o dever cumprido, viveram, amaram e deixaram o exemplo mais lindo de vida que já vi: o amor ao próximo e a si mesmo. Meu maior orgulho foi ter o privilégio de ter chamado esses anjos de meu pai e minha mãe.

Aos que amo!

Aos meus filhos Jhonatan Marillos, Jhulia Camilly e Jhunió Gabriel, as razões pelas quais eu aprendi a amar o outro mais que a mim mesma. Incentivaram e acompanharam com maestria minhas batalhas rumo ao saber. São os pilares em que eu me encontro e reconheço o sorriso mais sincero e o amor incondicional. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Ao meu “noro” Maycon, assim de forma carinhosa o chamo, meu agradecimento em especial pelas diversas vezes que ouviu meus desabafos e me concedeu palavras de incentivo e carinho.

Ao meu esposo Roberto Momo, a quem eu abri as portas e as janelas do meu coração e deixei entrar, me permiti viver, me dar outra chance, com amor tem me

acompanhado, criando sempre ao meu lado um novo dia e compreendendo as minhas renúncias.

Aos meus eternos amigos Ricardo e Walquíria, aqueles amigos de longa data, de tantos sorrisos e lágrimas, amigos de uma vida inteira e para uma vida inteira. Sempre unidos em um sentimento de reciprocidade.

Aos mestres.

Deixo um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Doutor José Elias Pinheiro Neto, pelo incentivo e pela dedicação do seu tempo à minha pesquisa. Acompanhou-me com toda sapiência de um mestre. Gratidão!

À minha amada professora Doutora Émile Cardoso Andrade, amor à primeira vista! Aprendi com ela muito além da crítica literária... Sou grata pela oportunidade em ter sido sua aluna.

Aos meus professores: Dr. Alexandre Bonafim, Dra. Nismária Alves, Dr. Adolfo José de Souza e Dra. Márcia Maria de Melo, fontes de conhecimento que muito contribuíram para o meu crescimento acadêmico, ficando a amizade e gratidão.

À Universidade Estadual de Goiás/POSLLI, Dra. Marília Silva e toda equipe da coordenação, professores, servidores e colegas.

Gratidão!

Versos... não.

Poesia... não.

Um modo diferente de contar velhas estórias.

(CORALINA, 2006, p. 27

GUIMARÃES, Giovana do Carmo Gonçalves. **O eu e o outro nas memórias dos becos: a alteridade na resistência poética de Cora Coralina**, 108 f. Dissertação do Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

RESUMO

Este trabalho analisa as representações do outro que estão apontadas em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, como representação de vida e resistência na voz da poeta e contista goiana, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, batizada por si como Cora Coralina, que no dizer da poeta “não queria ser confundida com a abundância de Anas, Aninhas e Anocas” oriundas do seu nome. A investigação busca interconexões da escrita de uma poeta que rompe com as barreiras do tempo e do preconceito em uma realidade vivenciada nos becos delimitados por classes, tendo por berço uma sociedade machista, racista e excludente, trazendo a visão do beco sob uma ótica de fragmentos de indivíduos anônimos e mostrando suas aflições, dores e dificuldades. Desta forma, são pesquisadas diversas personagens, tais como: a prostituta, as lavadeiras, os becos e os meninos lenheiros, ícones da cidade de Goiás, que são pessoas de quem a poeta se recorda. Neste contexto, a partir de discussões teóricas, a natureza desta pesquisa é descritiva qualitativa em relação ao objeto de estudo: o beco, com levantamentos de elementos da estrutura social, memória e tempo. E, ainda, apresenta um método analítico e comparativo, pois há uma relação entre o sujeito lírico, num tempo, e a memória de muitas personagens articuladas num espaço ficcional, vivido e rememorado por Cora Coralina. Busca-se um caminho de cunho bibliográfico com vários teóricos sendo nomeados alguns autores que possibilitem essa abordagem: Bosi (1994), Kossoy (1999) Assmann (2011) e Candau (2019) entre outros que examinam o lugar do outro e acabam por evidenciar na cultura e na sociedade tais realidades vividas ao longo da trajetória humana.

Palavras-chave: Cora Coralina. Poesia. Beco. Memória. Resistência.

GUIMARÃES, Giovana do Carmo Gonçalves. **The self and the other in the memories of the alleys:** the alterity in the poetic resistance of Cora Coralina, 107 f. Master's Dissertation in Language, Literature and Interculturality – Cora Coralina Campus, State University of Goiás (UEG), Goiás State, Brazil, 2021.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the representations of the other that are pointed out in *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, as a representation of life and resistance in the voice of the Goiás poet and storyteller, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, baptized by herself as Cora Coralina, who in the saying of the poet “I didn't want to be confused with the abundance of names Anas, Aninhas and Anocas” originating from her name. The investigation seeks interconnections in the writing of a poet who breaks the barriers of her time and prejudice in a reality experienced in alleys delimited by classes, having as a cradle a sexist, racist and excluding society, bringing the view of the alley from a fragmentary perspective of anonymous individuals and showing their afflictions, pains and difficulties. In this way, several characters are researched, such as: the prostitute, the washerwomen, the alleys and the woodworking boys, icons of the Cidade de Goiás, Goiás, Brazil, who are people whom the poet remembers. In this context, from theoretical discussions, the nature of this research is qualitative descriptive in relation to the object of study: the alley, with surveys of elements of social structure, memory and time. And, still, in an analytical and comparative method, as there is a relationship between the lyrical subject, at a time, and the memory of many characters articulated in a fictional space, lived and remembered by Cora Coralina. A path of bibliographic nature is sought, with several theorists being named some authors who make this approach possible: Bosi (1994), Kossoy (1999) Assmann (2011) and Candau (2019) among others who examine the place of the other and end up highlighting in culture and society such realities lived along the human trajectory.

Keywords: Cora Coralina. Poetry. Alley. Memory. Resistance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	17
AS VOZES DE ANINHA PELOS BECOS DE GOIÁS	20
1.1 Apontamentos sobre uma historiografia poética coralina	20
1.2 Fortuna crítica e poética coralina.....	30
1.3 Cora Coralina mulher: a própria imagem de uma época	35
CAPÍTULO II	44
MEMÓRIA, ICONOGRAFIA E TOPOFILIA	47
2.1 Memória e poesia.....	47
2.2 Iconografia e iconologia	54
2.3 Topofilia e poesia	57
CAPÍTULO III	58
A SAUDADE CORALINA RECONSTRUÍDA SOB O “CLICK”	61
3.1 A voz da Iconografia nos becos de Cora Coralina	61
3.2 As personagens: quando as “estórias” e a literatura se encontram.....	67
3.3 “A mulher a quem o tempo ensinou”	81
3.4 Cora Coralina Vida em fotos poemas dos <i>Becos de Goiás e estórias mais</i>	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

“A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar” (BOSI, 1977, p. 191).

Alfredo Bosi em seu livro “*O ser e o tempo da poesia*”, publicado em 1983, no seu quinto capítulo tem, em suas palavras, a referência de uma poesia de resistência. Relutante ao tempo, essa resistência inicia-se a partir do momento em que o capitalismo invadiu o mercado, o lucro “Furtou-se à vontade mitopoética aquele poder originário de nomear, de compreender a natureza e os homens, poder de suplência e de união. As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade” (BOSI, 1977, p. 141) e acrescenta “o valor foi-se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de status” (BOSI, 1977, p. 141).

Bosi (1977) fala da sociedade de consumo e do desastroso resultado como uma “teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam “desenvolvimento” (ah! poder de nomear as coisas!) e os tolos aceitam como “preço do progresso” (BOSI, 1983, p. 141). Nesse tecer do comércio, “à poesia, parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender” (BOSI, 1977, p. 141). Nesse contexto, pode-se entender a poesia como uma arte que tem sua base na linguagem, bem como também no estado da mente: no momento em que a obra for criada, o processo de verossimilhança dá aspecto de fatos e fatos que desvelam o poder de criação das mais *verdadeiras* caminhadas.

Nas reflexões de Paz (1976, p. 12), “a linguagem por inclinação natural tende a ser ritmo” é como se as palavras obedecessem a uma lei, para o autor a “lei da gravidade onde as palavras retomam à poesia espontaneamente” (PAZ, 1976, p. 12). Quando menciona o pensamento enquanto linguagem, segundo Paz (1976), tende a ter o mesmo fascínio: “deixar o pensamento em liberdade, divagar, é regressar ao ritmo” (PAZ, 1976, p. 12). Pode-se entender que nós somos feitos de palavras, muito do que somos e representamos acontece por meio delas. Nominamos muito por conta da nossa intencionalidade, assim nossas palavras se tornam metáforas, mágicas letras que juntas transformam-se em outra coisa, o real, e transmuta-se no que se toca, porque as palavras revelam-se frente a sua definição.

O homem, segundo Paz (1976, p. 12), “com a linguagem se criou tornando-se uma metáfora de si mesmo, nomeando a coisas e criando um outro mundo”. Aqui consiste o poder dado à poesia, evidenciando a quebra do corte temporal presente/passado/futuro, sendo

instaurado um tempo cíclico em que todos os tempos servem de fuga ao corriqueiro que, para Paz (1976), seria a maior conquista do pensamento moderno: *a crítica*. Esse pensamento crítico pode trazer para a poesia o seu empoderamento frente aos mercados de lucro utilizando-se de uma linguagem de resistência aos marginalizados e às questões minoritárias. Portanto, questões políticas, racismo, lutas de classe, desigualdade de gêneros e LGBTQIA+fobia estão presentes.

Várias classificações são feitas pela poética, isso ocorre conforme as características de cada poema. Pode-se, por exemplo, citar o poema épico, na maioria das vezes com uma estética narrativa e longa, abordando temas como guerras ou situações extremas de época. O poema lírico pode ser curto, apenas tratar situações momentâneas, recortes de vida carregados de emoções impressos em palavras poéticas, trabalhadas na emoção que tocam a alma. No entanto, quando a palavra assume, dentro da poesia, a característica de subjetividade com nuances de existência, bem como resistência, Bosi (1977) diz que a poesia traz realidade e essa afirmação poderia ser de consonância ou de repúdio a determinada situação, como também pode ser usada como resposta às ideologias opressivas. Nesse sentido, a voz poética atribui significados à memória compondo um valor artístico do texto lírico, buscando nas lembranças justificativas e ressignificações dentro das complexidades em que a obra é escrita.

Esta memória sempre viva está também em constante movimento, lembrando e rememorando, suscetível a manipulações e revitalizações, por isso a necessidade de um estudo teórico confrontando o objeto de estudo. Ela também toma para si um papel libertador, pois quando se pensa em lugar de memória, entende-se pelo lugar onde se tem vontade de viver, de pertencimento, senão corre-se o risco de serem apenas histórias contadas, perdendo seu poder transformador e libertador. Somando-se a memória à linguagem e seus signos, os versos de um poema serão muito mais que palavras juntas. Deixando os estereótipos que aprisionam a escrita, a poesia ganha uma nova roupagem porque não se interrompe no tempo, passa por múltiplas formas de classificação e entendimentos e, ainda assim, não perde sua essência transformadora e criadora, pode assumir um papel de resistência e lutar também pelas e com as palavras.

Diante disso, esta dissertação está fundamentada na forma de escrita da expressividade lírica e a da voz poética na experiência própria de Cora Coralina, poeta goiana, que percorrerá todo o texto. A pesquisa está voltada para a tentativa de aproximação entre o pensamento feminino, a liberdade de criação e uma imersão na expressividade da poesia coralina. A partir dos textos poéticos e sob a tendência da afeição pelo espaço rememorado é

feito um estudo interpretativo sobre a obra escrita “*Os Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*” e a memória afetiva de seus versos, partindo da identificação das inferências de alguns teóricos que escrevem sobre o assunto. Para Ecléa Bosi (1994, p. 418), “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças correndo o mesmo leito”. Dessa forma, Cora Coralina usa da cidade de Goiás para publicar essas *estórias* de “tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória” (BOSI, 1994, p. 422) as quais foram guardadas e rememoradas por Cora Coralina e pela gente de sua cidade natal. São lembranças que, segundo Ecléa Bosi (1994), persistem matizadas individualmente, constituindo uma memória única e ao mesmo tempo diversa.

Halbwachs (2006), um sociólogo francês morto em um campo nazista, estudou a memória a partir das ciências sociais, concedendo-lhe a categoria de *memória coletiva*. Esta é entendida como elemento basilar pelo qual a recordação e a localização das lembranças partem de uma análise dos contextos sociais que reconstroem a memória, deixando assim de ser individual, pois nenhum sujeito tem uma memória só sua, cercada pela individualidade; as lembranças coexistem dentro de um grupo social de reconstrução do passado vivido e experimentado. Desse modo, a poeta Cora Coralina escolhe contar as experiências de suas personagens concedendo a essa memória coletiva uma voz de representação. Para Assmann (2011, p. 317), “Grande é a força da memória que reside no interior dos locais”. Cora Coralina tem em seus versos marcas dessa força, ela poetiza das pedras aos raios de luz em seus becos de Goiás, uma recordação individual diluída numa recordação comum, coletiva, que permite ao leitor, por meio de sua voz, diversas possibilidades de interpretação.

É compreender que as pedras poetizadas por Cora Coralina têm vários significados comum a todos, uma vez que as pedras, ao mesmo tempo em que permitem os tropeços, são as mesmas que elevam quando são postas e formam degraus de experiências, de forças ativas na luta pela vida e pela superação. Lendo Cora Coralina pode-se entender o pertencer recíproco, o constante diálogo entre o eu e o outro, aquele que está representado em cada personagem e aproximado do leitor. A abertura do baú de memórias e o ressignificar é dar vazão as palavras, buscando-se entender a grandiosidade do discurso lírico de uma voz e de um discurso com propriedade de fala.

Candau (2019), em seu livro “*Memória e Identidade*”, faz menção à organização do tempo que pode ser feita por meio de múltiplos instrumentos: categoria de tempo, agenda, calendário, relógio. O pesquisador atenta para a “forma mais cômoda que a arte moderna” (CANDAU, 2019, p. 90) possui para representação do tempo: a fotografia, compreendida

como uma arte da memória que “permite representar materialmente o tempo passado, registrá-lo e dispô-lo em ordem” (CANDAU, 2019, p. 90). E completa “Mantendo com seu passado tantos elos quantos fotos em seu álbum, o sujeito faz da fotografia o suporte de uma narrativa possível dele próprio ou da família” (CANDAU, 2019, p. 90). Dessa maneira, segundo Candau (2019), esse tempo domesticado “autoriza a ancoragem de cada sujeito em uma temporalidade fundadora de identidade” (CANDAU, 2019, p. 90).

Bosi (1977, p. 144), escrevendo sobre a poesia, expressa que “Nostálgica, crítica ou utópica, a poesia moderna abriu caminho caminhando”. Dessa forma, a proposta é entender a poética, a memória e a identidade nos caminhos de Cora Coralina, vivendo e vivenciando as experiências e, ainda, caminhando com o olhar no seu horizonte de sentidos, dentro da existência e resistência do sujeito lírico de um eu representando tantos outros. Sua poesia deixa o leitor a sua própria compreensão no que tange aos elementos de meditação, interpretação e descoberta. Contudo, vale dizer que os elementos são embasados na representação do outro, como o leitor, a pedra, a água, o beco, entre outros. Isto posto, foram escolhidos alguns poemas com a finalidade de esboçar as relações prováveis entre o homem, o ser e o tempo, conduzindo a uma ressignificação das formas poéticas que são transmitidas, pela voz de Cora Coralina, ao ambiente de sua vontade de criação e a postura estética.

Partindo desta perspectiva, no primeiro capítulo intitulado *As vozes de Aninha pelos becos de Goiás*, propõe-se uma apresentação desde a menina Aninha à Cora Coralina mulher, perpassando pela forma de ser e entender a vida, representando-a em poesia. Os subtítulos estão divididos entre a sua historiografia literária e sua poética, seguindo da fortuna crítica, como a poeta se tornou conhecida e, no terceiro momento, o conhecer de Cora Coralina Mulher, uma poeta que muitas vezes disse o que estava além de seu tempo. A poeta foi uma literata que testemunhou momentos de muitas dores e angústias por escolhas pessoais e que, por meio de seus versos, quebrou o seu silêncio para se fazer ouvida enquanto mulher e escritora numa época de repressões vindas de uma sociedade patriarcal. Frente à propositura de um diálogo entre poesia e memória, está proposta uma reflexão sobre o ingresso de Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas, pseudônimo de Cora Coralina, na vida autoral, escritora desde os 16 anos.

Os momentos referenciados debruçam-se sobre alguns teóricos dentre os quais se pode destacar Maria de Fátima Gonçalves Lima (2009), defensora da ideia de que, por meio da poesia, podem ser feitas diversas interpretações sobre o estado do ser humano e da criação literária. A autora ainda faz referências sobre a mitologia e o imaginário em Cora Coralina, evidenciando a construção poética da mulher Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas em se

tornar a poeta Cora Coralina. Também é importante destacar a contribuição teórica de Pesquero Ramón (2006), que apresenta a multiplicidade interpretativa da poética de Cora Coralina e enfatiza a poesia de representação sobre a escrita de outros autores.

Nesse advir de reflexões, inicia-se o segundo capítulo com o título *Memória, Iconografia e Topofilia*, trazendo o enfoque sobre a memória enquanto matéria de poesia. Izquierdo (2014) trabalha a ideia de o tempo fluir como um rio, que seu curso não volta ao mesmo lugar, assim é o presente, o que se vive já virou passado, sendo armazenado na memória. É como se não existisse o tempo sem um conceito de memória e o presente não existisse sem esse conceito de tempo, pois não existe realidade sem memória e sem noção de presente, passado e futuro, como “num jogo de espelhos” (IZQUIERDO, 2014, p. 20).

Em “*Confissões*”, Santo Agostinho (1984, p. 274) expressa também essa evocação do tempo, numa “convocação de imagens que eu quero do passado”, eu escolho o que desejo ser lembrado antes que caia no esquecimento, é, ainda segundo o autor, “o encontro comigo mesmo” (1984, p. 274). Nesse momento, busca-se um devaneio pelas memórias de Cora Coralina para a compreensão de sua construção poética por meio do imaginário. Em seu poema *Todas as Vidas*, ela revela seu papel identitário e de representação. Nessas lembranças estão as lembranças associadas à escrita, porém, o uso de imagens também fomenta a imaginação, sendo de relevância enquanto complemento de sua poesia. Assim, trazer também para discussão a pesquisa de Boris Kossoy (1999) é importante porque sugere a iconografia e a iconologia como duas linhas por meio das quais é possível analisar e decifrar o que está explícito e implícito em uma fotografia.

A partir da compreensão de que a poeta “quer ser lida e entendida” (CORALINA, 2014, p. 25), a leitura vai além das palavras escritas: as imagens e fotografias também falam, representam as personagens em cada detalhe a ser observado, levando o leitor a uma representação iconográfica das subjetividades poéticas. Em relação à construção de identidade, ainda podemos destacar Halbwachs (2006) que menciona o espaço de recordações construído em um lugar determinado. Nesta perspectiva de memória coletiva, o poema *Minha cidade* vem de encontro à relação do humano e do lugar que se formam movidos pelas condições de espaço e pelas condutas relacionais do homem dentro de si mesmo e no seu coletivo, como também em lugares de convivência. Para essa abordagem, usar-se-á: Ivan Izquierdo (2014), Santo Agostinho (1984), Djamilia Ribeiro (2017), Joel Candau (2019), Erwin Panofsky (2011), Boris Kossoy (1999, 2001, 2007), Maurice Halbwachs (2006) e dentre outros.

A partir de então, caminha-se para o terceiro e último capítulo, com o título: *A saudade Coralina reconstruída sob o click*. Aqui buscam-se trilhas para a junção do ser poético coralino, poesia e fotografia. A voz da iconografia nos becos de Cora Coralina canta as vidas de mulheres mães, prostitutas, benzedeiros, lavadeiras, todas as vidas representadas no tempo pretérito em que viveu e rememorou. E voltou ao começo na sua casa velha da ponte como a mulher a quem o tempo muito ensinou. Cora Coralina poetiza seus becos de Goiás e suas personagens. Para Pesavento (2005), há uma leitura visual de práticas reais nesse imaginário. Em seu poema *Becos de Goiás*, Cora Coralina mostra seu amor por esses becos *mal afamados* poetizando, nas suas vivências, as personagens por ela escolhidas e promovendo um encontro entre as *estórias* e a literatura. Para Delgado (1999), *A mulher a quem o tempo muito ensinou* teve tempo de reinventar a própria vida em sua velhice. Lima (2020, p. 18) descreve esse passar do tempo de Cora Coralina: “a ida, a volta e o recomeço”. Estes e outros autores, que serão apresentados a seguir, são mobilizados para sustentar a análise dos poemas coralinos durante esse caminho pelas personagens apresentadas no texto poético.

Nesse proceder de reflexão, vê-se Cora Coralina como representação de vida(s), como também o próprio fazer presente de Cora Coralina em seus escritos, na posição criadora. Após os desdobramentos teóricos, o capítulo três está finalizado com o subtítulo *Cora Coralina Vida em fotos poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, no qual a pesquisa se encerra fazendo um convite ao leitor para esvaziar sua alma, fazer um passeio pelos caminhos da poesia e deixar que lentamente a leitura das fotos/poemas de Cora Coralina entre em seu imaginário. Letras e figuras o levarão a um jogo de juntar palavras e rememorar imagens, cada um à sua maneira, no despertar de sentimentos variados, em um experienciar poético. Com o intuito de compreender a poesia como uma arte que tem sua verdade verossímil e fidelidade como experiência de vida, procura-se entender a obra de Cora Coralina a partir do pensamento de que existe uma relação entre arte-vida, na qual o poema é o caminho a ser percorrido e a poesia a alma das relações, surpreendentes com impressões de formas espontâneas e subjetivas.

A trajetória dos versos de Cora Coralina desvela um discurso do conhecimento, da expressão, da vivência, da memória e da capacidade de meditar sobre a vida e seus percalços, absorvendo o ser e não o ter, compreendendo a alma dos rios, a função das pedras do caminho, a ideia da vida e a da morte. Para discernir poesia e poema dentro da obra de Cora Coralina, é preciso que se pense na crítica criativa, na interpretação dos significados das palavras e na sua própria estética, entendendo, dessa forma, que o texto é livre, porém

carregado de signos capazes de apontar a compreensão da relação entre o homem e o ser, entre a existência e a resistência.

CAPÍTULO I

AS VOZES DE ANINHA PELOS BECOS DE GOIÁS

É no modo Cora Coralina de ser que se encontra motivação para dissertar sobre a capacidade de existir dessa autora/personagem que aos poucos, em suas traçadas linhas, demonstra a grande criadora ficcional que foi, na mesma medida, lançando um olhar capaz de ir além do seu tempo. O olhar que se busca com este trabalho é sobre a grande humanizadora, mulher cheia de coragem, que conseguiu por meio de sua estética nomear e dar voz aos homens, mulheres, meninos e becos. Esse grito silenciado ecoou mundo afora por ela se colocar à frente de seu tempo. Em uma constante busca da memória, acrescida de seu contexto histórico, conseguiu demonstrar, pela sensibilidade e naturalidade de seus versos, que é possível trazer à luz novas estórias sobre o cotidiano e a cultura do povo goiano.

A poeta modernista usa de sua sensibilidade e naturalidade para lançar o olhar de artistas que permeiam as relações humanas. Ela escreve metaforicamente com a alma, pois sabe-se que a alma não se pode *ver*, mas pode entender a existência do ser pela coragem de nossas ações e, ainda, desvelar os mais profundos sentimentos resultantes das experiências vividas por cada um de nós. A sua alma poeta, por inúmeras vezes, não testemunhou fatos, porém ações lhes foram mostradas nas estórias ouvidas de suas personagens, assim se tornou Cora Coralina, fonte de inspiração de todas as vidas em uma.

Essa mulher corajosa, além de poeta e escritora, foi a própria escrita, cuidou em palavras da simplicidade da vida vilaboense e de todos aqueles que universalmente se sentem representados por ela. A menina feia da Ponte da Lapa cresceu e se fez ouvida. Renasceu por diversas vezes como símbolo de resistência dos excluídos. Enquanto filha, esposa, mulher de inúmeras maneiras utilizou-se das armas que tinha: caneta e papel para o processo criativo. Sempre acreditou que a linguagem literária, em algum momento, seria a ponte entre o silêncio e o grito. Pela memória, enquanto matéria de poesia, concede vida nova e novas oportunidades de transformação às suas personagens. Ler Cora Coralina não se limita a seus versos, seu universo poético requer aprofundamento literário para entender as múltiplas vozes da interligação entre dialogismo e metáforas. Uma parceria adicionada à técnica e à emoção faz os escritos de Cora Coralina ora parecerem mágica ora história. Dos sabores às dores, assim escreve seus versos.

1.1 Apontamentos sobre uma historiografia poética coralina

Muitas foram as vozes que envolveram o leitor com o desejo de fazer a tradução da alma e suas angústias, procurando uma significação ou um sentido do seu existir. Lima (2009, p. 7) escreve que “o poema é uma revelação de uma realidade interior que atravessa abstratamente a realidade perceptível através dos sentidos”. Tendo em vista que até então as manifestações artísticas eram reprimidas, a sensibilidade e naturalidade se tornam, a partir desse momento, metade do século XX, combustível fundamental na ação de autores de obras poéticas no modernismo, grandes mudanças que a literatura e as artes começaram a aceitar. De acordo com Lima (2009, p. 7), “o poema não tem alma, é uma coisa triste solitária, a poesia é o ser do poema, é a alegria, a imaginação, a criação e a imortalidade dos versos”. O olhar do leitor fará toda diferença, pois este deverá ler com apreço, ler suas entrelinhas com brandura e atenção porque o texto poético possui suas metáforas, significantes e significados e ainda “a obra literária nomeia a existência das coisas por meio de metáforas que pluralizam a significação do silêncio porque dizem o indizível e possuem uma sintaxe invisível” (LIMA, 2009, p. 8). O poeta sente e observa a realidade, usa de uma manifestação mais intensa de vida e expõe a essência do homem. Paz (1984) reforça a ideia que poesia é

Conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem (PAZ, 1984, p. 15).

Desse modo, a poesia faz com que os campos poéticos das paisagens, locais e sentimentos sejam percorridos pelos caminhos do leitor, visitados à sua maneira sob a forma de compreensão e interpretação. Assim, nascem as multifaces de um mesmo poema, dada a complexidade de seus leitores. Aos seus escritores cabe um olhar que não renega suas origens, suas misérias e suas experiências.

Observa-se no cenário nacional, a partir de meados do século XX, grandes transformações culturais e identitárias nas artes. O crescimento da lírica, de forma gradativa, ganha espaço e público em virtude da alfabetização começar a ser um projeto ativo de políticas públicas. Em Goiás, de forma bem tímida, florescem alguns poetas ganhando projeção nacional, dentre os quais podemos citar: Couto (1888-1948) e Ramos (1895-1921), com ênfase na presença de Jesus (1889-1978), que foi a primeira mulher a publicar um livro no estado. Esse novo período carrega consigo um novo campo estético e os poetas vão se

adaptando de forma gradual. Posteriormente, nas décadas de 1930 e 1940, as mulheres foram sendo bem mais ouvidas, ao passo que a literatura feminina goiana, por meio das vozes de Maria Paula Fleury de Godoi (1894-1985), Rosita Fleury (1913-1993), Genesy de Castro e Silva (1909-2006) e Cora Coralina (1889-1985), ganha força com as mulheres que publicavam nos jornais *A Rosa* (1907) e *O lar* (1926).

A poesia do Brasil Central tinha como fonte o cotidiano, suas festas populares, festas religiosas, o folclore e a vida do sertanejo. Partiu das formas mais singelas e tímidas e alçou voo ao cenário nacional, contando e cantando um cotidiano que nascia a partir de experiências, comungando com as influências e tendências nacionais. Assim, nasce o retrato da cultura goiana que foi apresentada em forma de literatura, da soma da expressão popular, da comunicação e do prazer. O que antes era estagnado, engessado, formalista, metódico e romântico passa agora a ser influenciado pelas ideias revolucionárias e vanguardistas, trazendo um novo olhar. A brasilidade ganhou espaço, o reforço sobre a identidade nacional fazia-se necessário, chegou o momento de conhecer a própria cultura e valorizá-la. Esse bramido trouxe uma proposta que foi divisora de águas: a Semana da Arte Moderna de 1922, que a partir de então impulsiona de forma gradual um novo estilo, uma nova estética, uma nova maneira de entender e apresentar a identidade cultural do Brasil. Da poesia, passando pela música e chegando às artes plásticas, as mudanças foram sentidas e, a partir das contribuições das tendências europeias, passaram a ser adaptadas ao contexto social e cultural do Brasil. O que para alguns críticos foi visto como subsídio positivo, para outros foi um rompimento negativo.

Desse modo, a criação literária da poeta de Goiás, Cora Coralina, possui uma descrição das tradições populares e sociais dos moradores desse centro brasileiro, o qual a poeta goiana fez questão de elucidar em *Poemas dos Becos de Goiás e estória mais*, trazendo uma mescla de vidas e vozes. Em razão disso, Marques (2001) (*apud* CORALINA, 2001, p. 13) a referenciou como “a Mestra de todos nós”, merecedora de estar entre os ilustres que o estado de Goiás agrupava. Cora Coralina, com seu caráter memorialístico, vai somando admiradores pela forma que escreve seus versos e constrói sua poética, uma montanha russa de *eus* em que todas as vidas ganham espaço na memória pessoal da poeta, transformando em memória coletiva, uma vez que esse *eu* deixa de ser uma biografia, dando lugar a escrita de *outros*. Pesquero Ramón (2006, p. 113), sobre a escrita da poeta, ensina que:

No decorrer de seus poemas, não silencia nenhuma mulher cuja sina seja ‘a vida mera das obscuras’. O corpo de sua obra é o canto com que rompe o silêncio de si

mesma e torna-se ‘um admirável brasileiro’, como a definiu Drummond, libertando do silêncio outros tantos seres femininos com os quais ela se identifica.

Essa multiplicidade torna a poética de Cora Coralina poesia de resistência, de denúncia, são vozes que rompem o silêncio da discriminação social, do reconhecimento do feminino ora esquecido. Ilustra excepcionalmente esse ser geral, essa mulher inferiorizada, subvalorizada, que ganha reconhecimento de ser e existir sem preconceitos nesse heroísmo anônimo e que em cada poema vai rompendo essa mordaza.

Como seres de linguagens e imagens reais ou imaginárias que somos, construímos a nossa identidade no decorrer da vida. Nosso presente retoma sempre o passado, vivemos um presente cheio de memórias que se projetam ou interferem em nossas vivências. Isso nos faz refletir sobre a importância da memória, que constantemente é exigida, buscando explicações ou mesmo um porto seguro para um presente incerto. Assim, a memória navega no passado, descortinando o esquecimento e trazendo à lembrança aromas, pessoas e lugares. Enquanto isso, os poetas descrevem os tesouros de inumeráveis imagens que estão em suas memórias e cada um expõe essa relação consigo e com o que o rodeia. A pequena cidade de Goiás, antiga capital do estado, passou a ser reconhecida mundo afora, não apenas pelos bandeirantes que chegaram à procura das pedras preciosas às margens deste, contado e cantado por Cora Coralina, Rio Vermelho, na primeira metade do século XVII, nem tão somente pelos homens da lei e da ordem, pelos seus governadores que ali estiveram no Palácio Conde dos Arcos, mas também por uma mulher, poeta, contadora de histórias, doceira, que deu um novo significado a sua cidade natal. Seu nome é Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, pseudônimo escolhido Cora Coralina.

Cora Coralina é uma criativa e significativa autodenominação. É uma bandeira afetiva e compromissada, que foge aos padrões dos pseudônimos e heterônimos de sua época. E, até onde foi possível pesquisar, parece ser um caso único na história da literatura nacional e mesmo universal. (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 21).

A poeta não queria se misturar com as *Anas, Aninhas e Anocas*, nome dado a quase todas as meninas nascidas em sua época em homenagem à padroeira da cidade de Goiás, nome este que evoca sensibilidade e compaixão. O nome imposto a todos nós ao nascimento difere conforme a cultura e nessa escolha espera-se um significado de vida. Para o nome Aninha, esperava-se que a menina fosse protetora e modelo de Santa Ana, a mãe de Maria, não levando em consideração o modo próprio de ser, nem tão pouco a realidade, por assim dizer, que seria o divisor de águas para a identificação pessoal.

No nome Aninha, pelo cristal de seu étimo bíblico transparecem as qualidades básicas de sua personalidade. E Cora Coralina, qual é o segredo de sua pessoa que esse nome revela? [...] A descoberta da resposta ao enigma do pseudônimo fortificou a tese sobre o valor metafórico da poesia de Cora, como linguagem primordial, ainda que recoberta por uma roupagem literária na qual vislumbram vestígios estilísticos de poetas modernas, não obstante seu selo original, único. (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 23).

Nesse lugar de fala, Cora Coralina, que é sinônimo de poesia de resistência, apresenta uma mulher doceira, que canta a sua libertação e faz uso de sua força e dos dons da sua poesia de modo criativo e ficcional para ressignificar sua história. Em consonância com este pensamento, Djamila Ribeiro (2017, p. 37) afirma que “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.”. E acrescenta:

Entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p. 48).

A pluralidade das vozes e saberes que Cora Coralina representa em seus versos encontra, segundo Pesquero Ramón (2006), um sinal deixado por ela: seu pseudônimo que pode ter derivações criativas e sua autoidentificação com as mulheres trabalhadoras e libertárias:

O pseudônimo Cora Coralina acaba sendo uma senha, um sinônimo, equivalente a ‘lavadeira do Rio Vermelho’ e seu canto-gesta de libertação. A força e a arma de seu intento residem no uso criativo que ela faz dos poderes da ficção e dos recursos metonímicos. Assim o substantivo cora pode ser a derivação regressiva do verbo corar ou, popularmente quarar, com seu significado de branquear roupas, expondo-se ao sol. Valendo-se uma sinédoque a substituição do agente (lavadeira) pelo trabalho (corar roupa), a poetisa auto-identifica-se, no papel de humilde lavadeira e em sua função feminina libertária. Libertária sim, pois, com a fantasia magnânima e com o êxtase da poesia, lava a sujeira, os monturos da vida, o pó da mesquinhez humana, para apresentar uma cidade luminosa, os becos rutilantes e as pessoas, amigas e irmãs. As lavadeiras, em sua grandeza, fazem do cotidiano mais limpo e perfumado. Cora, a lavadeira do Rio Vermelho, purga a meninice do cotidiano, elevando todos a bons sonhos. (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 24)

A esse respeito, Pesquero Ramón (2006) também defende que o pseudônimo Cora Coralina se alinha à cor vermelha do rio companheiro sempre ali, testemunhando vida, o seu Rio Vermelho de todas as horas que ao passar com suas águas também testemunha as

personagens coralinas, reconhece-se nelas e banha suas agruras e anseios, pulula aqui e ali cheio de elementos vilaboenses transmutados em cada ser que toca suas águas:

O adjetivo coralina empregado pela autora no seu significado de cor vermelho-amarelada, características dos atóis e recifes de corais (elementos aquáticos). Novamente, graças a mágica metonímica da substituição do objeto pela qualidade, serve-se da cor do coral vermelho para evocar e designar uma nova identidade: o Rio Vermelho com suas águas lamosas, vermelho-amareladas, e o vínculo de sangue com sua gente e sua terra. (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 25).

Tendo Cora Coralina ainda como objeto de reflexão, a poeta vai definindo o sujeito lírico, superando todos os próprios limites e ampliando os horizontes de sua existência. Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, *Aninha*, é Cora Coralina, mas também pode ser vários *eus* que possam se identificar com ela. Sua própria vida vai se confundindo em seus poemas por sua vivência poética e sua estética. Desse modo, muitas considerações em relação aos níveis semânticos relacionados à mulher, à menina e à velha vão sendo levantadas nos tempos passado e presente. Em função disso, neste primeiro capítulo, enfocamos seu biográfico.

Em seus escritos, Cora Coralina conduz ao entendimento que em sua vida várias foram as adversidades, mas também deixa em evidência a sua força e coragem de sempre enfrentar os desafios. As marcas e cicatrizes deixadas pelos problemas por ela enfrentados evidenciam que a sua luz sempre foi colocada bem no alto, a modéstia bíblica que seu nome propunha, a fidelidade do significado do seu nome no evangelho bíblico, a força que realiza sempre a acompanha, mesmo sendo taxada de “perna mole”, fazendo uso de uma trilogia mencionada por Pesquero Ramón (2006, p. 43) “liberdade/possibilidade/limitação”. Apesar de o ser humano querer sumir, desaparecer, ela se fez rígida, de pé, num renascimento constante. Deixou de lado as convenções humanas, seguiu o seu caminho descalça, de chinelinhos na estrada da vida metaforizada pela estrada dos *eus*, na qual essa velhinha, sem posses, é uma caminheira, de alma livre, narrando em versos uma vivência que a história desconhece, mas que a consciência exterioriza. Wendel Santos (1983, p. 104) afirma que: “a poesia alcança tanto a consciência como a subconsciência do processo de manifestação da humanidade do homem: ora, ao alcançar a subconsciência do processo, a poesia sabe de uma verdade que a história não pode saber”.

A poesia de Cora Coralina se faz em um universo imaginário com uma rede de símbolos que vai se construindo à medida que o leitor se aproxima da obra. A leitura refaz-se sempre que essa manifestação de interioridade se apresenta. A poeta usa de sua biografia, que

será apontada no próximo tópico, para evidenciar uma vida vivida não apenas por ela, mas por muitos indivíduos que se identificam com essa vivência. Uma lírica que assume a grandeza da interioridade. Nesse sentido,

O homem que fala na poesia lírica é aquele que assumiu a grandeza da interioridade e não desvela simplesmente vinculações de um único indivíduo; o poeta aprendeu a sentir a emoção ao mesmo tempo como sua e como de todos. O eu que aparece no texto pode ser pronunciado, até certo ponto, por qualquer outro homem, em determinado instante de existência. (WENDEL SANTOS, 1977, p. 116).

Cora Coralina tinha em suas mãos a habilidade de transformar com precisão o açúcar em doce e o verbo em vida. Desde remotos tempos escrevia seus poemas, mas a repercussão nacional se dá a partir da segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás*, em 1978, publicado pela editora da Universidade Federal de Goiás. Carlos Drummond de Andrade, ao receber um exemplar do livro, respondeu da seguinte forma à Universidade:

Cora Coralina,

Não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do seu.

- Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1979¹.

O poeta teve como resposta:

Carlos Drummond de Andrade. Meu amigo, meu Mestre.

Com alguma demora no recebimento de sua mensagem e maior da minha parte, vai aqui na pobreza deste papel de que só vale o branco, meu agradecimento àquele que de longe e do alto atentou para a pequena escriba, sem lauréis e sem louros, sem referências a mencionar. Sua palavra, espontânea e amiga, fraterna veio como uma vertente de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa e dura caminhada ao longo da vida. Abençoado seja o homem culto que entrega ao vento palavras novas que tão bem ressoam no coração de quem tão pouco as tem ouvido. Despojada de prêmios e de láureas caminha na vida como o trabalhador que bem fez rude tarefa, sozinho, sem estímulos e no fim contempla tranqüilo e ainda confiante atulha vazia. Meu Mestre. Meu Irmão. Que mais acrescentar? Eu sou aquela menina despenteada e descalça da Ponte da Lapa. Eu sou Aninha.- Cora Coralina. cidade de Goiás, 2 de setembro de 1979.

¹ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/08/20/interna_diversao_arte,443210/em-entrevista-filha-de-cora-coralina-divulga-poema-inedito-da-escritora.shtml.

Vivendo numa sociedade patriarcal e machista na qual era esperado que a mulher fosse submissa às vontades do marido, a poeta procura traduzir suas angústias em versos, porém:

O feminismo de Cora não é de revolta nem de rivalidade com a figura masculina. Nem tampouco é de passividade. Ela canta a glória anônima de sua grandeza, vivida e usufruída no silêncio obscuro do servir à causa da vida, nos mais humildes afazeres domésticos e vitais. (PESQUERO RAMÓN 2006, p. 71).

Cora Coralina, que esteve sempre à frente de seu tempo, usa de sua habilidade de escrita e perspicácia para dar voz a essas vozes silenciadas: “por esse viés, Cora Coralina justifica sua preocupação em emergir de seus poemas as vozes das mulheres excluídas de seu tempo e que, ainda agora, emergem” (VILAS-BOAS, 2013, p. 28). Esse poder que possui com as palavras fez de Cora Coralina a coragem de ser quem é, alargando seus limites, projetando seus sentimentos e os elementos de sua cidade, se autoproclama ser parte dela, em cada muro, em cada mulher, em cada beco ela se refaz para contar as *estórias mais* que foram caladas ou não ouvidas. Seus traços particulares forneceram inúmeras formas de representação aos olhos da sociedade:

Socialmente, a poetisa de Goiás foi considerada mais rebelde que dependente - ‘inassimilada’ - como ela mesma dizia. No seio da família, é a repisada ‘menina inzoneira’. Porém, o que importa é a natureza de sua experiência pessoal de ser fiel a si mesma, a despeito ao seu próprio apelo interior. No poema “Nasci antes do tempo” ela assume clara consciência da singularidade de seu destino. (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 71).

A poeta consegue, com suas palavras, dar significado ao ser, um significado de afetividade e existencialidade, nomeando de forma autêntica a intimidade. Nesse sentido, Pesquero Ramón (2006, p. 202) aponta que “O poeta limita-se a sugerir um novo sentido através de uma nova imagem que o leitor deve ser capaz de saber enxergar, por si só, ou com auxílio da explicação ou interpretação de outrem”. O poder criativo de Cora Coralina carrega em sua essência uma crítica-denúncia em muitos aspectos: “o poder de transformar e de satisfazer as necessidades anímicas do povo que representa refulge, em Cora Coralina, tanto em sua épica vida/poesia quanto na luminosidade das imagens literárias com que revela o ser das coisas, poeticamente cantadas” (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 143).

Cora Coralina cantou majestosamente seus versos. De uma forma lenta e gradual se deu o seu encontro com a poesia, precisou de um amadurecimento intelectual afetivo para que seus frutos fossem gerados. Ela saiu de sua cidade natal, alçou voos Brasil afora, se fez

mulher, mãe, escritora, entretanto, precisou regressar a Goiás para colher dados que a orientaram na escrita de seu livro:

Sim, foi naquele meio, afastada de tudo o que me prendia, sozinha, longe da vida de meus filhos (porque uma mãe quando mora com os filhos vive a vida de todo o mundo, menos a dela). Quando eu senti uma necessidade imprecisa, obscura de me por de longe, eu tinha qualquer coisa que me forçava a isso. Em Goiás, vamos dizer assim, abriram-se as portas do pensamento e escrevi o primeiro livro publicado. (FENSKE, 2011, s/p).

Apesar de todos os obstáculos em seu caminho, Cora Coralina não desanimava, deixava a voz interior falar, fazia de suas memórias guardadas alimento para sua escrita:

Nós temos dentro de nós um porãozinho. Ele abre e fecha automaticamente. E as coisas caíram dentro do meu porão. E o porão se fechou. E ficou fechado durante quarenta e cinco anos. O tempo todo que eu estive fora da minha cidade. E eu senti a necessidade de abrir esse porão voltando. Lá não. Tinha que voltar para abrir o porão. Aqui é que o meu porão tinha que ser aberto soltando as coisas de dentro. Soltando o passado de dentro. (FENSKE, 2011, s/p).

A poeta, em seu reencontro com a sua cidade natal, fez suas reescritas e registrou relações de um tempo em que esteve presente ou que ouviu falar. Esteve distante quarenta e cinco anos e, com seu retorno, estava despreendida de sua vida familiar e mais madura. Britto (2009, p. 32) entende que ela:

Conseguiu realizar uma leitura mais comprometida com os limites ditados pela sociedade; da mesma forma que, ao decantar a vida da qual testemunhou, pôde revelar a violência simbólica destituída em desfavor dos ‘obscuros’ e que não foi privilegiada nos autos oficiais do passado. Assim, um distanciamento outrora físico e agora temporal, na maturidade, dialoga com as lembranças das experiências vividas ou percebidas, na infância.

A poeta, no decorrer de sua narração, rompe o silêncio de si mesma, libertando paralelamente outros seres femininos que com ela se identificam. O feminismo de Cora Coralina é a busca pelo reconhecimento de um gênero socialmente esquecido, desvalorizado e declarado inferior ao homem. Não esquecendo o heroísmo anônimo de nenhuma “das obscuras”, ela homenageia a mulher, a mãe, a escrava, a mulher da vida, a lavadeira, a mestra, as virgens consagradas, a benzedeira e a velha. A poesia coralina faz considerações de identificação humana e social com essas personagens a tal ponto de fundir-se nelas. Cora Coralina tem uma riqueza metafórica social, ela tem o poder de satisfazer as necessidades do povo que representa. Consegue com sua vida/poesia cantar todo o ser das coisas. A poeta “ama e canta com ternura” os excluídos de sua terra. E os espaços escolhidos para essa

representação são os becos: “O beco emerge como personagem-símbolo, representação metafórica. Sua estória é uma bela e crítica crônica de costumes. Por ele, e nele, é revivida a história de uma sociedade-símbolo” (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 143). O beco da cidade de Goiás pode ser definido como um lugar cercado de morros que circundam e se fecham, tornando um labirinto quando se juntam outros tantos becos. Segundo Pesquero Ramón,

Cora, encantada, física, social e existencialmente, por uma terra e por uma sociedade fechada, que nunca pôde acompanhar o crescimento de sua eidade humana e social, descobre nos becos a matéria-prima para a construção de imagem poética de sua própria existência e experiência, bem como da gente pobre com a qual convive e compromete. Por outro lado, a etimologia da palavra beco, como significado de via estreita, frequentemente sem saída, um espaço fechado, favorece seu emprego poético. Com a angustura do beco (imagem de aterra e da cidade) e os elementos que compõem seu cenário, a poetisa configura seu próprio espírito que se mostra obumbrado e triste, mas traspassado por um filete de intensa luz. (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 145).

Assim, cantando com ternura, essa doceira de mãos prendadas de sabores e saberes vai transformando, com sua inspiração e delicadeza, os monturos dos becos apresentados em sua poética, iluminando-os de forma a transformar essa condição social imposta em milagres de luz. Foi abrindo seu baú de memória e revolvendo sua alma que Cora Coralina se tornou poeta “elevando, assim, aqueles que têm a felicidade de ser tocados por sua poesia” (PESQUERO RAMÓN, 2006, p. 159).

Ana revolucionária, feminista, religiosa e líder política que enviuvou, viveu em terras distantes por 45 anos; plantou rosas e depois retornou a Goiás de sua meninice. Aos 76 anos, publicou seu primeiro livro, reconquistou a Casa Velha da Ponte, construiu belo nome de doceira e fez poesia (VILAS-BOAS, 2013, p. 30).

Seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, objeto desta pesquisa, é composto por 36 poemas. Divide-se em dois momentos: no primeiro, faz um registro poético da vida em *Villa-Boa de Goyaz* e como foi a sua infância e a de outras crianças. No segundo, ela descreve uma cidade de Goiás da época, cheia de problemas sociais e faz referência aos excluídos utilizando de seus versos para apresentar o que a história oficial sempre escondeu: as prostitutas, as lavadeiras, os postos à margem de uma sociedade excludente.

As obras de Cora Coralina têm sua marca, a marca de relatos de luta e fortaleza diante das pedras encontradas pelos caminhos. Essas adversidades foram usadas para escrever o inventário de sua vida, foi uma mulher radiante, que exalava força e ordem em suas palavras, fez do silêncio dos excluídos um recorte cheio de sons e vozes. Reforçando essa

ideia, Iêda Vilas-Boas (2013, p. 39) afirma que “existem poetas e os fazedores de poesia. Os últimos são aqueles que planejam o poema como quem traça uma obra projetada com cálculos, régua e compasso. A obra coralina é constituída de poesia”.

1.2 Fortuna crítica e poética coralina

Essas lembranças individuais e sua forma de escrever deram à poesia de Cora Coralina um leque de possibilidades para estudos. Iniciou sua carreira como escritora muito jovem, aos 11 anos, e aos 16 anos já lia publicamente seus poemas nos saraus. Em 1907, conseguiu publicar seu primeiro poema no jornal *O Paiz*, seguido da publicação em 1910 do conto “Tragédia na Roça” no Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás. Com essa publicação, ela teve reconhecimento público quando Josias Santana, em 1908, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, em 1910, e Henrique Silva, em 1919, teceram suas primeiras críticas à obra da escritora goiana. Ela passa do conto ao verso, tendo uma forma peculiar e livre de escrita. Ficou no anonimato, porém não parou de escrever. Como doceira, aproveitava para divulgar seus escritos em meio à sua venda de doces.

Em 1965, já com quase 76 anos de idade, superando a barreira do preconceito nesse aventureiro caminho literário, ela lançou seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* pela editora José Olympio. Sob o viés de escritas no enfrentamento de dificuldades existenciais, em forma de poesia, ela vai tecendo a sua cidade natal, com sua história, seu povo, com seus traços culturais, mesclando o real e o imaginário de uma sociedade na sua coletividade. José Mendonça Teles é um de seus admiradores, em seu livro *No Santuário de Cora Coralina* faz jus a essa estima:

Não se sabe o que é mais admirável, nesta Cora que estreou na literatura, publicando o seu primeiro livro, numa cidade em que a maioria dos escritores abandona sua pena: se a sua lírica singela, mas expressiva, ou se a forte personalidade, que agigantava sua pequena figura humana, apoiada em muletas. Transfigurada pelo fogo sagrado do verbo, incendiada pela emoção poética, Cora Coralina dava a impressão de ser uma força vital, uma explosão da natureza, quando erguia-se trêmula, mas segura para dizer seus versos. (TELES, 1991, p. 48).

Seguindo sua trajetória como poeta, lança seu segundo livro em 1976, *Meu livro de Cordel*, pela P. D. Araújo Livraria e Editora Cultura Goiana. Em 1978, a Editora da Universidade Federal de Goiás publicou a segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, havendo uma repercussão nacional após as críticas de Oswaldino Marques e Carlos Drummond de Andrade. Cora Coralina compartilhou em vida mais dois livros: *Vintem*

de Cobre: meias confissões de Aninha, pela Editora da UFG, em 1983, e *Estórias da casa velha da ponte*, pela Editora Global de São Paulo, em 1985, mesmo ano de sua morte. Como Aninha, usa de sua pureza de criança que observa e cultua as histórias de sua descendência. Retrata a vida real em um emaranhado de reflexões, demonstrando sempre a força de seu compromisso poético e social. Pesquero Ramón explicita o que é a representação literária de Cora Coralina:

Frequentemente se diz que a poesia de Cora é uma lição de vida. No entanto, essa proposição alcança um sentido mais justo quando transpomos os termos desta maneira: sua vida é uma lição de poesia. [...] a vida real, quando tem a luz da imagem poética, adquire um poder de atuação social único – mítico, no sentido fascinante. A poesia coralina não tem somente o poder evocativo da polissemia da boa metáfora, que interpela o leitor como fazem as imagens oníricas. Sua poesia não é só imagem; ela faz o leitor defrontar-se com a força de um fato real: sua própria vida. (RAMÓN, 2006, p. 151).

Conforme Pesquero Ramón (2006), a poeta Cora Coralina se constituiu em uma “épica personagem de si mesma”, uma vez que ela conseguiu se autorretratar em muitas vozes, ou retratou muitas vozes em si, assim como conseguiu, de forma peculiar, ser transformada no mito de mulher que pode se dizer a guardiã de uma memória histórico-social da cidade em que a fez obra, pois muitos críticos escrevem sobre o mito da mulher Cora Coralina e não apenas a obra coralina.

Cora Coralina, com sua memória autobiográfica, aborda sua infância em sua cidade natal, sobretudo aquelas cenas dentro do seu local familiar. Em sua poesia, obra e biografia misturam-se com a figura pública da escritora, levando a uma mescla com a senhora doceira do Brasil Central. Embora ela escrevesse também uma literatura infanto-juvenil, as histórias ali narradas são de fantasmas e tesouros que envolvem seus parentes e a casa em que viveu com sua família. A linguagem simples e coloquial sincroniza a poeta com seu tempo.

Quando escrevo, escrevo por um impulso interior que me vem do insondável que cada um de nós trás consigo. Mas uma coisa eu digo a você: ontem nós falamos nas pessoas que ainda estão voltadas para o passado. [...] E eu digo a você: não há ninguém que não faça sua volta ao passado ao escrever. Nós todos fazemos. Nós todos pertencemos ao passado. Todos nós. Queira ou não queira. É de uma forma instintiva. Nós todos estamos ligados muito mais aos nossos avós do que aos nossos pais. (Cora Coralina, em “Cora Política Coralina”. *Jornal de Brasília*, Brasília, 7 outubro de 1984).

Cora Coralina foi publicada em muitos escritos reunidos, inclusive com publicação póstuma. Aos 75 anos estreou na literatura e, em 1965, com a obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* reúne vários poemas tendo como centralidade temática a

cidade de Goiás. A poeta de raízes populares, com uma sapiência dosada de ironia, característico de alguém que muito viveu e sofreu, retrata o amor pelo semelhante e pela denúncia social acerca dos excluídos. Com o seu estilo inconfundível, permite a cada leitor um passeio pelas histórias vividas nos *Becos* cheios de tradição de Goiás. O *Meu livro de Cordel*, publicado em 1976, é composto por 43 poemas, nos quais a poeta homenageia os menestréis nordestinos. São apresentadas, de forma poética, a alma dos rios, das pedras, o simples da vida, do amor e da morte, o trabalho exausto das lavadeiras. Trata-se de uma profunda revelação de compreensão dos atos rotineiros e heroicos de suas personagens.

Em 1983, mais uma moeda de ouro literária com a publicação de *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, cujo livro reúne poemas ricos de experiência humana, num lirismo sertanejo, retratando o povo de seu estado com sua maneira de falar, agir, de costumes, sentimentos com uma escrita de si, um desabafo frente a uma sociedade preconceituosa que dificultou o desenvolver de sua paixão pela literatura. O retrato da vida e das tradições goianas foi novamente cantado por Cora Coralina em 2001, no livro *Villa Boa de Goyas*. Em forma de poesia e prosa, Aninha traduz as relações de ternura com sua pequena cidade, atenta e curiosa descreve o velho telhado de duzentos anos, o badalar dos sinos, os velhos canaviais, a catedral, as ruas, testemunho poético de vida.

Em 2004, Darcy França Denófrio, mestre em Teoria Literária, organiza uma seleção especial intitulada *Melhores Poemas de Cora Coralina*. A obra, em formato *pocket*, foi bem aceita na mídia popular. O fato de a poeta expressar, em seus versos, simpatia pelo semelhante e uma defesa aos humilhados e perseguidos traz à literatura uma enorme receptividade popular, comumente porque em seus versos fala daquilo que as pessoas sentem e, muitas vezes, não conseguem expressar ou não podem. Como contista publicou, em 1985, o livro *A Casa Velha da Ponte* no qual o cenário central de sua narração é a casa onde Cora Coralina viveu grande parte de sua vida. Composto por 17 contos, a contista narra seu passado e faz menção à cultura dos povos humildes, mas com sabedoria. Esse local passa a ser o berço referência de identificação de Cora Coralina, tamanho o encantamento e o lirismo que ela conseguiu expressar em seus contos.

Em o *Tesouro da Casa Velha*, 1989, publicação póstuma, há uma seleção de 18 textos inéditos escritos por Cora Coralina depois de seus 90 anos, apresenta de forma mais intensificada a preocupação da autora acerca dos injustiçados e marginalizados em decorrência de uma sociedade feroz. A coletânea é de poemas que viraram contos, de personagens que mudaram de nomes e cirandaram pela Casa Velha da Ponte e pelos Becos de

Goiás, novos detalhes rebuscados de humor e severas críticas em uma poesia feita de memórias.

Cora Coralina, feita de poesia, também passeou pela literatura infanto-juvenil. Em 1986, publicou *Os meninos Verdes*, uma escrita com intuito de preservação ecológica em que ela conta, a partir de duas plantas diferentes, no quintal da Casa Velha da Ponte, o surgimento de criaturinhas estranhas que nasceram em meio às plantas boas e más. Cora Coralina é dona de uma escrita voltada para a valorização da cultura de sua terra e sua gente. Em seu livro *A Moeda de Ouro que um Pato Engoliu*, publicado em 1999, narra uma festa para comemorar o dia de São João à velha moda com muita comida, potes de doces, músicas, fogos e fogueiras. Para melhorar o cardápio, o padre resolve fazer um pato com arroz e a surpresa começa quando a cozinheira encontra dentro do pato uma moeda de ouro. Assim, a autora diverte o leitor com muita confusão e mistério.

Em 2002, mais uma obra voltada para o público infantil é lançada: *O Prato Azul Pombinho*. Essa obra é baseada em uma poesia publicada em seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, com o título *Estórias do aparelho azul-pombinho*, que tratava de um último prato de porcelana chinesa de um antigo jogo de jantar de 92 peças da bisavó de Cora Coralina. Em sua narrativa, a autora rememora a infância do eu lírico quando ouvia a história da princesinha Lui, com base nas figuras existentes na porcelana, um romance que era rejeitado por todos. Ao contar e recontar a história, novos componentes foram acrescentados. Certo dia, sem saber o motivo de o prato ter se quebrado, soube que a principal suspeita deveria andar com o caco pendurado no pescoço, conforme costume daquele tempo. É uma obra cheia de graça e ilustrações, aproximando ainda mais o universo infantil.

Em 2006, outro livro é publicado, *O Poema do livro*, também baseado em um poema do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Trata-se de uma narrativa expressiva do cotidiano no plantio e colheita vividos pelo povo rural. O “milho verde, milho seco, bem granado, cor de ouro” (CORALINA, 2014, p. 158) nas festas da colheita anual traz à tona uma reflexão sobre as questões sociais, dentre elas, o uso da terra. Em 2007, o conto *As Cocadas*, publicado pela primeira vez em *O Tesouro da Casa Velha*, ganha nessa edição cores, traços e ilustrações. Com uma narrativa detalhista em primeira pessoa, o conto envolve a criança e desafia sua curiosidade a cada linha, despertando o desejo de descobrir qual a resolução do conflito vivido pela personagem: *duas cocadas só... de noite sonhava, de dia dançavam na minha frente. E o pior o resto da bandeja teve que ser jogado fora*. Em 2009, a narrativa contida no livro *A menina, o Cofrinho e a Vovó* conta a história de uma avó que com dificuldade financeira resolve fazer doces para vender e com malabarismos vai driblando as

faltas: falta de tacho de cobre, falta de lenha. Um dia, resolve comprar uma geladeira usada a prazo. Para sua surpresa, a neta abre o cofrinho e lhe entrega o dinheiro para pagar a prestação. A narrativa inquieta o leitor para saber qual foi a moeda de troca entre a avó e a netinha. Uma história de afeto e gratidão.

Em 2011, é publicada uma nova história contada por Cora Coralina. A história envolve os membros de uma família: tia Laudemiria, tio Fidelcino, primo Zezinho, o avô, a bisavó Nhãnhã. Em *Contas de dividir e trinta e seis bolos*, o passado cultural da velha cidade de Goiás é relatado com causos, fatos do dia a dia e inquietações da convivência familiar. As personagens vivem conflitos como a perda de um filho, a separação de um casal e o uso da palmatória na aprendizagem escolar. O cenário é a fazenda Paraíso, cenário este de uma vida livre do personagem Zezinho, cheia de cores e cheiros e entrecortada pela rotina escolar e o castigo físico.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, uma senhorinha de quase 90 anos, conhecida por seus versos como Cora Coralina, só após ficar viúva publicou seu primeiro livro, aos 76 anos. Até então, mudou-se de sua Goiás para São Paulo, criou seus quatro filhos, vendeu livros e flores, retornou para seu berço e tornou-se doceira junto a um fogão à lenha no qual trabalhou muito. Orgulhava-se de seu *trabalho bem feito* e nunca parou de escrever seus poemas. Os leitores de Cora Coralina são conhecedores da doçura de seus versos e muitos são carregados pela curiosidade em saber como seriam os sabores dos tão famosos doces feitos pela poeta. Para matar essa curiosidade, a Global Editora, com a anuência de Vicência Bretas Tahan, filha da poeta, lança, em 2009, o livro *Cora Coralina Doceira e Poeta*.

Uma obra planejada para ser, além de um livro de receita, uma homenagem à comemoração dos 120 anos de nascimento da poeta, uma mulher guerreira que sempre esteve à frente do seu tempo. Mulher de aparência frágil, sempre levando com intensa dificuldade e resiliência a violência do seu destino, de suas experiências agridoces. Com malícia e ironia soube extrair sabedoria, tão forte em seus poemas, que a fez ser Cora Coralina. Em 2002, é lançada a biografia romanceada desta grande poeta escrita por sua filha caçula. Fez quase como uma conversa familiar, uma mistura de ficção e realidade adotando liberdade de criação sem trair a fidelidade dos fatos. Vicência Brêtas Tahan, assim como a mãe, escreve com simplicidade. A poeta ainda conta, em seu acervo, com a gravação, em 1989, de um LP vinil, no qual alguns de seus poemas são declamados por ela, por sua filha Vicência Brêtas Tahan e pelo ator Hilton Viana, trilha sonora de Eduardo Assad pelas Edições Paulinas. Na contracapa

do LP a seguinte frase de Cora Coralina: “Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos” (FENSKE, 2011, s/p).

1.3 Cora Coralina mulher: a própria imagem de uma época

Cora Coralina, com delicadeza de mulher, conduz o leitor a uma viagem aos seus becos de Goiás, em que seus poemas trazem valores para ela inesquecíveis. Ela se utiliza dos becos para se reconhecer e entender em qual espaço se encontra e fala com propriedade a partir deles. Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 151), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados”. As mudanças que ocorreram nesses becos podem ter transformado o modo de vida dos moradores, mas não as relações com o lugar, porque refletem um sentimento de pertencimento que enaltece no indivíduo a força de permanecer no lugar. Essa valorização se dá por meio das práticas cotidianas, de sentimentos e suas construções de linguagem a partir de suas experiências e valores: “É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais” (TUAN, 1983, p. 203).

Nos poemas de Cora Coralina, muita coisa é mediada pela imaginação e pelas representações simbólicas. No processo de construção de identidade, as personagens acabam por gerar um sentimento positivo em relação ao beco. E é essa relação de construção e afetividade que Yi-Fu Tuan (1980, p. 4) descreve como topofilia que, para ele, diz respeito ao “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Esse sentimento relacional da pessoa com o lugar é enigmático na poesia de Cora Coralina. A poeta demonstra, na estrutura de seus versos, a resistência em manter os acontecimentos de seus becos, de pessoas que destinaram ali parte de suas vidas emocional e física. Nesse transcurso de tempo, relutando em não abandonar suas lembranças para manter uma memória e um sentimento de identidade de valorização do ambiente, nessa contemplação da vida passada, sendo identificados como história local, cotidiano e as suas simbologias, Cora Coralina estabelece uma relação entre infância vivida e os becos de Goiás.

Os apegos ao lugar, à Casa Velha da Ponte, às ruas estreitas e aos becos úmidos, são representados pelo simbolismo e experiências pessoais, podendo exibir traços de uma poesia mnemônica. Essa rememoração do eu lírico para a sua própria terra a transforma no *locus* inspirador para a poeta. Como efeito, no poema *Cântico de Aninha*, em seu quinto verso, o eu lírico busca estimular sua memória, rememorando uma associação de fatos já experimentados: “Ainda vejo/ Ainda sinto/ Ainda tenho/ na mão fechada [...]” (CORALINA, 2001, p. 21). Estes espaços de memórias são acolhedores, carregam em si características de

um determinado tempo. Cada rua, cada bairro, cada edificação traduz as marcas das pessoas que compuseram a sua realidade. Cora Coralina (2001), em *Lembranças de Aninha*, traz consigo essa alusão:

Eu os vejo, através das lentes da recordação. Os urubus. Nos telhados e muros da cidade abriam suas negras asas espanejando suas penas chuvadas, para retornarem ao vôo alto. Às vezes, vinham doentes, claudicantes, comboiados pelos parceiros em círculo, planejando o vento, dizia a gente mais antiga da cidade. Baixavam na velha cajazeira do quintal, tomavam seus fôlegos, passavam para a murada, depois para a terra. (CORALINA, 2001, p. 181)

Todos são, na verdade, centros de significados, uma visibilidade que representa todo o saber e vivência do humano. Esse sentimento topofílico mitifica as ruas e becos da cidade reconstruindo “todo errado de minha terra” (CORALINA, 2014, p. 93) em versos e, com um posicionamento crítico em uma poesia esteticamente híbrida e informal, a poeta promove a cidade de Goiás mundo afora. Quando abre seu livro *Becos de Goiás e estórias mais* (2014, p. 23), Cora Coralina descreve um modo diferente de ver seu livro florescer:

Este livro pertence mais aos leitores do que a quem o escreveu. Que o saiba sempre em brochura, ao alcance de crianças, jovens e adultos, que mãos operárias repassem estas páginas e sintam-se presentes, junto à mulher operária que as elaborou. Que possa ultrapassar cidades e alcançar a alma sertaneja, levando minha presença-terra aos enxadeiros e boiadeiros que tanto me ensinaram. Que entre em casas das mulheres marcadas pela luz vermelha [...] possa ser lido em prisões e levar ao presidiário a última página deste livro num apelo de regeneração e na minha oferta de fraternidade humana. Tenha ele sempre uma apresentação simples e sugestiva e, por muito tempo, possa viver fora das encadernações de luxo entre lombadas hieráticas e dourados bonitos.

É assim que se vê refletida a poeta Cora Coralina, mulher, escritora e doceira, que desse olhar do Rio Vermelho cresce e se faz ponte, conhece os becos, os lugares intermediários e as vidas que o compõem. Quando volta à cidade de Goiás, viúva, com filhos já criados, e com um olhar feminino, prudente e sensato, volta às lembranças de um passado sentido e vivido em seu tempo de criança. Encanta e conta sua cidade entre o concreto e o imaginário, resgatando a história de Goiás, representando o lugar, contendo uma carga emotiva, ligada ao tempo de vivência, dando sentido à identidade do *eu*, relacionando os acontecimentos nos tempos de pompas, ouro, mulheres, escravos, prostitutas, lavadeiras, meninos lenheiros. Essas minorias ganham vida e significados em sua poesia nos versos que compõem o poema *Todas as vidas*:

Vive dentro de mim

a lavadeira do Rio Vermelho.
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão [...]
 Vive dentro de mim
 a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola. [...]
 Vive dentro de mim
 A mulher do povo.
 Bem proletária [...]
 Vive dentro de mim
 A mulher roceira,
 Trabalhadeira
 De pé no chão,
 bem parideira. [...]
 Vive dentro de mim
 A mulher da vida
 Tão desprezada [...]

Todas as vidas dentro de mim:
 Na minha vida –
 A vida mera das obscuras.
 (CORALINA, 2014, p. 31-33).

Cora Coralina apresenta os becos como uma representação de poder em que essa minoria, anônima em relação a esta sociedade estratificada pelo ouro e pelas pompas, ganhava destaque e circulava livre. Esses becos, em suas vias estreitas, eram úmidos e escuros, ligavam as ruas, aproximavam as casas, possuíam muros altos, chão de pedras centenárias e possuíam uma beleza singular. Nasceram das muitas histórias pessoais e representam a experiência humana vivida e sentida pela poeta e suas personagens. Nesses becos, contam os mais velhos, tem poesia, romance e Aninha. Cora Coralina, em seu poema *Minha cidade*, retrata todo o sentimento topofílico com o lugar:

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 De tuas ruas estreitas [...]

Eu sou aquela mulher,
 Que ficou velha,
 Esquecida,
 Nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 Contando estórias,
 Fazendo adivinhação.
 Cantando seu passado.
 Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
 E sobrados,
 E telhados,
 E paredes.
 (CORALINA, 2014, p. 35).

Nesse poema, Cora Coralina escreve com simplicidade de palavras a aproximação das coisas ingênuas e naturais do eu lírico. Quando usa o pronome *minha*, dá a ideia de afetividade por ter a cidade de Goiás como o seu local de nascimento. Em seguida, usa o *eu* e o *sou*, pronomes que metaforizam a voz lírica, deixando marcado o seu sentimento de amor por sua cidade, fundindo o *eu* presente e o *eu* passado numa representação de afetividade ao se referir à cidade natal.

Eu sou aquele teu velho muro
Verde de avencas [...]

Eu sou essas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras. [...]

Eu sou o caule
Dessas trepadeiras sem classe,
Nascidas na frincha das pedras:
Bravias. [...]

Eu sou a dureza desses morros,
Revestidos,
Enflorados [...]
Minha vida,
Meus sentidos,
Minha estética,
Todas as vibrações
De minha sensibilidade de mulher,

Têm, aqui, duas raízes.
(CORALINA, 2014, p. 35-36).

Estes espaços multifacetados falam pelos orifícios da máscara dos que viveram em situação de inferioridade, mas que não se calaram e que fizeram desse lugar de desprivilégio uma vivência empoderada entre o viver a tradição e a transgressão. O beco compõe certa liberdade de vivências, de significados tão comuns e incomuns de si, somados a uma construção social que possa ser utilizada para a estruturação da identidade de suas personagens.

Essas personagens fazem do beco um lugar marcado pelas relações, pela cultura, pela história e pela memória. Cora Coralina conta, em seus versos, essa busca pela legitimação dos excluídos, mal afamados que, num passado rememorado, revela esses registros de formas de vida acompanhados pelas histórias místicas de uma época guardada, que possui sentidos, saberes, em que vários pontos se cruzam de forma individual e coletiva, entre o ficcional e o histórico nos becos de sua obra. São esses acontecimentos marcantes na vida dos indivíduos que os levam a se relacionar com a localidade e a afetividade e os ligam

ao tempo de vivência no lugar. Essas relações de afetividade são apresentadas nos versos da poeta como representação de vida nos *Becos de Goiás*:

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
 Descendo de quintais escusos
 Sem pressa,
 E sumindo depressa na brecha de um velho cano.
 Amo a avenca delicada que renasce
 Na drincha de teus muros empenados,
 E a plantinha desvalida, de caule mole
 Que se defende, viceja e floresce
 No agasalho de tua sombra úmida e calada.
 [...]

E aquele menino lenheiro ele, salvo seja.
 Sem infância, sem idade.
 Franzino, maltrapilho,
 Pequeno para ser homem,
 Forte para ser criança.
 Ser indefeso, indefinido, que só vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura
 Todo o errado de minha terra.
 (CORALINA, 2014, p. 92-93)

Embora Cora Coralina utilize o verbo no tempo presente *amo* no poema acima, bem como emprega o adjetivo *amorosa* no poema *Minha cidade*, ela traz uma aproximação dos espaços da cidade e dos becos. E ainda que mencione, em seus versos, palavras que podem significar negatividade, fica evidente a relação que o eu lírico estabelece entre o amor à terra, que cria uma ideia de intimidade e de identificação.

Em seus versos, Cora Coralina remete a caminhos que mesmo não percorridos por ela, se apresentam na paridade do outro, cúmplices de uma vida à margem. Observa e ama esses becos de forma natural e simples, declama a vida interna desse lugar, colocando o podre do beco em contraste com a beleza em sua poesia. Para Yi-Fu Tuan (1980, p. 129), “os lugares são produtores de imagem para a topofilia, possuem um estímulo sensorial que, ao agir com a imagem percebida, dá formas às nossas alegrias e ideais”. São, dentre outros motivos, esses laços de afetividade que ligam o humano, abstrato ou concretamente, ao lugar vivido que desperta sentimentos e conduz os poetas.

Becos da minha terra,
 Discriminados e humildes,
 Lembrando passadas eras...

Beco do Cisco
 Beco do Cotovelo
 Beco do Antonio Gomes

Beco das Taquaras
 Beco do Seminário
 Bequinho da Escola
 Beco do Ouro Fino
 Beco da Cachoeira Grande
 Beco da Calabrote
 Beco do Mingu
 Beco de Vila Rica [...]

Becos da minha terra...
 Becos de assombração.
 Românticos, pecaminosos...
 Têm poesia e têm drama.
 O drama da mulher da vida, antiga,
 Humilhada, malsinada.
 Meretriz venérea,
 Desprezada, mesentérica, exangue.
 Cabeça raspada à navalha,
 Castigada a palmatória,
 Capinando o largo,
 Chorado. Golfando sangue.
 (CORALINA, 2014, p. 93-95).

Sendo assim, é como se o espaço fosse revivido e permanecesse vivo por meio dos versos, é uma relação desses lugares que são criados liricamente com os espaços da memória tendo, assim, uma relação de afetividade entre o que é lembrado, a imagem e o afeto aos espaços que são reconhecidos em sua poesia. A representação desse espaço, não precisamente físico, e o caminho que o eu lírico percorre traduzem um sentimento positivo, pois sente nele o acolhimento e um sentimento de apego ao passado em que, para Cora Coralina, a cidade passa a representar uma espécie de abrigo, sendo acolhida em suas vidas enquanto menina, mulher e idosa.

São essas simbologias que nos fazem ver e interpretar o que há ao redor. O sentimento que a poeta tem pelo rio, que a inspirou a escrever muitas de suas poesias, também a fez escrever dois poemas como o mesmo título *Rio Vermelho* em dois de seus livros: *Villa boa de Goyaz* (2003) e *Poema dos becos de Goiás e estórias mais* (2014). Em ambos, ela descreve a ponte que liga seu destino e traça sua vida:

Longe do Rio Vermelho.
 Fora da Serra Dourada.
 Distante desta cidade,
 Não sou nada, minha gente.

Sem o rebuço, falo sim.
 Publico para quem quiser.
 Arrogante digo a todos.
 Sou Paranaíba pra cá.
 E isto chega a mim.
 [...]

Rio Vermelho – eu rio.
 Rio que atravessei um dia
 (Altas horas. Mortas horas.)
 Há cem anos...
 Em busca do meu destino.
 (CORALINA, 2014, p. 79-83).

Longe de ti, oh!, Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiciosa e sedativa que despertou complacente as ilusões de minha adolescência... Oh! Águas antigas e tranquilas! Corréis, corréis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar, fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos. (CORALINA, 2003, p. 103).

Em sua poesia, Cora Coralina fala do Rio Vermelho e suas águas como uma forma de representação poética de sua cidade, a cidade de sua infância e de seu abrigo na velhice. Nessa perspectiva, os espaços contidos na cidade enfatizam o que o eu lírico vê nele, assim, esse espaço é amado, vivido e percebido dando uma significação mais específica. Desse modo, Cora Coralina constrói um sentido de espaço do Rio Vermelho como representação. Ela usa-o como porta-voz de sua poesia, representando seus laços afetivos vinculados ao espaço de sua vivência e intimidade.

Cora Coralina sentiu e viveu a cidade de Goiás. De diferentes maneiras, fez dela o seu lugar de segurança, buscando em cada espaço a vivência que o eu lírico teve nesse lugar, conduzido pelo sentimento positivo e tecendo o seu elo afetivo. Nesse espaço de topofilia, ela vive, tem nele a representatividade do lar, da volta. Em razão disso, seus versos possibilitaram o reconhecimento das especificidades de outras vidas, vidas caladas, violadas, silenciadas. Memórias de gerações que se cruzam no tempo e se tornam repletas de significados e que a partir dos becos esta convivência entre os opostos passa de uma lembrança a particularidades de sentimentos existentes. É notável que o ser humano tem por necessidade olhar para o passado buscando um entendimento do eu e da identidade. Lugar aniquilado pelos dominantes tem sua valorização, tornou-se espaço vivido, conhecido, cheio de relevância, por meio do acréscimo do sentimento topofílico e contribui para a formação da identidade dos becos de Goiás.

O *diamante goiano*, assim referenciado por Carlos Drummond de Andrade, utiliza desse gênero lírico como recordação das experiências. Percebe-se, em sua arte, que a poeta não apenas a fará de forma criativa e descritiva, mas ela vê em suas experiências do passado uma possibilidade de produzir a consciência atual. Ela se fundamenta na memória, de forma a manipular suas lembranças, tornando-as mais lúcidas e trazendo à tona sua experiência de vida numa forma de redescobrir o novo a partir do velho em uma ligação de memória e história. Expressa em seus poemas aquilo que viu, viveu e ouviu, como menciona a poeta “eu

sou a geração ponte”. Cabe apontar aqui que sua obra não se limita a transmitir sentimentos de derrotas e desânimos, as circunstâncias que a vida lhe impôs a ensinaram a escrever muitas vezes o contraditório. Sua poesia interligava o presente inspirado nas tensões e angústias do passado, ressignificando o tempo, se reinventando, triunfando sobre as imprevisibilidades do destino e acreditando sempre em sua capacidade de renascer, realçando e potencializando o seu canto. Um de seus poemas retrata essa dura realidade vivida por ela em *As pedras*:

Ajuntei todas as pedras
 Que vieram sobre mim
 Levantei uma escada muito alta
 E no alto subi
 Teci um tapete floreado
 E no sonho me perdi
 Uma estrada
 Um leito
 Uma casa
 Um companheiro
 Tudo de pedra
 Entre as pedras
 Cresceu a minha poesia
 Minha vida
 Quebrando pedras
 E plantando flores
 Entre pedras que me esmagavam
 Levantei a pedra rude dos meus versos.
 (CORA CORALINA, 1998, p. 13)

Nesses versos, a poeta metaforiza as pedras, expõe as dores de cada uma em seu caminho. Esta linguagem poética das obras coralinas, numa análise baseada em Pesquero Ramón (2006), é como se ela fosse capaz de transportar o leitor ao passado, levando-o a um reconhecimento, por assim dizer, quase que na mesma sensibilidade criativa e de expressão da autora. Há em ambos, no leitor e na poeta, uma identificação efetiva e profunda, trazendo semelhanças significativas e enigmáticas.

Cora Coralina usa de sentimentos para referenciar sua obra, possibilitando que seja mais do que escritos antigos que fazem recortes do passado e traz ao leitor uma reflexão de um modo diferente de ver a vida, de cantar o tempo na interpretação do *eu* e do *outro*. Especificamente nos *Poemas becós dos Goiás e estórias mais* tem-se o modelo de muitos personagens e espaços, estes aos serem inseridos na literatura vão restaurando parte do imaginário da antiga capital do Brasil Central. Partindo de uma análise mais minuciosa, costumes, mitos e imposições da classe dominante vão sendo apontados com as

transformações socioeconômicas da época e, também a partir dos becos, os “outros” foram sendo resgatados tendo como base suas experiências, vivências, cantando suas comunhões, exclusões e seus deleites.

Nesse espaço *todo errado*, onde os excluídos eram mantidos e no qual circulavam os pobres-miseráveis e aqueles que abasteciam o comércio, os mesmos caminhos eram percorridos por essas duas pontas da economia urbana. Cora Coralina não teve a intenção de escondê-lo, mas contemplá-lo. Simultaneamente, a poeta canta um canto de dor e de denúncia “pequeno para ser homem, forte para ser criança” e finaliza “que só se vê aqui na minha cidade” (CORALINA, 2014, p. 95). Entretanto, mundo afora, esse menor é lançado pelas muitas cidades modernas sendo colocado à margem em um processo capitalista que diminui os fracos em nome de uma estética de beleza proposta pela globalização. Repetições infinitas, de eras passadas que se reproduzem como tal e que serão perpetuadas até que o beco seja reconhecido como um lugar de seres humanos pertencentes à sociedade.

As *Velhas estórias* foram contadas de múltiplos lugares, como no “Beco do Cisco, Beco do Cotovelo, Beco do Antônio, Gomes Beco das Taquaras, Beco do Seminário, Bequinho da Escola, Beco do Ouro Fino, Beco da Cachoeira Grande, Beco da Calabrote, Beco do Mingu, Beco de Vila Rica” (CORALINA, 2014, p. 94). Das personagens pouco se sabia, porém cada uma delas possuía sua identidade e juntas foram somando vidas, construindo mitos, costumes e crenças, experimentando sem ter ciência o hibridismo cultural e identitário, tornando-se iguais e confrontando a hegemonia da imponente Goiás. Para Cora Coralina, o beco deixa de ser apenas um espaço de abrigo, mas um lugar de estórias reais, vividas por excluídos, meninos, mulheres da vida que devem ser registradas nos autos *antes que o Tempo passe tudo a raso*.

Cora Coralina identifica-se com as vozes que ela canta, e/ou as vozes que ela canta se identificam com ela, um bumerangue de vidas que se entrelaçam e se identificam nesse todo errado, nesse modo terno em que a poeta se coloca como delatora de uma hegemonia machista, excludente, e com ternura vai apresentando todos que não cabiam nesse progresso resultante do capitalismo. A poeta fez dos becos o *Vintém de cobre* de sua produção literária, não por ser reconhecida e recompensada financeiramente, até porque ela sempre teve orgulho de ser chamada de doceira, mas por cantar sua terra, falar de suas dores, da terra sombria, das criaturas obscuras e obscuras ruas sem saídas, dos homens machistas, das mulheres damas, dos meninos lenheiros, desprezados, jogados à margem. Essa doceira, de pouca instrução escolar, mulher, velha, conseguiu traçar em duzentos e trinta e seis páginas um legado do silêncio e dos silenciados de sua terra em seu *Poema dos becos de Goiás e*

estória mais. Ebe Siqueira responde, em entrevista para Reimer (2020), sobre Vida e Obra de Cora Coralina, ao ser perguntada “que arte é esta que transforma a existência em poesia tão profunda?”

Monumentalizar o prosaico, como os becos mal afamados e tudo que neles apodrece ou viceja, atribuir grandeza aos que são desprezados pela sociedade, como as mulheres da vida, e todas as Marias que rolam pelo mundo é o que constitui matéria de poesia para Cora Coralina, matéria que está ancorada no filtro da memória. Sua opção de fazer uma literatura comprometida, sem ser panfletária, já se revela nos primeiros textos que escreveu ainda na juventude, quando se nega a fazer poesia romântica, como seus contemporâneos, destacando-se como contista de primeira grandeza. Sua estética está comprometida com uma ética que revela o modo de ser próprio, o ethos para lembrar a origem grega da palavra. (SIQUEIRA, 2020, p. 932).

E acrescenta:

Os poemas de Cora Coralina são um exercício de resistência diante de uma queda iminente, da poetisa ou de todas nós que estamos de pé diante da vida. [...] aumentando o número de ablativos que a vida cuidou de lhe tatuar na pele e na memória, só serviu para lhe dar mais asas para seu grande voo. [...] O que não podiam imaginar, seus detratores, é que a mundividência viria a ser uma de suas maiores qualidades como ser humano e como artista. [...] Contudo, sendo no passado, como na atualidade, é que a literatura existirá também para nos ensinar a cair, a levantar e a refundar uma cidade como foi o que fez Anna Lins, Aninha, Cora Coralina.” (SIQUEIRA, 2020, p. 936).

Em suma, as obras de Cora Coralina são pautadas na relação da memória, das lembranças que a poeta conseguiu armazenar durante anos em seu porão, dos cantos calados, das pedras jogadas, da exclusão social e familiar sofrida, das experiências vividas nos caminhos percorridos por ela. São planos de sonhos e lembranças que a poeta consegue, através do ato lírico, declamar por meio de seu próprio modo de viver. Le Goff (2013, p. 437), em relação à memória diz: “A memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e ao futuro”. Desse modo, utilizando-se desse alimento, Cora Coralina passou a ser conhecida pela crítica após a publicação de uma carta a ela endereçada por Carlos Drummond de Andrade, porém seus escritos datam do início do século XX e são uma fortuna poética tímida se considerado o seu valor histórico e literário. Cora Coralina representa a identidade e a cultura de um povo, sua caminhada atribui novo sentido ao velho, mediando vozes, fazendo surgir o desejo e a possibilidade de viver as escolhas.

A poeta firmou-se com uma arte que desencava o passado e se faz ouvida por meio dele, contribuindo no cenário intelectual para a construção de uma nova identidade social, partindo de um *modo diferente de contar velhas histórias*. A cada leitura, pode-se

perceber a amplitude de sua escrita, nela vivem, por meio de seus versos, personagens, casas, ruas, sons, cheiros, gostos, o Rio Vermelho, culturas, preconceitos, usos, costumes, gritos, em uma orquestra da vida, de um passado histórico do Brasil Central, cidade de Goiás. Uma fala enriquecida por características de *outros* e *eus*, personagens escolhidos por Cora Coralina, memórias de várias gerações que deram significados às suas obras, causando no eu lírico uma sensação de acolhimento e amor.

A carga poética de Cora Coralina nos permite adentrar num estado de emoção, seus textos têm um sentido autêntico de uma poesia que desabrocha no Brasil Central reunindo, em seu verso livre, a memória, o imaginário e as expressões líricas com várias personagens, dentre elas a condição da mulher no século XX, em uma época de enclausuramento, de escravidão no lar com voz silenciada. Cora Coralina, com sua poética, consegue transportar as angústias dessa subordinação e se faz representante/representada desse grito por liberdade, assim, consegue fazer um traçado em seus versos do eu poético e da sua obra, pois desvela em dizer que trazia dentro de si *Todas as Vidas* do universo feminino: a mulher do povo, a lavadeira, a doceira que amou, que sonhou, que fugiu, que fez doces, que voltou e que fez poesia. Pesquero Ramón (2006) novamente fala da “voz libertária da mulher silenciada (obscura)” de Cora Coralina:

As vozes que, numerosas, cascadeiam nas rimas de Aninha são femininas, da nascente ao fim. Não se trata, no entanto, de vozes femininas no sentido genérico. Essas vozes têm a identidade peculiar de vozes das “obscuras”, segundo a lapidar caracterização da poetisa. São vozes-cantos que rompem o silêncio do heroísmo calado. Do heroísmo que não veio a luz, na obscuridade do anonimato ou da discriminação social. A natureza de seu gesto libertador consiste nisso: libertar das trevas, do silêncio, da falta de reconhecimento. O feminismo coralino não é panfletário, “subversivo”. É sobretudo, de reconhecimento do feminino, socialmente esquecido, propositadamente silenciado e discriminado, e, por isso mesmo, subvalorizado, secularmente institucionalizado como inferior ao masculino. (RAMÓN, 2006, p. 113).

Cora Coralina reforça a ideia de que a mulher, independentemente de viver seus dramas sociais, mazelas, pedras, embates, consegue dialogar com o lirismo e a integridade dessas obscuras vozes dentro de um espaço em que ela abre as portas da casa velha da ponte. Inspira o leitor a acreditar que existe uma continuidade trilhada pela poética com força feminina, que percorrendo os caminhos de pedras traduz-se na essência da força da mulher, como uma Fênix, personagem do antigo Egito presenteada pela imortalidade da ave que renascia das cinzas.

Trata-se, assim, de uma mulher mito, que do seu fazer literário converte-se em

espelho, tendo como ponte seus sentimentos ficcionais do passado que se tornam tão presentes, sem fronteiras de tempo e espaço. Torna-se uma representação de vida do eu lírico e do outro, fazendo-se mensageira da liberdade, não interessando se é história ou estória, se é ficção ou realidade, ou até mesmo um misto de ambas, capaz de novas relações entre os seres humanos e as dimensões mais frágeis da vida. Rompendo com a tradição e associando sua autobiografia à poesia, ela buscou diferentes formas e imagens para propor uma ressignificação de linguagens, tempos e espaços.

Desse modo, o passado distante é trabalhado por sua memória de forma simples, bela e mística. A poeta observou e examinou os becos com suas imperfeições, tristezas e intencionalmente buscou na literatura um modo de trazer as pessoas a uma reflexão sobre a condição existencial, usando a história e a memória como ferramentas de indagações para mudanças. Partindo desta reflexão, seus versos tornam-se vozes triunfantes cantadas pelo tempo.

CAPÍTULO II

MEMÓRIA, ICONOGRAFIA E TOPOFILIA

2.1 Memória e poesia

Seria mais complexo estudar o passado sem as representações da memória. Ela representa a convergência entre a identidade do indivíduo e a história de vida que ele se recorda. Nesse contexto, pode-se dizer que o conjunto de nossas memórias é que determina a personalidade individual ou a forma de ser. Cada ser humano possui características individuais justamente devido à memória, uma vez que no decorrer da vida são adquiridas, de forma própria e exclusiva, não pertencendo a mais ninguém. Para Izquierdo a:

Memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se grava aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, que foi aprendido. [...] Somos aquilo que recordamos. (IZQUIERDO, 2014, p. 7).

Diante dessa afirmação feita por Izquierdo (2014), o vocábulo “memória” difere em cada caso, pois os mecanismos de aquisição, armazenamento e evocação são diversos. Segundo Izquierdo (2014), as memórias são feitas por células nervosas, chamadas neurônios, estes se armazenam em redes e são evocados pela emoção, pelo nível de consciência e pelos estados de ânimo. Assim, cada indivíduo descarta o que possa ser trivial e, muitas vezes, abarca fatos irrealistas. Ao longo da vida, vai se perdendo o que deixa de ser interessante e vai se incorporando variações que enriquecem suas lembranças.

Para Izquierdo (2014, p. 18), “talvez não seja sensato reservar o uso da palavra Memória para designar a capacidade geral do cérebro e dos outros sistemas para adquirir, guardar e lembrar informações; e utilizar a palavra ‘memórias’ para designar a cada uma ou a cada tipo delas”. Esse enigma chamado memória é cheio de abstrações: pode-se lembrar de forma vívida de uma rosa, do cheiro de uma comida, do rosto de uma pessoa, mas essas lembranças não são exatamente a realidade, pois a lembrança do cheiro da rosa não a traz de volta, são traduções de imagens guardadas na memória.

Ao penetrar na análise do que é a “Memória” ou, quem sabe, somente de “o que são as memórias”, atravessamos uma fronteira um pouco mágica. [...] Mas é um lado da ciência em que a magia está bastante presente: um lado em que há vários jogos de biombo ou de espelhos em cada tradução ou transformação. Porque afinal, traduzir

quer dizer não só verter o outro código, mas também transformar. Há algo de prestidigitação nessa arte que tem o cérebro de fazer memórias, de transformar realidades, conservá-las, às vezes modifica-las e revertê-las ao mundo real. E há também magia naquela outra nobre arte, a do esquecimento. (IZQUIERDO, 2014, p. 20).

É nesse jogo de espelhos, nessa magia, que a poesia se constrói. A partir de uma experiência individual, que se contextualiza em espaços e tempos exclusivos, ela traduz valores universais em caráter simbólico. Nessa experiência entre passado e presente, que também pode ser caracterizada entre ausência e presença, é o momento em que a articulação da criação acontece. Esse modo de ver o mundo por meio da poesia faz escritores anônimos serem (re)conhecidos e a memória passa a ser uma fonte geradora das imagens poéticas. Ela apresenta-se em um entrelace de lembrança de infância mostrando seu caráter crítico, entendendo o ser humano como ser único pela sua individualidade, este enquanto leitor se soma ao poeta e constroem juntos um outro sentido para a obra. Nas obras de Cora Coralina, a mulher doceira de Goiás é utilizada como autorreferência, presenteando o leitor com inúmeras oportunidades de leitura. Ao longo de suas obras, apresenta elementos recolhidos das vivências na sua infância e juventude nas ruas e becos da cidade de Goiás.

O tempo e a memória estiveram sempre contidos na poética de Cora Coralina. Já madura quando retorna à cidade de Goiás, por meio de seu olhar, seu talento e ideologia, buscou em suas memórias uma reversão do tempo. Vão se formando recordações nas quais a poeta se sente tocada pelo ausente da vida, mesmo que estes acontecimentos reais pretéritos estejam materializados em suas lembranças de modo a revivê-los em um encontro consigo mesma. É nesse presente que a poeta retorna ao cenário de sua poesia, podendo ser despertada pela memória, por objetos, sons, luzes e cheiros. É como se esta fosse a escrita do livro humano, sem ela, talvez, o leitor pudesse dizer que seria um livro sem frases, sem sentido, sem continuidade. A ideia de que na memória se preservam fatos passados, seria, então, a evocação do tempo passado. É por ela que percorremos “os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidos pela percepção” (AGOSTINHO, 1984, p. 274). Santo Agostinho ainda assevera que:

Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram, e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento. Quando aí me encontro, posso convocar as imagens que eu quero [...] encontram-se aí, a minha disposição, o céu, a terra e o mar, com aquilo tudo que neles colher com os sentidos, executando-se apenas o que esqueci. É ali que me encontro comigo mesmo, e recordo as ações que realizei, quando onde e sob que sentimentos as pratiquei. (AGOSTINHO, 1984, p. 274-275).

Essa lembrança que Cora Coralina faz de sua infância ultrapassa a memória da autobiografia e se espalha para uma construção poética por meio de fragmentos de seu imaginário. Muitos de seus poemas foram escritos a partir de sua experiência pessoal, *convocando as imagens*, ao passo que se empoderou das palavras e metamorfoseou suas lembranças em versos. O poema *Todas as vidas* é a representação da alma feminina, é esse olhar pessoal que Cora Coralina tem e que, ao mesmo tempo, torna-se o olhar de outros atores. Ela consegue, em seus versos, se representar de forma coletiva, em que é dado ao leitor a oportunidade de inúmeras leituras e interpretações. A cada nova leitura, uma nova versão é dada a essas estrofes. Ana, utilizando-se da personagem Cora Coralina, escreve sobre si em dualidade com as mulheres, suas aventuras, lembranças, sonhos e dissabores. Com a máscara de Cora Coralina, ela projeta como a própria autora se via na vida já amadurecida.

Ambas, criatura e criação, fortalecem-se mutuamente para uma poesia de resistência das intempéries da vida, carregada de uma força vital que utiliza sua voz trêmula para se fazer ouvida por sua segurança em declamar seus versos. É o que se segue em um de seus mais fortes poemas, que virou documentário dirigido por Renato Barbieri intitulado *Todas as vidas*. Nele, a poeta faz referências às vidas femininas que, ao longo de sua viagem terrena, ela viveu. José Mendonça Teles faz menção à poeta dizendo que “assim foi Cora Coralina. A mulher que viveu todas as vidas, que viajou pelo mundo das ideias, sem perder o sentimento de seu chão parado. Exímia narradora e de memória prodigiosa, produziu seus poemas numa linguagem poética coloquial de rara beleza estética”. (TELES, 1991, p. 53-54). Inspirada e com a mente transbordando poesia, Cora Coralina desdenha dos limites que a vida lhe impôs e esboça sua emoção em verbos nos versos de *Todas as Vidas*:

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau-olhado,
 acorada ao pé do borralho,
 olhando pra o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho.
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,

pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.
(CORALINA, 2014, p. 31)

Na leitura do poema *Todas as Vidas* é possível perceber não só as atribuições da mulher na sociedade, como também a representação da comunidade feminina, de seus papéis que comungam entre si, provocando inquietação e emoção. A forma como a poeta verbaliza com singeleza sua vivência num ato de representação de mulheres destemidas e, ao mesmo tempo, engolidas por uma sociedade que as deixam marginalizadas, demonstra a força feminina. Cora Coralina usou de seu amor pela escrita poética, na qual cimenta sua base de vida para descortinar o encoberto pela moral vigente da sociedade contemporânea. Utilizando-se de seus versos, externou preconceitos e dissabores vividos e assistidos ao longo de sua vida. Com suas cordas vocais trêmulas fez ressoar realidade e fantasia numa magia indissociável.

A paixão que a poeta demonstrou pela vida contribuiu para que sua vibração entonassem um fluir de emoções numa escrita feminina com grande potencial de expressividade. Com sua forma singela de escrita, não singela no depreciativo da palavra, mas na forma simples de se fazer entendida, a poeta ressignificou o corriqueiro, trouxe à vida a identidade de mulheres que, de forma particularizada, viveram dentro dela na imensidão de suas representações. É um misto de individualidade e coletividade, uma forma de se fazer representada e representar, calar e falar, o canto feminino da mulher, da resistência. Essa representação se dá a partir do verbo viver no sentido de existir nos versos seguintes do poema *Todas as Vidas*:

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,

e filharada.
(CORALINA, 2014, p. 32).

A mulher é uma multiplicidade de faces e a cultura dominante a afastou de sua identidade de pessoa, colocando-a num lugar de objeto, sem escolhas, perspectivas e reconhecimento. Contudo, no eu lírico de Cora Coralina essas mulheres passaram a ser representadas, vistas, ouvidas e sentidas. Os holofotes pouco perceptíveis passaram a iluminar o sujeito feminino revelando seu papel identitário. Desse modo, a repetição do advérbio *dentro* denota um sentimento de interioridade, de sentido, de representação, vivenciados a partir dessas mulheres *velha, lavadeira, cozinheira, do povo, da vida*, mulheres servidoras, subalternas, trabalhadoras, criadas por um sistema social e político machista que (des)constrói as relações sociais justas e humanas. São corpos negados socialmente de pessoas invisíveis que cuidam dos filhos, da casa, do bem-estar daqueles que se achavam detentores de autoridade. A poeta vai apresentando a vida de tantas outras escondidas dentro do espaço social, porém ausentes de vida, de presença e de valorização. Desde *a cabocla velha, benzedeira que tira mau-olhado*, aqui representada pela figura negra de cultura africana, passando pela *lavadeira* que, com o propósito de tirar seu sustento, alvejava as roupas das famílias abastadas. Na continuação do poema:

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
— Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida —
a vida mera das obscuras.
(CORALINA, 2014, p. 32-33)

A poeta faz menção de reconhecimento e carinho ao sentir também as dores de ser mulher. Quando faz uso do verbo *viver* enaltece esses corpos de existência marcados de forma

inferiorizada, mas que nos versos que seguem existe uma compreensão de que ali no *vive dentro de mim* há uma lição de bem viver, de valorização do que é simples, de trabalhos simples, porém de intensa tradução estética e reflexão social. Uma representatividade de vida e de denúncia ao desrespeito com o outro. Não deveriam ser as características físicas, de classe ou de instrução que apontaria o desigual, mas o seu comportamento desumano.

O espaço que a mulher ocupa atualmente é resultado de enfrentamentos aos vendavais impostos no percurso. Fazer-se ouvida, no espaço majoritariamente masculino, só foi possível por meio de um redimensionamento de comportamento de mulheres fortes, destemidas e de representatividade, para ser símbolo de outras tantas que ainda permanecem no anonimato. Djamila Ribeiro (2017) fala dessa mulher colocada como o outro:

A mulher foi constituída como o Outro, pois é vista como um objeto, na interpretação que Beauvoir faz do conceito do “em si” sartreano. De forma simples, seria pensar na mulher como algo que possui uma função. Uma cadeira, por exemplo, serve para que a gente possa sentar, uma caneta, para que possamos escrever. Seres humanos não deveriam ser pensados da mesma forma, pois isso seria destituir-lhes de humanidade. Mas esse olhar masculino, segundo a pensadora, coloca a mulher nesse lugar, impedindo-a de ser um “para si”, sujeito em linguagem ontológica sartreana. E isso também se dá porque o mundo não é apresentado para as mulheres com todas as possibilidades, sua situação lhe impõe esse lugar de Outro. (RIBEIRO, 2017, p. 23).

Com uma leitura atenta é possível perceber a solidão e a angústia que faziam parte desse universo feminino. Renegada para a vida pública, sempre exercendo funções consideradas menos importantes, aponta a discriminação: *analfabeta, de pé no chão, bem parideira*. Nesses idos, elas precisaram reconhecer e entender que haviam duas faces nessa vida: uma que era positiva em que se realizava enquanto mãe, esposa e com o raciocínio trabalhado na educação feminina, outra negativa na qual deveria enfrentá-la, permitindo que a mulher descobrisse seu lado criador, se mostrando como presença na luta para ser vista e ouvida. O gatilho foi, então, a literatura, usada para não silenciar por completo essas mulheres detentoras do desejo de transposição.

Na visão do escrever para lembrar, Cora Coralina recompõe ao lado da memória fragmentos não oficiais, isto é, não documentados pela história, mas por meio de seus arquivos afetivos tira das ruínas e dos monturos a poética que perdurará após o fluxo de sua consciência. Vai se desvendando e se mostrando como uma mulher que tem dentro de si o pulsar de muitas vidas, o grito que o tempo silenciou passa agora, por meio da poesia, a ecoar nos versos o passado reinventado, impelindo a poeta a renascer a cada momento de sua

escrita, conduzindo o leitor à magia de que o tempo é matéria poética e não se pode prendê-lo, fazê-lo parar.

Para tanto, quando a poeta exhibe que *vive dentro de mim a mulher da vida*, exige uma nova construção de conceitos referenciais no que tange ao outro, principalmente naquele espaço sombrio, oculto, obscuro que essa mulher mal afamada faz parecer real a alegria do seu triste destino. No findar de seus versos, a colcha de retalhos de vidas femininas vai sendo tecida ao denunciar a *pseudo* insignificância do ser mulher, do estar na penumbra, de sentir o sombrio, o ignorado, o tenebroso, viver o “triste fado”. Este roteiro pode levar o leitor a desejar uma vida que fosse pautada no imaterial, que ligasse a humanidade sem que diferenças de raça, sexo, etnias e nível social fossem percebidas, ou pior, determinantes.

Cora Coralina estando em sua terna cidade de Goiás, estava atenta aos conflitos externos aos muros da antiga capital do estado. A poética apresenta essa versão solidária que ela tinha em defender os injustiçados, os colocados à margem de uma sociedade excludente e desumana. Teles (1991, p. 49) diz que: “a poetisa estava atenta e vigilante. Dramas sociais como o do menor abandonado, o da mãe solteira, que mergulhava na prostituição, habitavam suas preocupações, inundavam o lirismo e humanismo seus versos arrebatados pela revolta e pela indignação”. Esse lirismo nos envolve quando em seu desafogo final, *Todas as vidas dentro de mim:/na minha vida/ A vida mera das obscuras*, é registrada a vida da mulher depreciada e sem aprovação. Demonstra um corpo circulando como sombra pela vida.

A poeta transmite uma sensibilidade ao descrever os papéis assumidos por mulheres e o seu eu oculto. Utiliza de espaços vazios para revelar sentimentos considerados inexistentes e negados. Nesse contexto, a memória é como uma evocação do passado, trabalha o eu lírico com sabedoria, pois demonstra o sentimento específico do ser feminino. Nesse momento, a poeta, o coletivo e o humano se entrecruzam no tempo, na construção e na imaginação. A sucessão de criação dos versos no poema tem um conteúdo social com limitações da experiência de ser mulher no século XX. Em tempos atuais, existe a crença na contemporaneidade e no futuro, mas esta lembrança social da mulher como sombra perpassa a luz, o que fez com que, apesar das mazelas, ela conseguisse seu espaço de fala. Assim como Cora Coralina, muitas outras escritoras surgiram para apontar e denunciar, da mesma forma que em *Todas as vidas*, visto que os alvos sociais não mudaram. Elas se fizeram ouvidas, mas continuam sendo violentadas física e psicologicamente, o peso poético tem outra face: o de vir à tona todas as dores de uma vida, *a vida mera das obscuras*. Cora Coralina tem como pilar a historiografia da cidade Goiás com personagens que dão vida aos seus poemas. Entrelaçando suas próprias lembranças à memória coletiva, ela vai guiando o leitor a um universo de

tempos retalhados, de pessoas anônimas e, nesse entrelaçar de vida e memória, ela cantou em versos a voz dos excluídos no que viu, leu, ouviu e conjuntamente viveu.

2.2 Iconografia e Iconologia

“A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças a lembrança.” (CANDAUI, 2019, p. 15). Essa lembrança associada à escrita é a forma mais comum de comunicação do homem. Entretanto, antes do seu surgimento, imagens reais e figuras abstratas eram gravadas em pedras e usadas como forma de comunicação. E os signos, ainda hoje, se mantêm como instrumento de evocação e de transmissão de cores, formas e significados. Silenciosamente, essa evocação das imagens, sem haver a interposição das palavras, fomenta a imaginação transmitindo costumes e comportamentos ligados a uma experiência efetiva frente a um objeto real. Esses signos esquecidos nas fachadas de casarões, mausoléus, ruas, museus ganham vida nova ao se converterem em fonte de inspiração dos poetas. É com essa lembrança adicionada à imagem que os becos da poeta Cora Coralina são percorridos. Essas iconografias utilizadas não são meramente interpretadas em sua superficialidade, mas, sobretudo, são lidas em seus íntimos detalhes numa associação entre imagem e representatividade, iconografia e iconologia.

Panofsky (2011, p. 50) elaborou uma proposta de descrição da imagem fotográfica, que se divide em três níveis de interpretação. O primeiro, voltado ao significado primário ou natural, é o da descrição pré-iconográfica. Essa descrição consiste na identificação de formas puras, bem como de objetos e eventos presentes na imagem. O segundo nível, voltado ao significado secundário ou convencional, é o da descrição iconográfica. Diferente do nível anterior, este consiste não somente na descrição pura e simples dos objetos retratados, mas na ligação das composições da imagem com assuntos e conceitos. O terceiro e último nível, voltado ao significado intrínseco ou conteúdo, é denominado descrição iconológica. Esta descrição é definida pela descoberta e interpretação dos valores simbólicos presentes na imagem.

A partir de uma imagem é possível, segundo o pensamento de Panofsky (2011), contar uma história ou estória por meio da iconologia, pois parte do pressuposto de uma orientação que desenha com capricho e de forma minuciosa as representações subjetivas: virtudes, vícios, sentimentos, segredos, esperanças, preconceitos e paixões humanas implícitas em uma fotografia. Panofsky (2011, p. 53) explica que o sufixo *grafia* deriva do verbo grego

graphein, que significa escrever. Relata o que está *escrito* na imagem. Trata-se, portanto, de um método puramente descritivo, ou seja, “coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese”. Já o sufixo “logia” deriva de *logos*, que significa pensamento (razão). Iconologia, portanto, é um método

de interpretação que advém da síntese mais do que da análise. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica. (PANOFSKY, 2011, p. 54).

Embasado na terminologia e na aplicabilidade descrita por Panofsky (2011), o pesquisador brasileiro Kossoy (1999) adaptou a iconografia e a iconologia para as especialidades do universo fotográfico. Mantendo as definições aplicadas na observação das obras de arte, introduziu elementos e conceitos próprios e específicos para o estudo de fotografias. Partindo do pensamento de que toda imagem transporta de si um mistério que se esconde por trás da aparência pura e simples, pois está alocada em uma dimensão além da visibilidade registrada, Kossoy (1999, p. 58) sugere a iconografia e a iconologia como duas linhas de análises capazes de decifrar as informações explícitas e implícitas no documento fotográfico. A iconografia seria a responsável pela reconstituição dos elementos visíveis que compõem a fotografia, enquanto ficaria a cargo da iconologia uma minuciosa recuperação das informações codificadas (invisíveis) dentro dessa imagem.

Uma reflexão centrada no conteúdo, porém, num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verismo iconográfico. É este o estágio mais profundo da investigação, cujos limites não são cristalinamente definidos. Não raro, o pesquisador se surpreende refletindo neste plano pós-iconográfico, buscando os elos para a compreensão da vida que foi. (KOSSOY, 2001, p. 95-96).

Situa-se no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental. Trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação. A interpretação iconológica se desenvolve na esfera das idéias, das mentalidades. (KOSSOY, 2007, p. 55-56).

Baseados nos conceitos iconográficos e iconológicos de Kossoy (2001), adaptados à fotografia, parte-se poeticamente para caminhar pelos becos de Goiás na voz de Cora Coralina, especialmente em sua obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. As portas abrem-se para uma nova leitura das imagens, uma nova ressignificação do que está guardado, registrado pela história. Esse espaço fotografado ganhou nova roupagem, nova forma de pensar e, ao reposicionar as conclusões e valores simbólicos, vai sendo desmistificado,

desvencilhando-se do corriqueiro, da visão cansada que, ao mesmo tempo, espelha a essência do povo que nele vive.

Ao longo dos séculos, o homem contou o espaço vivido, registrando suas experiências nas paredes das cavernas, como as pinturas rupestres contaram a experiência humana. A partir da proposta de Kossoy (2001), analisam-se as fotografias que se seguem com o intuito de trazer um entrelaçamento entre a fotografia e a memória poética de Cora Coralina:

Figura 1 – Cora Coralina na janela da Casa Velha da Ponte, Goiás-GO.



Fonte: Foto do acervo do Museu Casa de Cora Coralina².

Ao analisar iconograficamente a imagem, observa-se uma mulher idosa à janela de uma casa de meados do século XX, com a esquadria alta e bem arejada compondo sua estrutura. A imagem é em preto e branco, dando uma conotação de ser uma foto antiga. Contando com parca localização espacial, torna-se complexo de ser identificada, entretanto, quando se busca mais informações, aplicando a interpretação iconológica e contextualizando a imagem, é possível observar suas peculiaridades.

Por meio de uma pesquisa realizada no site Páginas Paisagens Luso Brasileiras em Movimento, no qual a fotografia foi publicada, pode-se afirmar que a senhora de cabelos brancos na janela é Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida como Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás, no estado de Goiás, no dia 20 de agosto de 1889. Filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão. Na escola frequentou até a terceira série do curso primário. Casou-se, enviuvou e se fez doceira para criar os filhos. Dizia ser mais doceira que escritora. Seus poemas e contos retratam a sua história e os ambientes em que foi criada. Aborda temas esquecidos. Rememora suas

² Disponível em: <http://www.paginasmovimento.com.br/cora-coralina-cidade-de-go%C3%AAs.html>

personagens, os meninos lenheiros, as mulheres menosprezadas, as prostitutas, as lavadeiras e as benzedoras, buscando colocar no centro o que era então marginal.

Seu olhar observador pode estar no Rio Vermelho, que de sua janela a poeta costumava contemplá-lo, mas pode estar também para além dele visto a partir da janela da alma. A janela é da casa em que nasceu e, a partir de sua poesia, tornou-se conhecida como a casa Velha da Ponte, palco da vida e das histórias coralinas. Após a morte da poeta, a casa foi inaugurada como o Museu de Cora Coralina, sendo um ponto turístico para quem visita a cidade de Goiás.

A cidade contém em si uma herança metafórica desses referenciais urbanos e a literatura de materialização desses elementos. Esses sujeitos poéticos descritos nas obras literárias desenvolvem, com as ruas e becos, uma relação de cumplicidade em que o sujeito e o espaço se entrelaçam por meio das lembranças e das vivências. Na realidade, vive em um lugar determinado onde os sujeitos vão adquirindo relações de pertencimento ao ambiente vivido, conforme Yi-Fu Tuan (1983) sobre a relação topofílica.

2.3 Topofilia e poesia

A cidade passa a ser representante de referências individuais e coletivas na formação da identidade do lugar. Essa materialização ocorre por intermédio de ruas, praças, becos, avenidas, construções públicas e privadas, coretos, além da parte de documentos, fotografias, objetos, natureza entre outros. É essa forma com que o homem se relaciona com o lugar e com os sujeitos sociais que vai dando permissão para os sentidos aflorarem, havendo um descortinamento, levando ao reconhecimento de ambos. Nesse sentido, Cora Coralina escreveu um poema intitulado *Cântico da Terra* no qual o eu lírico se apresenta em junção com a natureza, com o lugar de origem, sempre iniciando cada estrofe com “eu sou”, sendo colocados juntos no mesmo espaço de convivência, homem e lugar diluídos no corpo da terra:

O Cântico da Terra

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.

A mina constante de teu poço.
 Sou a espiga generosa de teu gado
 e certeza tranquila ao teu esforço.
 Sou a razão de tua vida.
 De mim vieste pela mão do Criador,
 e a mim tu voltarás no fim da lida.
 Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
 Tua filha, tua noiva e desposada.
 A mulher e o ventre que fecundas.
 Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
 Teu arado, tua foice, teu machado.
 O berço pequenino de teu filho.
 O algodão de tua veste
 e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
 a mim tu voltarás.
 E no canteiro materno de meu seio
 tranquilo dormirás.
 Plantemos a roça.
 Lavremos a gleba.
 Cuidemos do ninho,
 do gado e da tulha.
 Fatura teremos
 e donos de sítio
 felizes seremos.
 (CORALINA, 2014, p. 210-211).

Nesses versos, quando menciona *Eu sou a grande Mãe Universal*, a poeta apresenta elementos que dizem ser ela a natureza: um misto de sentimentos em relação à unificação da mãe natureza demonstra um fervor em relação à fertilidade feminina e sua capacidade de gerar. Cora Coralina aproxima a natureza à figura da mulher, promovendo uma junção entre o homem e o ambiente, entre os sujeitos e objetos que se mesclam num sentido único. O poema contém o afeto à rememoração da vida rural, ao plantio da roça, ao cuidado com o gado e ao prazer de ser mãe.

Em sua poesia, Cora Coralina vai desenhando os espaços vividos e rememorados, o campo e a cidade. No poema *Minha cidade*, a poeta também utiliza o verbo *sou* para mencionar que a cidade não é apenas uma agregação populacional, mas compreende múltiplos significados quando essas ruas e becos vão ganhando sentido de vida.

Minha cidade

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.
 Eu sou aquela mulher
 que ficou velha,
 esquecida,
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando estórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro.
 [...] minha vida,
 Meus sentidos,
 Minha estética, todas as vibrações
 De minha sensibilidade de mulher,
 Tem, aqui, suas raízes. [...]
 (CORALINA, 2014, p. 34-36)

Com o passar do tempo, as relações sociais antes estabelecidas agora são mais políticas, as inovações alteraram no homem parte da sensibilidade e apego aos locais públicos como as ruas e praças. Contudo, ainda são espaços em que os amores acontecem, as relações de amizades fraternas se fazem e a vida se perpetua, assim como em tempos idos. Esses lugares ainda fazem parte da história dos que habitam ou habitaram em determinado tempo e que hoje se fazem presentes nas lembranças das personagens que ali passaram, tornando possível trazer para a poesia esse imaginário. A poeta retira do íntimo da vivência não apenas o que é provável, mas aquilo que sempre fica imerso nas recordações, nas imagens muitas vezes de infância do eu lírico, que se funde com as imagens da própria cidade, com força poética, e que se relaciona com o lugar que guarda memórias individuais e fraciona também em memórias coletivas.

Halbwachs (2006) especifica como memória coletiva um conjunto de recordações construído em um determinado lugar que vai além do individual, sendo vista como um eixo social de construção. Isso indica que mesmo a memória sendo individual ela se faz no grupo “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de evento que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Assim, pode-se perceber a memória individual como a presença de diferentes cúmplices. O Beco, na poesia de Cora Coralina, é um desses contextos,

liga o eu lírico, famílias e grupos sociais, não permitindo que as lembranças se percam no tempo.

Os becos de Cora Coralina são permeados de afetos pelos sujeitos poéticos e, além de ambientarem a cidade, representam instrumentos de segregação das marcas das desigualdades sociais denunciadas poeticamente no canto da poeta. Também comungam com essa afirmação a Casa Velha da Ponte e o Rio Vermelho, diversas vezes citados na poesia de Cora Coralina:

Nesse meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundo ignotos e cavaleguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram. (CORALINA, 2006, p. 12).

Muitas foram as disparidades entre as ruas centrais e os becos, entre os bairros elitizados e a periferia, muitos foram os problemas que envolveram esses cenários e suas personagens. Cora Coralina, no uso de suas habilidades, acolhe junto à literatura a contradição e a diversidade nessa relação de poder, e recita a partir do seu imaginário os limites entre o centro e a periferia. Essas ruas não foram meras caracterizações físicas nos contornos da poeta, pois a partir delas foram registrados os contrastes urbanos, a cultura de seu povo, os costumes, os sentimentos, relações afetivas, a subjetividade como uma rememoração de experiências vividas, relações de passado/presente.

Enfim, nessa proximidade dos sujeitos poéticos, pode-se notar que suas lembranças os levam de volta às ruas da parte antiga da cidade, onde tudo começou. Esse retrocesso é possível quando o passado passa a ser visto a partir de como impacta no presente. A cidade aqui na fala poética é a paisagem simbólica por onde as memórias percorrem e onde o tempo é o orquestrador de significados e experiências.

CAPÍTULO III

A SAUDADE CORALINA RECONSTRUÍDA SOB O “CLICK”

Cora Coralina, na escrita de seus versos, traçou memórias vividas, transmitiu seus interesses e suas intencionalidades ao leitor, tornando conhecida a figura de determinadas personagens. Corroborando essa expectativa, propõe-se o diálogo com as imagens, tendo como argumento o potencial de comunicação que a iconografia, enquanto fonte de estudo, possui. Trata-se de um potencial informativo, por meio do campo visual, contendo novas abordagens. Essa análise iconográfica parte do pressuposto de ouvir outras ciências, como: a Sociologia, a Antropologia, a História e a Arte. Entende-se que caminham juntas, pois, o diálogo entre si propicia uma visão em conjunto de determinado fato delimitado dentro de um espaço, o espaço fotográfico. As imagens compactuam com uma leitura visual de práticas reais, costumes e representações do homem desde tempos longínquos. Para Sandra Pesavento

As imagens têm o real como referente, não sendo sua *mimesis*, as imagens podem, contudo, ser reconhecíveis ou estranhas, na medida em que se propõem reproduzir o real, de forma realista, a representa-lo de maneira cifrada ou simbólica. [...] São rerepresentações do mundo elaboradas para serem vistas. [...] São formas de representações do mundo que constituem o imaginário. As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é o mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal palavras e imagens são formas de representações do mundo que constituem o imaginário. (PESAVENTO, 2005, p. 85-86).

A imagem, como uma leitura de práticas, costumes e representações do homem com suas características estéticas, seus valores, ao possuir o poder de captar significados diversos quando evocadas ao longo do tempo, provoca em seus leitores as diversas compreensões e memórias, sendo também capaz de perpetuar e fazer lembrar mensagens e recordações. Desse modo, ao exhibir uma imagem, o autor ou o poeta não fazem uso apenas de suas estéticas, mas abrem a possibilidade ao leitor de múltiplos significados e lembranças. Assim, sempre que essas imagens são reutilizadas em outros corpos adquirem novos sentidos, diferentes simbolizações. Em vista disso, no próximo tópico, os becos de Cora Coralina são apresentados como o não distanciamento entre a fonte imagética e a escrita poética da autora.

3.1 A voz da Iconografia nos becos de Cora Coralina

Cora Coralina faz uso de sua lírica para conduzir o leitor a uma reflexão sobre as circunstâncias de vida do indivíduo, bem como as suas relações sociais com a presença do

coronelismo, machismo, falta de espaço para mulher, materialização da memória na Casa Velha da Ponte e de suas personagens, resgatando os traços espaciais da pequena cidade de Goiás, suas ruas de pedras, arquitetura colonial, casas conjugadas e seus becos. Utilizando do seu modo peculiar, Cora Coralina faz uso desses instrumentos para sua poética, apreendendo o leitor em seus versos e recriando o fazer literário com elementos verossímeis bem próximos do indivíduo, fomentando mudanças de atitudes e de enfrentamento das dificuldades existenciais.

O poema *Becos de Goiás* faz parte da obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. É um poema de verso livre e consiste na materialização da memória de um espaço, conduzindo o leitor a meditar a condição do indivíduo que o habita num cenário cultural e existencial. A poeta coloca o leitor em constante contato com o passeio imaginário pelas belezas dos riachos, vegetação, muros de pedras construídos por escravos, ruas irregulares, íngremes de calçamento com pedras e seus becos misteriosos. Em primeira pessoa, a poeta evidencia o seu amor por esses becos de Goiás, ressaltando seus adjetivos que vêm na contramão:

Beco da minha terra,
 Amo tua paisagem triste, ausente e suja
 Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
 Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio
 E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugida
 E semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
 Calçando de ouro a sandália velha,
 Jogada no teu monturo.
 Amo a prantinha silenciosa do teu fio de água,
 Descendo de quintais escusos,
 Sem pressa,
 E se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
 Amo a avenca delicada que renasce
 Na frincha de teus muros empenados,
 Que se defende, viceja e floresce
 No agasalho de tua sombra úmida e calada [...]
 (CORALINA, 2014, p. 92).

Com um misto de alegria e melancolia, a poeta desenha liricamente o espaço vivido por ela em sua terra natal, examina com os olhos atentos a tristeza, a sujeira, a penumbra, a ausência dos becos, e resalta o tom negro do lodo que se forma nos muros e no chão pela falta de luminosidade, pois só as *réstias* da luz solar permeiam e deixam salientes o silêncio e a nulidade das plantas que nascem ali. Essa leitura do espaço como local deixado à mercê pode também transparecer um abandono do próprio ser, no qual o eu lírico constrói uma imagem da sua forma de ver a vida e suas desigualdades, bem como a condição de

infelicidade e privação. Essa maneira sutil que a poeta tem em retratar a frieza e o sentimento nos coloca em xeque com os modos individualistas e capitalistas da sociedade atual.

A poeta escolhe personagens que causam no eu lírico uma sensação de acolhida e, ao mesmo tempo, um sentimento de insuficiência:

Amo esses burros-de-lenha
 Que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
 Secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados,
 Arrochados na sua carga, savidos, procurando a sombra,
 No range-range das cangalhas.
 E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
 Sem infância, sem idade.
 Franzino, maltrapilho,
 Pequeno para ser homem,
 Forte para ser criança.
 Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.
 [...]
 (CORALINA, 2014, p. 92-93).

O eu lírico de Cora Coralina encontra nos becos figuras expressivas como os animais, as crianças abandonadas e as mulheres da vida. Tais figuras são evidenciadas pelos adjetivos *malzelados*, *cansados*, *pisados*, *arrochados*, *savidos*. Na imundice desses becos há também um abandono do próprio ser, a poeta usa o eu lírico para demonstrar sua forma de ver a vida com todas suas mazelas. Cora Coralina faz um desenho poético de um dos becos, com riqueza de detalhes em seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (2014):

O BECO DA ESCOLA

Um corricho, de passagem,
 um dos muitos vasos comunicantes
 onde circula a vida humilde da cidade.
 Um bequinho de brinquedo, miudinho.
 Chamado no meu tempo de menina
 - beco da escola

Uma braça de largura, mal medida.
 Cinquenta metros de comprimento...avaliado
 Bem alinhado. Direitinho.
 Beco da escola...
 [...]
 (CORALINA, 2014, p. 108).

Esse poema revela uma concordância entre lirismo, tempo e espaço, e a partir do momento em que Cora Coralina poetiza o espaço e o vivido, ela reconstrói suas lembranças também desde a memória escolar e social. Em Goiás, até meados de 1920, era costume a família contratar um professor para cuidar da instrução das crianças, essa pessoa era chamada

de mestre. Essa forma de ensino ganhou novo modelo saindo do núcleo familiar para a casa do mestre. Tais escolas passaram a ser identificadas pelo nome do professor ou por seu apelido, a exemplo da Escola da Mestre Nhola (Pacífica Josefina de Castro), a Escola da Mestre Silvina (Silvina Ermelinda Xavier de Brito) e da Escola de Mestre Pátroclo (Gabriel Pátroclo), dentre outras, conforme destaca a poética coralina:

Tempos de velhas mestras.
Mestra Lili, Mestra Silvina, Mestra Inhola.
Outras mais, esquecidas mestras de Goiás.

Mestra Lili... o seu perfil:
Miudinha, magrinha.
Boa sobretudo. Força moral.
Energia concentrada. Espírito forte.
O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,
afeiçoara-lhe o conjunto
- enérgico, varonil.

A escola da Mestra Lili
era mesmo naquela esquina
Casa velha - ainda hoje a casa é velha.
Janelas abertas para o beco.
Sala grande. A mesa da Mestra.
Bancos compridos, sem encosto.
Mesa enorme dos meninos escreverem
lições de escrita.
De ruas distantes a gente ouvia,
quartas e sábados, cantada em alto coro
a velha tabuada.

O bequinho da escola
Lembra mestra Lili
Lembra mestra Inhola.

Lembra mestra Silvina
Sá Mônica. Mestra Quina. Mestra Ciriáca.
(CORALINA, 2014, p. 108-109)

Em seus versos, Cora Coralina também relembra *as esquecidas mestras de Goiás*, atribuindo a elas a profissão enquanto sacerdócio. No poema também descreve com minúcia como eram os espaços das casas/escolas:

Esquecidas mestras de Goiás.
Elas todas - donzelas,
sem as emoções da juventude.
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,
atarefadas com crianças.
Ensinando o bê-a-bá às gerações.

O beco da escola é uma transição.
Um lapso urbanístico
entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.

Tem janelas.
 Uma casinha triste de degraus.
 Velhos portões fechados, carcomidos.
 Lixo pobre.
 Aqui, ali, amparadas no muro,
 umas aventureiras e interessantes flores de monturo.
 Velhas mestras... velhas infâncias...
 Reminiscências vagas...

O bequinho da escola brinca de esconder.
 Corre da Vila Rica-espia a rua do Carmo.
 É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.
 Tem a marca indisfarçada dos séculos
 e a pátina escura do Tempo.
 Beco recomendado a quem busca o Passado.
 Recomendado - sobretudo-
 aos poetas existencialistas,
 pintores, a frei Nazareno.
 Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.
 Tem muros encarquilhados,
 rebuçadinhos de telhas.
 São de velhas donas credenciadas
 de velhas descendências
 - guerreiros do Paraguai.
 Bem estreito e sujo
 como compete a um beco genuíno.
 Esquecido e abandonado,
 no destino resumido dos becos,
 no desamor da gente da cidade.
 (CORALINA, 2014, p. 109-110).

Mesmo quando o beco ganhava, em sua poesia, uma conotação supostamente positiva, não perdia sua referência de denúncia social. As mestras eram mulheres pobres e solteiras. O Beco da Escola foi uma transição, um erro urbanístico que ligava a Vila Rica e a Rua do Carmo, que eram as ruas principais. Com essa característica, Cora Coralina usa os versos para relembrar uma brincadeira de criança: *pique esconde*. Ela menciona que o beco brinca de esconder, corre da Vila Rica e dá uma espiadinha na Rua do Carmo. Recomendou-o a quem busca o passado, sobretudo aos poetas. Descreve, com sutileza de detalhes, todo abandono físico e emocional, bem genuíno ao que compete ser um beco, esquecido e abandonado.

Apesar da existência dos becos ser pautada no desamor, neles pode ser encontrada a *marca indisfarçada dos séculos*, a história silenciada da cidade. Quando a poeta descreve seus muros e portões, também deixa claro que são de pessoas reconhecidas, descendentes dos guerreiros do Paraguai, em contraposição às personagens marginalizadas que nele circulavam e viviam cativas.

De noite...noite de quarto,

a cidade vazia se recolhe
 num silêncio avaro, severo,
 Horas antigas do passado.
 - Concentração.
 Almas penadas doutro mundo.
 Procissão das almas
 vai saindo da porta fechada das igrejas.
 Vem vindo pelas ruas.
 Desaparecem pelas esquinas.

Responsam pelos becos.
 altas viagens: assombração...
 o diabo no corpo...
 Lobisomem...

Simbolismo dos velhos avatares.
 (CORALINA, 2014, p. 110-111).

Ao escrever sobre os becos, a poeta conduz o leitor a diversas reflexões, dentre elas a de que os becos sejam recomendados a quem busca o passado, porque neles está a grafia da história da cidade viva, com costumes, crenças e mistérios de ser de um povo. Assim, passariam a ser inspiração à solidariedade com os desenganos do homem diante do nada. O beco, enquanto mensagem iconográfica, tem a imagem traduzida por sua representação, pela sua própria natureza, conduzindo, desse modo, a produções de significados que evidenciam a relação entre memória e consciência. Lendo os versos de Cora Coralina do Beco da Escola, cada leitor produz sua imagem a seu modo.

A leitura é feita por meio de suas experiências pessoais com o tema e o lugar. No entanto, separando os elementos construtivos dos lugares imaginários, fictícios ou reais, cada sujeito ao admirar o beco como imagem também tirará dele o sentimento dos corpos cansados das personagens que ali transitaram, seus sofrimentos, seus pecados, seus desesperos de vida colocados à margem, mas também de alegria. Trata-se de uma acolhida entre o que eu vejo, o que penso e o que eu sou.

Figura 2 – Beco da Escola, Goiás-GO.



Fonte: Eduardo Vessoni/UOL³

Ao considerar os seguintes versos de Cora Coralina: “Ao meio-dia desce sobre eles, vertical, um pincel de luz, rabiscando de ouro seu lixo pobre, criando rimas imprevistas nos seus monturos” (CORALINA, 2014, p. 110) e fazendo uso dessa imagem, conseguimos, no imaginário, entender que essa luz passa por uma subversão dos padrões dominantes quando reverencia o lixo e seus monturos, as plantas que rasgam o chão de pedra e insistem em nascer e se fazerem vistas, mesmo que de forma despercebida. É a beleza da riqueza banal e obscura que a poeta identifica para uma significação existencial e humana. O sentimento de aversão provoca no imaginário da cidade “De noite... noite de quarto, a cidade vazia se recolhe num silêncio avaro, severo. Horas antigas do passado. - Concentração. Almas penadas doutro mundo. Desaparecem pelas esquinas. Responsam pelos becos... Simbolismo dos velhos avatares” (CORALINA, 2014, p. 111). Se diurnamente não convinha às mulheres caminharem pelas ruas, à noite era intensificada a elas a repressão.

A justificativa seria o sobrenatural dos monstros e lobisomem nesses locais da escória em que as práticas não aceitáveis socialmente eram cometidas nesses becos. A partir desse conceito é que a poeta propõe um trajeto oposto: uma compreensão dos becos e seus simbolismos e, por isso, o destino de cada personagem recebeu diferentes representações, pois os becos representavam a obscuridade.

3.2 As personagens: quando as “estórias” e a literatura se encontram

Cora Coralina fez poesia de sua infância pobre, das limitações impostas aos marginalizados e em destaque às mulheres de seu tempo, deixando um legado em registros de sua posição crítica diante da vida. Em uma possibilidade de humanizar o leitor, ela se utiliza do avesso, dos fundos, dos arredores, dos colocados à margem. A poeta usa como referencial de memória a cidade de Goiás para significar sua efetividade e sua percepção crítica. Em diversos poemas e contos a vida tem sua tradução a partir dos becos, das personagens que nele vivem e transitam, de suas relações que os transformam ora em palco, ora em bastidor, ora em plateia.

O beco era a contraposição, enquanto as ruas eram as veias que ligavam as casas das famílias da sociedade, famílias estas com sobrenomes tradicionais, pertencentes ao polo

³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/viagem/guia/roteiros/2015/05/26/tour-noturno-por-becos-da-cidade-de-goias-tem-poesia-sob-a-luz-de-lampioes.html>.

dominante, os becos eram construções para facilitar o acesso aos quintais dessas casas, onde circulavam os segregados, submissos. Assim, Cora Coralina elege os becos como espaço de memória a partir do qual é possível desvendar a vida da sociedade de seu tempo. Ela faz um resgate dessas *vidas obscuras* conservando as estórias registradas em sua poesia. Dessa forma, a poeta identifica sua poesia, não a do cartão postal, das histórias dos livros e monumentos, mas se distancia dessa visão romântica e dirige o seu olhar para os espaços e atores esquecidos, não lembrados. Coloca o leitor a desproporcionar o beco como um estreito físico, mas largo conceitualmente.

Os becos, que a princípio foram criados para encurtar distâncias, transformaram-se em locais de circulação de serviços, carregamento de suprimentos e circulação de animais, e alargaram-se à medida em que a vida emprestou material para arte e pelas mãos da poeta se tornaram espaços de empoderamento. Em uma alquimia de memórias negativas e de amor, Cora Coralina começa a identificar em seus poemas os personagens dos becos

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade,
Franzino, maltrapilho,
Pequeno para ser homem,
Forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido.
[...]
(CORALINA, 2014, p. 93).

Este menino, citado pela poeta, circula pelo beco legitimando a exploração do trabalho infantil denunciado por ela nas entrelinhas do poema. Com o intuito de aumentar a renda familiar, crianças e adolescentes desde tempos remotos até hoje são colocados no mercado de trabalho. No contexto do poema, os meninos lenheiros que entregavam os feixes de lenha nas residências perdiam sua infância e se tornavam seres indefinidos: *forte para ser criança e pequenino para ser homem*. A partir dessa perspectiva, surge a ideia do beco como um lugar onde vive o *errado* pela sociedade, tornou-se um espaço marginal. Cora Coralina com sua poética atribui um valor que havia sido negado, pois ela consegue, em seus versos, evidenciar as injustiças, os problemas e as desigualdades, fazendo dessas evidências tema de sua poesia. Essa imagem do beco com vida fez com que Cora Coralina contasse outras estórias e histórias dos becos de Goiás, intitulado seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. Esses becos são mais do que matéria de poesia, eles sempre fizeram parte do habitual dos moradores da cidade de Goiás. Assim a poeta intitula-os:

Becos de minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...
(CORALINA, 2014, p. 93).

Os becos recebiam, na maioria das vezes, o nome dos moradores mais ilustres de Goiás ou de uma característica que referenciava sua pessoa. Oficialização de nomes com o objetivo de um jogo desleal de poder, assim haveria um silenciamento da história popular, colocando em evidência a tradição social em oposição aos postos à margem. Cora Coralina, em sua poesia, sempre evidencia o beco como lugar de marginalização. Na história, foi nesse lugar que foram depositados todo *sujo*, pobre, podre das personagens que eram consideradas sem valor e com costumes que não tinham aprovação da aristocracia da cidade, por isso deveria ser evitado, *Lugar de gentinha*.

Entretanto, posteriormente à decadência do ouro, os becos tiveram uma outra finalidade, antes usados para acesso de serviço e passagem de animais, passa agora por outras representações. Com a capital transferida para Goiânia, em 1937, novos loteamentos de quintais se formaram, construções isoladas favoreceram a criminalidade, tornando-se locais de transgressões. A cidade então adquire parte urbana, com suas ruas e arquitetura colonial, onde os possuidores de capital moravam com suas famílias. Já os becos, locais de *monturos*, escuros, desprezados, depósito de lixo, casas pobres, escondidas no fundo dos quintais para onde as personagens da poesia de Cora Coralina eram largadas: pobres, negros, desempregados, ladrões, prostitutas sem prestígio. A exemplo de Charles Baudelaire (século XIX), “considerado o precursor da modernidade, despreza o considerado belo e exalta em sua poesia o que a sociedade despreza” (BENJAMIM, 1989, p. 78). Ambos, Baudelaire e Cora Coralina, cantam esses marginalizados demonstrando uma predileção pelo não poético. Cora Coralina tratava de temas os quais, até hoje, são considerados tabus para uma mulher na terceira idade, principalmente em Goiás, estado que é tradicionalmente conservador. Ela tinha uma visão fraternal e uma profunda sensibilidade ao tratar dos problemas femininos, havia em seus poemas uma compaixão e um não julgamento.

Outra personagem que circulava pelos becos nos versos de Cora Coralina era a mulher, mas não apenas a *mulher de família*, era a mulher prostituta: “Mulher dama. Mulheres da vida, perdidas, começavam em boas casas, depois, baixavam para o beco” (CORALINA, 2014, p. 94). Esta “mulher da vida” retratada em versos foi alguém que também viveu enclausurada por consequências de suas condições de vida. A voz dessa personagem, liberta das convenções impostas pela sociedade aristocrata, sofrida e marginalizada, desprotegida pela lei, passa a ser ouvida por meio do cantar de Cora Coralina, que parece sentir as aflições dessa mulher a quem a vida muito lhe cobrou. Longe dos discursos, os versos que seguem são cantados numa afinidade entre a poesia e as tristes condições de extravio por onde são arrastadas as mulheres esquecidas pela justiça e assinaladas pelas pessoas:

Mulher da vida, Minha irmã.
 De todos os tempos.
 De todos os povos.
 De todas as latitudes.
 Ela vem do fundo imemorial das idades e
 carrega a carga pesada dos mais
 torpes sinônimos,
 apelidos e apodos:
 Mulher da zona,
 Mulher da rua,
 Mulher perdida,
 Mulher à-toa.
 (CORALINA, 2014, p. 201).

A poesia de Cora Coralina é uma ferramenta de manifestação da luta das mulheres por espaços de liberdade. O texto literário aproxima para o centro quem estava à margem. *Mulher da vida* é a expressão encontrada pela poeta para apresentar aquelas mulheres que por motivos individuais não seguiram sua predestinação socialmente imposta: cuidar do lar, casar-se e ter filhos. Estas mulheres retratadas na voz poética de Cora Coralina são chamadas à *Vida*, são exaltadas, são aquelas que enfrentam os obstáculos para buscar a aceitação da sociedade patriarcal fora do meio doméstico.

No poema *Mulher da Vida*, Cora Coralina expõe as batalhas travadas de inúmeras mulheres consigo mesmas e com a vida. São mulheres de todas as idades, de todas as partes, que a cada instante são desprezadas, apelidadas de forma desprezível, diminuídas. Na primeira estrofe figura a imagem da prostituta, imagem depreciada e condenada pela sociedade por sua condição social. Esse rosto se refaz em cada verso de Cora Coralina que demonstrando a vulnerabilidade, deixa germinar a arte poética que contém em si diversas interpretações. E a poeta continua cantando a infindável sina dessa mulher:

Mulher da Vida, minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
 Desprotegidas e exploradas.
 Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
 Necessárias fisiologicamente.
 Indestrutíveis.
 Sobreviventes.
 Possuídas e infamadas sempre por
 aqueles que um dia as lançaram na vida.
 Marcadas. Contaminadas,
 Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
 Nenhum estatuto ou norma as protege.
 Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
 pisadas, maltratadas e renascidas.
 Flor sombria, sementeira espinhal

pobreza e do abandono,
 enraizada em todos os quadrantes da Terra.
 (CORALINA, 2014, p. 202).

Nesses versos, Cora Coralina compõe os traços dessa mulher considerada indecorosa em que até os seus direitos próprios são refutados pela sociedade. Essas *ervas cativas no caminho*, apesar de serem negadas socialmente, mantêm viva a superação de cada queda, de cada palavra proferida a ela de forma a diminuí-la. Sua força vem da capacidade de sobreviver aos dissabores. É possível também perceber nas estrofes seguintes as adversidades que a levaram ao abismo e a dominação do homem que a explora e não a reconhece como ser humano, dando lugar à possibilidade de transpor essa barreira de negação de seus direitos:

Um dia, numa cidade longínqua, essa
 mulher corria perseguida pelos homens que
 a tinham maculado. Aflita, ouvindo o
 tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,
 ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e
 lançou o repto milenar:
 “Aquele que estiver sem pecado
 atire a primeira pedra.”

As pedras caíram
 e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:
 “Ninguém te condenou, mulher...
 nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso
 do sacrifício e este excedeu àquela.
 Vilipendiada, esmagada.

Possuída e enxovalhada,
 ela é a muralha que há milênios detém
 as urgências brutais do homem para que
 na sociedade possam coexistir a inocência,
 a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada
 esbarra a exigência impiedosa do macho.
 Sem cobertura de leis
 e sem proteção legal,
 ela atravessa a vida ultrajada
 e imprescindível, pisoteada, explorada,
 nem a sociedade a dispensa
 nem lhe reconhece direitos
 nem lhe dá proteção.
 E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
 que um homem a tome pela mão,
 a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida, minha irmã.
 (CORALINA, 2014, p. 202-203)

A poeta segue com sua declamação, apresentando a continuidade da negação dos direitos e a discriminação dessa mulher, porém traz uma mulher que também tem seus sonhos. Aquela que antes era vestida de demérito e desonra, que tinha como um obstáculo invencível a *exigência impiedosa do macho*, a partir do verso *que um homem a tome pela mão* faz menção novamente à figura masculina, o mesmo macho que a levou às ruínas usufruindo de sua fragilidade, agora como homem pode retirá-la dessa condição, tendo-a como *companheira*, passando a respeitá-la e tratá-la com dignidade. Os versos seguem mostrando a fé em um *Grande Juiz*, e essa *mulher perdida, mulher da zona*, colocada em uma condição restrita recebe uma outra conotação, *mulher da Vida*, que vive, sonha além da prisão sem muros que lhe foi imposta, ficando à espera de uma Justiça que a conduziria a novos valores sociais de seu tempo.

No fim dos tempos.
 No dia da Grande Justiça
 do Grande Juiz.
 Serás remida e lavada
 de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça
 a vestirá de branco em
 novo batismo de purificação.
 Limpará as máculas de sua vida
 humilhada e sacrificada
 para que a Família Humana
 possa subsistir sempre,
 estrutura sólida e indestrutível
 da sociedade,
 de todos os povos,

de todos os tempos.

Mulher da Vida, minha irmã.

Declarou-lhe Jesus: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus.” (Evangelho de São Mateus 21, ver. 31). (CORALINA, 2014, p. 204).

O poema *Mulher da vida* foi escrito em homenagem ao dia Internacional da Mulher, em 1975. Cora Coralina poderia ter escolhido falar de qualquer mulher, mas fez uso de seus versos para dar voz à prostituta, que luta pela sobrevivência vivendo numa sociedade preconceituosa e egoísta. Pode ser percebida em suas entrelinhas uma escrita que exhibe o tratamento machista, que enxerga a mulher como objeto *necessárias fisiologicamente/ ela é a muralha que há milênios detém as urgências brutais do homem para que na sociedade possam coexistir a inocência, a castidade e a virtude / esbarra a exigência impiedosa do macho*. Aqui o homem é retratado na figura de seus piores instintos, que faz uso da mulher apenas como objeto de satisfação de seus desejos. O poema conduz uma reflexão sobre os direitos da mulher. Em vários versos é ressaltada a falta de direitos da prostituta *nenhum direito lhe assiste/ Nenhum estatuto ou norma as protege*. Lima faz uma ponderação significativa ao afirmar que

Na sua poesia a mulher da vida é colocada lado a lado com as senhoras mães de família, lavadeiras, cozinheiras pretas e brancas, velhas e novas, os homens são lembrados por suas profissões de padeiro, boiadeiro, lavrador e não há destaque para os doutores e magistrados. Os homens e mulheres se igualam pela força do trabalho, que é o que dignifica o ser humano mais que seus teres e haveres. (LIMA, 2014, p. 43).

Cora Coralina traduz em palavras a censurada vida da prostituta, umas das personagens mais assinaladas pela sociedade. Ela refaz a figura dessa mulher que é marcada pelo desprezo e mostra a fragilidade que envolve seu ser. Cora Coralina demonstra em si todas as personalidades e facetas femininas, mesmo aquelas ocultas, resultantes dos tabus sociais, pois tratam da mesma mulher, porém o que as diferencia são os desdobramentos que o meio exige, marcadas pela trajetória percorrida por cada uma delas no decorrer da vida. São muitas vozes e ao mesmo tempo uma só: a voz da mulher silenciada, porém carregada de sentidos.

Neste poema, os versos são livres, não havendo um padrão estético nem nas rimas nem na métrica. Em relação à estruturação textual, a regularidade se apresenta no paralelismo sintático em: *Mulher da vida, minha irmã*, trecho que se repete três vezes ao longo do poema,

trazendo o sentimento de afirmação, de que não há diferença entre ela, que era considerada uma mulher de família pela sociedade por ter sido casada e permanecer viúva, com a prostituta, fazendo uma comparação em que todas, na verdade, são mulheres da vida, pois vivem e passam por distintas adversidades.

O poema apresenta períodos simples, *Possuídas e infamadas sempre por aqueles que um dia as lançaram na vida*, e compostos *Ela vem do fundo imemorial das idades e carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos*, não possuindo uma regularidade neles, nem uma sequência lógica, visto que a primeira estrofe se inicia com um período simples, seguido por uma oração coordenada sindética aditiva; já a segunda estrofe é um único verso, uma frase. Em relação à pontuação, o poema apresenta em todos os versos ponto final, vírgulas e aspas, uma característica da literatura goiana que faz com que o leitor se identifique, como se a poeta estivesse contando um caso, sentada na porta de casa conversando com o leitor. O tempo verbal varia entre o pretérito perfeito, o presente do indicativo e o futuro do presente, fazendo uma comparação entre a prostituta do presente com a adúltera citada na Bíblia sagrada, perdoada por Jesus, e o futuro no paraíso em que ela finalmente será a noiva de Cristo.

A poeta utiliza-se de uma metonímia, usando a palavra *justiça*, para representar a figura de Cristo. Além da metonímia, o poema segue uma gradação de acontecimentos em que no início conta sobre o sofrimento da mulher da vida, com algumas sequências adjetivas na primeira, terceira e quarta estrofe. Logo após, há comparação com um antigo conto bíblico, no qual a verdadeira justiça do amor a perdoa, encerrando com a esperança que após a morte o sofrimento dessa mulher vai terminar e ela finalmente será considerada pura, seguindo a sequência de presente/pretérito/futuro. As vozes presentes no poema são compostas por uma tríade: o eu-lírico, a prostituta e a justiça. Esta última, quando representa os homens, é falha, uma vez que está ligada a membros de uma sociedade hipócrita e cheia de máscaras, não podendo assim condenar; já quando representa a divindade é justa, perfeita e amorosa.

Estabelecendo um diálogo entre a poeta e o leitor, ela também canta o drama das mulheres avessas ao trabalho entendido como feminino da época ou daquelas que, grávidas ou abandonadas pelo marido, destituídas de proteção, eram destinadas à própria sorte, pois, muitas vezes, ao renderem-se à prostituição, só lhe restavam os becos. Os mais variados nomes faziam essas regiões serem reconhecidas: becos, zona, rua da lama. Cabia apenas à sociedade desfrutar das alegrias e da liberdade. Essas marginalizadas, quando buscavam esse fim, eram submetidas aos castigos por violarem os padrões ditados pela moral dominante. O ambiente de castigos e punições foi criado e, dentre eles, a poeta cita que as prostitutas tinham

(2014, p. 94) a “cabeça raspada a navalha, obrigadas a capinar o Largo do Chafariz, na frente da cadeia”, a *mulher da vida* tinha uma imagem associada à repressão e à doença. A poeta, ao recitar a última estrofe do poema *Becos de Goiás*, retrata o destino das personagens da vida dos becos definindo o último ato:

(ÚLTIMO ATO)
 Um irmão vicentino comparece.
 Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcantara.
 Uma passagem de terceira no grande coletivo de São
 Vicente.
 Uma estação permanente de repouso – no aprazível
 São Miguel.
 (CORALINA, 2014, p. 95)

Havia uma restrição de circulação desses marginalizados, eram condenados à repressão quando estes utilizavam-se do direito de liberdade. As saídas só eram permitidas do beco para o São Pedro de Alcântara, o hospital, para o São Vicente, o asilo, e para o São Miguel, o cemitério da cidade de Goiás. Dessa forma, os pobres e oprimidos eram colocados sem opções de vida, confinados ao esquecimento nos becos, hospitais e asilos até a morte. Esta era a forma que a aristocracia encontrou para silenciar e esconder *o lixo social*. Essas vidas, que tinham uma limitação imposta, viviam escondidas em becos escuros e úmidos à margem da sociedade goiana. Dessa forma, o *Último Ato* não é apenas o final de uma poesia, mas ele denuncia a distanciamento social de vida de inúmeros personagens da poesia de Cora Coralina, condenados à marginalização, definidos numa trama social pelos detentores do poder.

Desse modo, Cora Coralina vai recriando a existência humana em versos, se apoiando numa ideia de finalizações e recomeços em que tudo está ligado por esse ciclo. Utiliza-se da poesia como unificadora desse universo no qual alterna sua matéria interior com o mundo exterior num processo contínuo reconstruído sobre os pilares: vida, poesia e memória. Recria um universo por meio do pensamento imaginativo, como a ilustração de uma verdade continuamente recriada a partir de um olhar do presente, retornado para experiências vividas, examinando de forma minuciosa o futuro, pois este poderá vir como consequência de certas lembranças.

Assim, quando Cora Coralina se debruça sobre papéis em branco com a disposição de *passar a limpo os autos do passado*, alguns espaços são preenchidos pela memória. Esses cacos tendem a se juntar, mesmo que estilhaçados por meio do pensamento imaginativo, permitindo a partir daí que a escrita tenha como apoio o resgate do tempo vivido,

podendo até ser limitado pela memória, porém sempre recuperado, já que muitas dessas vivências não foram documentadas. A partir desse reagrupamento de palavras poéticas torna-se possível uma nova disposição das coisas em outra determinada ordem por meio da mão da poeta. Ainda, utilizando-se da rapsódia, nessa forma escassa de unidade formal, de melodias populares e de temas cotidianos, deixa fluir o gosto pela leitura, pelo prazer de ler, com o objetivo oculto de conduzir à reflexão dos temas por ela abordados, utilizando-se de alguns atores condenados socialmente: a lavadeira, a prostituta, o menino lenheiro (de rua), o presidiário e de suas vozes.

Em Bosi (1977) pode ser encontrada uma justificativa da rapsódia na obra de Cora Coralina: “A superfície da palavra é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem” (BOSI, 1977, p. 21), e continua: “no entanto, a poesia, toda grande poesia, nos dá a sensação de franquear impetuosamente o novo intervalo aberto entre a imagem e o som (BOSI, 1977, p. 23). E ainda acrescenta: “O discurso é sempre um arranjo de enunciados que se comportam como processos integradores de níveis diferentes, cujos extremos são o simbólico e o sonoro” (BOSI, 1977, p. 25-26).

Desse modo, Cora Coralina canta uma multiplicidade de vozes e cuja alma navega por meio das mulheres lavadeiras, traduzidas na exploração do trabalho doméstico, incentivando uma leitura mais diversa. Toma como ponto de partida as realidades sociais e seus costumes que, mesmo se originando no passado, guardam resquícios de forma real na sociedade contemporânea por meio de seus preconceitos e tabus. Cora Coralina, em suas palavras poéticas, tem sempre esse movimento entre o eu e o outro. Paz afirma que “A poesia não diz: eu sou tu; diz: meu eu és tu” (1976, p. 102) e ainda acrescenta

O crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função: como diálogo e monólogo. O primeiro se fundamenta na pluralidade; o segundo, na identidade. A contradição do diálogo consiste em que cada um fala consigo mesmo ao falar dos outros; a do monólogo em que a nunca sou eu, mas o outro, o que escuta o que digo a mim mesmo. A poesia sempre foi uma tentativa de resolver essa discórdia através de uma conversão dos termos: eu do diálogo no tu do monólogo. (PAZ, 1976, p. 102).

Na poética de Cora Coralina esse diálogo não acontece unicamente com o leitor, mas numa revelação com o outro marginalizado. Suas palavras poéticas mostram uma dupla função: por um lado, um lugar que faz com que ela, escritora, regresse a sua experiência vivida, por outro, um viés para atribuir novamente uma forma já determinada do mundo. São como um ressoar de fartas vozes em seu fazer poético. A unificação de uma realidade em

fragmentos, a construção da cidade outrora vista pelas ruas, *a partir de então* passam a ser vistos pelos becos ocultados em um vislumbre do pretérito destacando suas *pedras*, suas *flores nos monturos*. Cora Coralina escolheu um percurso pelo qual se pode entender o seu fazer poético como uma tríade: sua existência humana, o seu esforço em retomar o passado por meio da sua memória e seu experimento poético, formando as trilhas de um mesmo caminho composto pela vida, memória e poesia, repletos de significados e ressignificações no trajeto de sua história de vida.

Em um recorte analítico do poema *A Lavadeira* (CORALINA, 2014, p. 205-207), da obra *Poemas becos de Goiás e estórias mais*, a poeta sinaliza a simplicidade de sua relação íntima com o comum, com o cotidiano, apresentando as personagens corriqueiras que transitavam nos becos, outrora esquecidas e não mencionadas por outros tantos, sendo apagadas da memória coletiva. Nesse reinventar a própria vida, Cora Coralina faz uma busca em sua memória, utilizando-se da forma poética para trazer a presença *das lavadeiras*. Essas são mulheres que Cora Coralina colecionou no decorrer de sua vida atribuindo sentimentos de valor e respeito, personagens que vão ganhando espaço em seus versos. Em serenidade, trejeitos vão sendo metamorfoseados em poesia. Assim deve ser lido o poema que se segue, calmamente, deixando que a sensibilidade mais intensa da alma seja tocada:

A Lavadeira

Essa mulher...
Tosca. Sentada. Alheada ...
Braços cansados
Descansando nos joelhos ...
Olhar parado, vago,
Perdida no seu mundo
De trouxas e espumas de sabão
- é a lavadeira.

Mãos rudes deformadas.
Roupa molhada.
Dedos curtos.
Unhas enrugadas.
Córneas.
Unheiros doloridos
Passaram, marcaram.
No anular, um círculo metálico
Barato, memorial.
(CORALINA, 2014, p. 205).

É claro o afeto dispensado a essas mulheres em mais de um poema de Cora Coralina. As trabalhadoras possuem destaque em seus versos com *seu cheiro/de água e sabão* dando início à alvorada e entendendo-se até o crepúsculo nos ferros de engomar. Em meio a

um discurso marcado pela submissão, fragilidade e delicadeza, a poeta busca a resignificação dessa fonte de subsistência, mostrando a vida dura dessas mulheres pobres, viúvas ou separadas *no anular/ um círculo metálico/, barato, memorial* que encontravam ali, no rio Vermelho, o salvamento financeiro, pois sua posição como mantenedoras do lar não lhes permitia ociosidade, essas mulheres de *mãos rudes, deformadas, roupa molhada / é a lavadeira* que esperam a aurora *abre os portais do dia / entre trouxas e barrelas*. Esse poema faz homenagem a essas mulheres, apresenta versos maiores, não tendo o cuidado com a métrica ou rima. Dando sequência:

Seu olhar distante,
Parado no tempo.
À sua volta
-uma espuma branca de sabão.

Inda o dia vem longe
Na casa de Deus Nosso Senhor,
O primeiro varal de roupa
Festeja o sol que vai subindo.

Vestindo o quaradouro
De cores multicores.

Essa mulher
Tem quarenta anos de lavadeira.
Doze filhos
Crescidos e crescendo.

Viúva, naturalmente.
Tranquila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu
Enrodilhada no seu mundo pobre.

Madrugadeira.

Salva a aurora.
Espera pelo sol.
Abre os portais do dia
entre trouxas e barrelas.
(CORALINA, 2014, p. 205-206).

Nesses versos, Cora Coralina reitera a condição dessas mulheres, sem possibilidades de um futuro melhor e, mesmo gratas, essa atividade nunca possibilitaria uma mudança de vida, apenas proporcionava a sobrevivência e nivelava a dureza. Essas são personagens marcantes no desenrolar da vida, compondo a paisagem da cidade, presentes no cotidiano das ruas, avenidas, becos e vielas, corriqueiramente com trouxas de roupas ou latas de água na cabeça, acompanhadas geralmente dos filhos, *essa mulher/ tem quarenta anos de*

lavadeira/ doze filhos/ crescidos e crescendo, pegando roupa suja e trazendo roupa limpa, imersas nas águas dos rios, batendo roupas nos batedouros, ensaboando, esfregando e enxaguando as peças, colocando para secar nos arbustos, cercas e varais, trazendo também consigo um forte sentimento de dignidade, valentia e obstinação dentro de um segmento de pessoas oprimidas.

Também é possível perceber a presença da mulher religiosa, *Inda o dia vem longe/ na casa de Deus nosso senhor* que seguia os princípios sociais, em que a mulher só poderia casar-se uma única vez, mesmo que fosse surpreendida com a viuvez ao longo da vida. A vulnerabilidade do seu trabalho também era permeada de riscos naturais, diversas eram encontradas mortas em decorrência de afogamentos e picadas por animais peçonhentos que também disputavam o rio. Muita água rolou debaixo da ponte do Rio Vermelho seguindo o fluxo desse caminho poético, demonstrando as angústias das mulheres e seus desejos por liberdade.

Sonha calada.
Enquanto a filharada cresce
Trabalha suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume
na vasca, no gramado.
No arame e prendedores.
Na tina d'água.
De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando, vai levando.
Levando doze filhos
Crescendo devagar,
Enrodilhada no seu mundo pobre,
Dentro de uma espumadeira
Branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho
Da minha terra,
Faço deste pequeno poema
Meu altar de ofertas.
(CORALINA, 2014, p. 207).

Cora Coralina vai narrando em versos a tradição de uma realidade vivida pelo eu lírico e pelo outro representado pelas lavadeiras, poetizando um cenário peculiar de sua existência. Os versos desse poema transpõem a mulher *perdida em seu mundo* com suas dores, *sonha calada*. *A lavadeira* é um poema de 13 estrofes e 58 versos que narra a estória de muitos *eus*, conduzindo à compreensão do passado, entrelaçando sentimento e texto, trazendo o leitor pelo simples prazer da leitura a um posicionamento reflexivo dos temas abordados.

A estruturação textual do poema é composta por versos livres, sem padrão de rimas ou métrica. As estrofes são estruturadas por períodos compostos e os versos seguem a sequência substantivo + adjetivo: *Essa mulher... Tosca. Sentada. Alheada...; Mãos rudes e deformadas [...]*. O poema também apresenta, como dito anteriormente, ponto final ou vírgulas, dando o tom de uma contação de caso. Por se tratar de um poema descritivo, o tempo verbal está no presente do indicativo, demonstrando afirmação das características do sujeito *Espera pelo sol/ abre os portais do dia*. A única voz presente no poema é a do eu-lírico, uma voz maternal e que apresenta admiração pelo sujeito, reforçado na última estrofe: *Faço desse pequeno poema/ meu altar de ofertas*.

Em razão disso, Lima, em seu artigo *O discurso do Rio de João Cabral*, afirma: “A linguagem literária não se contenta em fotografar simplesmente uma realidade pré-existente; pelo contrário, o mundo real é um ponto de partida para sua criação e para as interrogações que a arte propõe” (LIMA, 2011, p. 199). E acrescenta: “Cada verso é uma imagem poética que, somada aos versos seguintes, ganha um reforço discursivo, sai do significado inicial e adquire novas significações e possibilidades de leitura” (LIMA, 2011, p. 200). Sutilmente, gestos e coisas simples vão sendo convertidos em poesia. Lugares e figuras marginalizadas vão se autoafirmando na voz da poeta Cora Coralina, revelando elevada grandeza de espírito e um enorme poder de expressividade. Representando esta ou aquela mulher do século XIX, seus versos rompem o tempo e apresentam a equivalência entre a imagem e a identidade da mulher naqueles idos.

Em suma, o eu-lírico reitera que a lavadeira é uma mulher correta, esforçada, religiosa *temente dos castigos do céu* e que mesmo *enrodilhada em seu mundo pobre*, lutou com braveza, lavando sua roupa como ofício e honrando seu papel de mãe, *Vai lavando. Vai levando/ levantando doze filhos/ crescendo devagar*. A preciosa figura da lavadeira por longínquos anos limpou as roupas das famílias abastadas com o objetivo de assegurar o seu sustento e de seus filhos, *descansando nos joelhos/ Viúva, naturalmente./Tranquila, exata, corajosa*. Ela ganha voz no modo peculiar que Cora Coralina possui para conduzir o leitor a imaginar, vivenciar ou até mesmo contar a origem dessas mulheres, para que não se perca essa memória social com possibilidade de transformar as maneiras de viver e estar no mundo.

Essa visão do eu, da coletividade e seus laços, de suas afetividades, simbologias, lembranças traz à tona sentimentos antes, talvez, inatingíveis. Halbwachs (2006) salienta que a memória coletiva traz em si os fatores de como os grupos se identificam e, nesse contexto, são construídas as lembranças, ainda que não havendo a presença, o lembrar faz parte desse emaranhado de experiências. Assim, fontes, chafariz, diques, Rio Vermelho, histórias,

estórias, lendas e mitos se conectam à figura da lavadeira que, com roupas, cheiros, falas, gestos, dores, amores e dissabores dão visibilidade a questões que noutro tempo foram silenciadas. Dessa forma, Cora Coralina teceu a *estória* com um fio que foi possível entender o sentido do novelo. Foi capaz, em sua poesia, de aproximar as experiências de vida com as práticas acadêmicas fechadas em seus paredões e dialetos.

Desse modo, consegue-se demonstrar que o espaço preenchido por essas mulheres em tempos idos era determinado sob o duro rigor do mundo dos estranhos, ditados pelos padrões sociais, enfrentando as intempéries do caminho, apontando os papéis que a vida ofereceu. A retratação desses papéis sugere memórias sobre a vida simbolizada por meio de uma narrativa de outras anônimas oprimidas pelo poder dominante. Essa representação dos *eus* nos remete à compreensão de quão valioso é entender a trajetória de vida dessas mulheres e retirá-las do anonimato, fazendo-as serem (re)conhecidas, pois os versos dos poemas *A lavadeira* e *A mulher da vida* comungam com o que Ferreira (2004) afirma

[...] a literatura é um dos meios de investigação e de construção do real. Meio de conhecimento que difere do discurso científico, porque se articula sobre experiências e não sobre conceitos. Essas experiências são particulares, pessoais, oscilando entre o coração, o intelecto e a vivência social. [...] Quem escreve, escreve um pouco por se sentir transitório, passageiro, e pela urgência de dizer, de se dizer, de deixar, talvez, suas cicatrizes sobre a terra, como escreveu André Malraux – escrevemos para dar um testemunho de que, algum dia existimos. (FERREIRA, 2004, p. 25).

Nessa linha, a reflexão é pautada na necessidade que todos, em especial a mulher, possui *de se dizer*, existe um eu que necessita ser ouvido. Ouvindo a voz da poeta, essa noção de solidão anunciada nos poemas faz(ia) parte do universo feminino por estar sempre escondida, oculta, sem referências. O tecer de seus versos representa, ao descrever os papéis deferidos às mulheres na sociedade em tempos pretéritos, o eu oculto sem a sua merecida consideração.

3.3 “A mulher a quem o tempo ensinou”

Cora Coralina percorreu caminhos tortuosos e difíceis, pelos quais, de mãos dadas, também passaram a lavadeira, a mulher da vida, as madrugadeiras, as benzedadeiras, as mães, os meninos lenheiros e toda gleba de marginalizados homenageados em versos coralinos.

Sua poesia vem do seu interior, ainda que bruta, sendo esculpida de modo violento pela vida, como em *De pedras foi meu berço. De pedras tem sido meus caminhos*.

Um eu que ela define reformulado o processo imaginativo contido no universo da memória, com suas dores, recomeços e compreensão de si, sendo esculpidos pelo tempo e, assim, recusando as discriminações. Despreocupadamente, gestos e coisas simples vão ganhando espaço, sendo metamorfoseados em poesias. Desse modo, em sua autobiografia poética, faz um pacto com seu leitor

Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.
 É o que procuro fazer; para a geração nova, sempre atenta e elevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra.
 Este livro foi escrito
 Por uma mulher
 Que no tarde da Vida
 Recria e poetiza sua própria
 Vida.
 Foi escrito por uma mulher
 Que fez a escalada da
 Montanha da vida
 Removendo pedras
 E plantando flores.
 Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias.
 Sei que serei lida e entendida.
 (CORALINA, 2014, p. 26-27).

Cora Coralina aponta com muita perspicácia que seus poemas têm a intenção de contar estórias que fazem parte de sua memória e de suas lembranças de tempo pretéritos, sendo recuperados por meio da poesia, na qual o tempo, o espaço e a memória vão se entrelaçando, tecendo a poética. Tal qual as composições poéticas dos rapsodos gregos, esse pacto insinua a ligação entre a poesia e a memória: entre o literário e o real. A experiência pessoal é matéria de sua produção literária, a poeta se autorrepresenta evocando o passado. Para Delgado, Cora Coralina

Viveu a velhice como o tempo de reinventar a própria vida, movida pelo desejo de esmiuçar a si mesma em discursos autobiográficos. Tanto nos poemas quanto nos contos quanto nas entrevistas concedidas a revistas, jornais e emissoras de televisão, a poeta realizou um trabalho de produção de memória, repetindo incessantemente um mesmo enredo para compor seu passado. Mantém, assim, uma coerência e uma unidade, organizando as suas lembranças para imprimir uma versão acerca da sua história de vida. (DELGADO, 1999, p. 293).

Diante dessa afirmação, pode-se dizer que a memória vista como uma forma de tornar presente uma lembrança entrelaça o eu lírico, o social e o humano, num arranjo imagético que se fixa por possuir significados coletivos por meio dos relatos, monumentos, pessoas, fatos e lugares. Ana Lins dos Guimarães Peixoto apropria-se desse entrelace e com

espontaneidade traça de si, da Casa Velha da Ponte e da doceira-poeta, um quadro, uma janela de vida assinando-os como Cora Coralina. A sabedoria conquistada com o passar dos outonos, envolta em sacrifícios, renúncias e desprendimentos conduziu a poeta a ressignificar sua vida, sendo tema principal de sua poética. Assim sendo, as etapas da vida de Cora Coralina a colocam em posição de guardiã da memória de si e da cidade de Goiás.

Após a morte da poeta em 1985, sua produção literária abre caminhos para a rememoração dos que ali passaram, uma maneira de contemplar o imaterial, em outros termos, ao percorrer os corredores da Casa Velha da Ponte, ao observar seus objetos há um despertar do imaginário, os sentidos são aguçados, sensações, cheiros vêm na memória como uma viagem, condensando o passado coletivo relacionado em seus poemas. O eu lírico proposto por Ana Lins passa a ser uma personagem mítica admirada pela sociedade por possuir virtudes como coragem, persistência, determinação entre outras. Essa marcha heroica tem em seus pilares algumas repercussões. Pôde-se ver uma Cora Coralina sonhadora na infância, corajosa na juventude, na fase adulta forte e humilde e na velhice trabalhadora, persistente, leal às suas origens, triunfante e tendo a resiliência como companheira de uma vida inteira.

Em seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* Cora Coralina se autobiografa na infância *éramos quatro filhas de minha mãe/ entre elas ocupei sempre o pior lugar* e descreve acontecimentos de sua infância de maus tratos, tristezas e muita pobreza. A tomada da decisão de não fraquejar a fez deixar o mundo real e se lançar na imaginação em um mundo paralelo onde a menina se encontrou com a aventura do desconhecido: a imaginação colocada no papel. Lima (2018, p. 4), em seu livro *Aninha e o Concílio das Musas*, descreve o início da poética na vida de Ana Lins quando ela é apresentada à imaginação “O canto do rio descia seguindo o murmúrio da floresta. O voo de uma borboleta despertou o silêncio das horas e trouxe o bater de asas da fada Luz. A fada pousou elegante sobre a pedra da bica sonora que jorrava água no jardim de Aninha”. Assim, Lima (2018) vai descrevendo o batismo poético de Cora Coralina sendo apresentada às musas

O lugar era iluminado por fadas, musas, deuses e possuía os olhos voltados para a imponente Serra Dourada. A Serra era habitada pelas musas Calíope, Clio, Erato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Tália, Terpsícore e Urânia, filhas de Mnemosine, a deusa da memória e esposa de Zeus, o deus dos deuses. (LIMA, 2018, p. 7).

Nessa viagem, todas as musas compartilharam os dons com Aninha que passa para o papel o que sua imaginação foi capaz de produzir. Como em um conto de fadas *num*

tempo era menina/ num instante virei mulher (CORALINA, 1998, p. 47), na carruagem de Apolo Aninha seguiu seu destino enfrentando os desafios de suas escolhas *Despojada. Apedrejada./sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida/[...]/ Uma estrada,/ um leito,/ uma casa,/ um companheiro./ Tudo de pedras.* (CORALINA, 1998, p. 11). É a partir desse momento que Cora Coralina tem a opção de se ver derrotada *perdida e só.../ No clamor da noite/ escuto a maldição das pedras/ meus errados rumos* (CORALINA, 1998, p. 73) ou ter a sabedoria de suportar as consequências de suas escolhas. Na resiliência ela se descobre detentora do poder de derrotar as forças hostis, que tanto lhe massacraram até ali *a escola da vida me suplementou/ as deficiências as escola primária/ que outras o Destino não me deu[...]/ sobrevivi, me recompondo aos/ bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado,/ [...] luta, a palavra vibrante/ que levanta os fracos/ e determina os fortes* (CORALINA, 1998, p. 47).

Cora Coralina, a partir de então renasce, *Recria tua vida, sempre, sempre./Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.* (CORALINA, 2001, p. 148). Desse modo e de forma espontânea, a poeta constrói sua realidade numa produção mítica, com uma linguagem de representação. Nesse costurar sua colcha de retalhos da vida, ela organiza os fragmentos com fatos e temas, conduzindo o leitor a arquitetar uma narrativa de cada fase da vida, numa junção de sua trajetória autobiográfica. Infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice vão sendo os fios que cingem esta colcha de retalhos, cada uma com suas características que lhes são próprias. Nesse rememorar das lembranças no presente, com seus textos de prosa e verso, assumiu a condição de escritora nesse *recomeço*, envolvendo memória e poesia, numa descrição emotiva de achados rememorados nos murmúrios desses becos de Goiás.

Uma encantadora forma de ocultar ou revelar a sua própria história: uma contadora de *estórias* que fala de um eu lírico. Na infância, é Aninha quem celebra o passado conferindo a ele significado. No envelhecimento, é Cora Coralina quem concede ao presente significados. Evocando presente e passado, ela indica sua posição de testemunha das estórias de seu lugar por meio de sua experiência pessoal. Sutilmente, a poeta vai narrando as relações entre pais/filhos, adultos/crianças, classe dominadora/dominante. Sentimentos de solidão, rejeição, desamor, humilhação, abandono, maus tratos, eram predicados de um recorte social da época, que grifa uma infância de um eu vencendo as primeiras adversidades.

Cora Coralina propicia a resiliência. A partir de então, há uma gestação dentro de si de recriação, de recomeço. Os percalços, toda falta sentida, a fez fugir, criando um mundo de entressonho, uma forma de negar os valores tradicionais, limitações sentidas e a opressão

de não poder ser o agente de suas próprias escolhas. Dialogando com sua poesia, ela escreve o poema *Semente e fruto*, em *Meu livro de Cordel* (1998),

Eu era jovem, cheia de sonhos./ Rica de imensa pobreza/ que me limitava/ entre oito
mulheres que me governavam [...] E eu parti, em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão./ Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.
Despojada. Apedrejada./ Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida./ E fui
caminhando, caminhando...

Sua partida não foi apoiada pela família nem pela sociedade. Ambas receberam negativamente a partida de Ana Lins com um homem já casado, pois ela fugia não só de seus domínios, mas também dos padrões determinados: namoro, noivado e casamento. Este era o padrão desejado para mulher: mãe, dona de casa, submissa, administradora do lar. Cora Coralina era além do seu tempo, pretendia seguir o contexto social, tanto que se tornou mãe, aceitando a predestinação feminina, mas queria também ser mulher, queria ler, escrever, declamar. Lima (2018), em seu livro *Cora Coralina e a cidade de pedras*, relata de forma poética sua ida: “O carro de Apolo seguiu o caminho do Cruzeiro do Sul, por cerrados e ipês floridos. As fadas amigas, Luz, Nereida e Neide, acompanharam Aninha”. (LIMA, 2018, p. 5). Assim, Ana Lins se fez Cora Coralina em busca de maturidade. Lima (2018) faz menção à Medusa, personagem grega que transforma tudo em pedra, para demonstrar os sentimentos da poeta ao traçar sua trajetória de vida daí em diante. Nessa busca de entressonho, Cora Coralina conheceu Medusa, não a olhou nos olhos, mas viu os caminhos pelos quais passou

Ana evitou os olhos da Medusa. A figura descomunal seguiu Ana pela cidade, ao mesmo tempo em que ia transformando em pedra, pessoas, animais, plantas e rios. Enquanto o vento frio e seco cantarolava uma triste música, a cidade petrificava-se. O ar misturava-se às partículas de pedras em pó e produtos químicos queimados dos resíduos expelidos pelas fábricas e engenhos dos homens que corriam para o trabalho sem fim. Ana correu para um beco escuro, auxiliada pelas fadas, Luz, Nereida e Neide. Pareceu estar livre da Medusa. Seu corpo estava trêmulo, seu coração batia acelerado (LIMA, 2018, p. 12-15).

Sentiu na pele o peso de suas escolhas, matriculou-se na *escola da luta e do trabalho*, agora viúva, com filhos para cuidar, numa selva de pedra diz ter encontrado forças justamente no que a sociedade trata como fraqueza. Não se entregou, com *filhos crescendo*, abrigou neles sua força, *a rocha onde me amparei*. Novamente Lima (2018) é citada para demonstrar a passagem do tempo, agora a maturidade, a velhice, o retorno, o recomeço:

Ana percebeu que estava atravessando um sonho. Folhas de papel passavam entre ideias e as palavras traçavam linhas, numa construção imaginária de terra, fogo,

água e ar. A vida transformava-se em signos em movimentos contínuos, usinas de alegorias e expressões que ela inventava. Sem medo, desconstruía e construía outros mundos de palavras plurais, sem fim. A arquitetura solidificava-se até se tornar música e silêncio (LIMA, 2018, p. 26).

Cora Coralina veste-se de poesia e ouve o chamado das *pedras*, das pedras de sua infância, das pedras de sua cidade: *Do tempo perdido. / Do passado tempo/ escuto a voz das pedras:/ Volta.../ [...] Vestida de cabelos brancos/ voltei sozinha à velha casa, deserta.* (CORALINA, 1998, p. 94). Ela tem em sua poesia uma identificação com as questões existenciais, uma maneira própria que a poeta tem de manifestar a relação entre o real e o imaginário reproduzindo uma autorrepresentação de sua realidade experienciada, trazendo consigo os outros *eus*. Leva os leitores a interagirem com sua representatividade, que numa construção de si mesma, alça voo e retorna como quem superou os obstáculos que lhe foram prescritos em sua trajetória de vida. Sua obra vai consagrando Cora Coralina como uma mulher humilde, sábia e solidária.

Como uma viagem no trem da vida, Cora Coralina foi convidando para entrar em seu vagão as pessoas que ela procurou representar, tendo como ponto de saída sua infância sonhadora e ponto de chegada a velhice com a sensatez de quem cantou a vida, celebrou de forma mitológica a sua representação, com um humor rebuscado e uma ironia na medida certa, transcendeu para o universal, biografou também sua gente, sua cidade. Cora Coralina tem uma poesia de resistência, resiste aos obstáculos e ao tempo, ela se faz passado/presente no mesmo instante: a Casa Velha da Ponte, a velhinha doceira, a contadora de histórias e estórias, a poeta. Um entrelaçar de vida-mito, de Ana-Cora.

Realçando esse poetizar numa forma específica de ser Cora Coralina, abre-se o último tópico, fazendo um convite para uma caminhada pelo seu livro dos *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. Uma análise iconográfica das imagens e da voz poética de Cora Coralina.

3.4 Cora Coralina Vida em fotos poemas dos *Becos de Goiás e estórias mais*

A descrição de uma representação visual de símbolos, imagens e figuras, tal como se apresentam nos quadros, fotografias, estátuas, retratos, sem levar em conta o valor estético é denominado por iconografia, que Panofsky (2011) define como fátual. Essas formas visíveis podem já ter sido experimentadas pelo leitor por meio de experiências vividas, causando-lhe uma compreensão emocional do objeto além de cores, traços e datas. As posturas e as expressões das imagens podem revelar algo implícito carregado de tristeza, alegria,

indiferença, desespero, apatia, o que Panofsky (2011) denomina como expressional. Dessa forma, elas se complementam, daí a necessidade da segunda análise, a iconográfica, pela qual o mundo dessas imagens se mistura com as estórias/histórias, é o que está intrínseco e nos conduz à “compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos” (PANOFSKY, 2011, p. 65).

É dialogando com esta interpretação que se busca compreender a razão pela qual Cora Coralina poetiza suas personagens postas à margem e as coloca ao centro, entendendo a Literatura como linguagem que desperta no leitor uma capacidade de sonhar, rememorar e fantasiar. É a escrita de uma mulher sobre muitas outras: mulheres do campo e da cidade, analfabetas e professoras, lavadeiras e prostitutas, crianças e idosas todas na mesma condição: de serem femininas. *Os autos do passado* de Cora Coralina passam a limpo a voz da mulher, conferindo vozes a tantas outras que se sentiam representadas. Pela poesia, Cora Coralina, pautada na imaginação, rememora um universo criado por suas mãos; ao seu fazer poético se une o uso das imagens na busca pelo tempo, pela vida e seus percalços. Na introdução do livro *Vintém de cobre: Meias confissões de Aninha* Cora Coralina afirma que: *muitos dirão: estas coisas também se passaram comigo* (CORALINA, 2001, p. 19), expondo, dessa forma, que seu caminhar acontece do individual para o coletivo, contendo em si outras vozes.

Entendendo o sujeito poético como único, há um regresso ao passado de si mesmo e do que viveu ao seu redor. Quando o leitor se depara com um poema ou uma fotografia, pode-se encontrar uma possibilidade de (re)viver o que já foi vivido, uma roda gigante com um eterno ciclo de finalizações e recomeços. É baseado nesse entrecruzamento de tempos e experiências individuais que o convite é feito ao leitor: entrar no trem da vida, conduzido poeticamente por Cora Coralina, em que a voz da poeta guia o leitor em todas as estações, oferecendo a oportunidade de interpretação do que está implícito. Os vagões estão separados à sua maneira, escolha de qual forma será a sua viagem, em qual poltrona se sentará: deve-se apenas decodificar o canto em cada verso dos poemas, entender o significado fatural e expressional, segundo Kossoy (1999), ou entrelaçar os conceitos que foram impressos.

A partir desse momento, a viagem iconográfica pelos *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* começa. As fotos poemas foram narradas na voz de Cora Coralina, algumas fotografias foram retiradas do site do Museu de Cora Coralina e outras disponíveis nos *sites* que falam sobre a poeta sendo utilizadas para ilustrarem suas estrofes.

Este livro foi escrito
Por uma mulher
Que no tarde da Vida

Recria e poetiza sua própria
Vida.

Este livro
Foi escrito por uma mulher
Que fez a escalada da
Montanha da Vida
Removendo pedras
E plantando flores.

Este livro:
Versos ... Não.
Poesia ... Não.
Um modo diferente de contar velhas estórias.
(CORALINA, 2021, p. 27).

Cora Coralina abre o seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* com uma *Ressalva* e expõe que os versos citados que poetizam a obra fazem parte de sua vida. Ela relembra com carinho das crianças e das anciãs, das mulheres professoras, doceiras, lavadeiras, benzedeiras, prostitutas, dos meninos lenheiros e tantos os outros. Pode-se também perceber uma experiência de vida, pois as palavras que a poeta usa demonstram um alguém com muita vivência e que se apoderou do tempo para colher sabedoria. Isso porque a poeta, desde sua mocidade, sempre escreveu, porém só aos 75 anos conseguiu publicar.

Figura 3 – Fotografia de Cora Coralina.



Fonte: Letras In.Verso e Re.Verso⁴

Em Ressalva, pode-se encontrar versos que falam sobre si, tendo um olhar para

⁴ Disponível em: <http://www.blogletras.com/2008/04/uma-entrevista-rarissima-com-cora.html>

dentro, para o seu próprio conteúdo e o comenta. O eu lírico diz o que pensa sobre a sua própria criação: não são versos nem poesia é *um modo diferente de contar velhas histórias*, segundo a poeta. Aninha, transmutando-se em Cora Coralina *removendo suas pedras e plantando flores*, foi viver longe da sociedade que a julgou e, retornando a sua cidade natal, após 45 anos, na Casa Velha da Ponte, buscou em seu imaginário a sua matéria poética de vida e de representação.

A poeta fala de *um modo diferente de contar velhas histórias*, histórias que estavam guardadas em sua memória retratadas de uma forma única que Cora Coralina tinha de transformar vida em poesia. Ela trouxe à tona essas *histórias* rememoradas numa individualidade coletiva, pois é uma fala dentro de um cenário de muitas personagens representadas em sua voz. A fotografia apresenta-nos essa poeta e contista já com seus cabelos brancos, com o rosto marcado pelo tempo.

Em uma entrevista à revista *Letras In.Verso e Re.Verso Literatura e entretenimento* de 21 de abril de 2008, Cora Coralina fez uso do eu lírico, se desdobrou e ocupou diversos posicionamentos, observou e experienciou o vivido das personagens lembradas com carinho. É o posicionamento do eu lírico feminino de Cora Coralina, utilizando-se de sua voz para fazer ecoar o grito de uma poesia de resistência dentro de um espaço marginalizado. Os becos da cidade de Goiás, dentro de uma figuração poética em que a escritora aponta sua postura crítica e pela qual utilizou-se do memorialístico e mítico, cria espaços de resistência com versos livres e propicia ao leitor uma sabedoria que não se explica apenas com palavras, embora estas sejam fundamentais para a escrita, entrelaçando uma magia possível por meio da memória. A estrofe abaixo representa a lavadeira do Rio Vermelho:

Vive dente de mim
A lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
D'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
Pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano [...]
(CORALINA, 2014, p. 31).

Neste poema *Todas as Vidas*, ao longo dos versos, pode-se identificar a questão da identidade e o cotidiano das personagens, algumas referências caracterizam essas personagens que o eu lírico demonstra em *a chinelinha*, simbolizando a mulher do povo, aquela que abandonou sua vida para estar inteiramente voltada para a vida familiar. A cada

estrofe deste poema, pode-se ver que Cora Coralina foi uma mulher além do seu tempo, ela foi além do que era planejado para a mulher, com sabedoria e paciência conseguiu ser mulher-mãe e mulher-poeta, não desistindo do mundo literário, abarcando as suas múltiplas faces.

Figura 4 – Fotografia Lavadeiras no Rio Vermelho.



Fonte: Arquivo da Diocese da Cidade de Goiás (2016).⁵

Essa lavadeira do Rio Vermelho *com cheiro de água e sabão* simboliza as vidas que existem dentro da poeta, numa representação da força da mulher que trabalha para o sustento da casa e dos filhos, não tem medo da vida, se submeteu aos afazeres porque eram deles que provinham o sustento do seu lar. É essa mulher madrugadeira, sinônimo de trabalho, que não se curvou às dificuldades. Não é o cheiro do perfume agradável que exala dessa mulher, mas o cheiro de água e sabão, da fumaça do fogão a lenha, dos temperos da comida que dão sabores à vida: aromas que formam seu retrato. A poeta possibilita, com seu discurso literário, em que ela retrata as mulheres de sua cidade natal num contexto social que reflete várias gerações, uma leitura de mundo real que parte do cotidiano de uma lavadeira, conduzindo a uma reflexão de valorização dos postos à margem.

A fotografia anterior, sem data do arquivo na imagem original, da Diocese da Cidade de Goiás, datada sua publicação em 2016, retrata o mesmo Rio Vermelho de Cora Coralina em tempos idos com suas lavadeiras no seu leito. Essas lavadeiras então no ofício de sua profissão, lavando e coarando as roupas, tirando a sujeira e deixando que o rio se encarregue de levar para longe o que é imundo. Também pode-se notar os filhos que sempre as acompanhavam, ao fundo as poucas construções e uma vegetação rasteira que fazia parte

⁵ Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-29-Lavadeiras-no-Rio-Vermelho-Destaque-para-o-relevo-do-terreno-sem-data_fig19_333887796

da paisagem da época. A poeta segue sua viagem imagética cantando, agora, a sua vida como doceira:

Minhas mãos doceras...
Jamais ociosas.
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.
(CORALINA, 1998, p. 53).

Cora Coralina, em alguns momentos, escreveu que se via mais doceira que poeta, porque fez desse ofício a sua subsistência, proporcionando-lhe uma melhor condição financeira. O trabalho era contínuo e minucioso para não passar do ponto, com mãos nunca ociosas, sempre produzindo, ora doces ora poesias. Com a sua produção de doces, tornou-se conhecida, permitindo-lhe mais tempo para dedicar-se a escrita de seus poemas. Quem passava pela cidade de Goiás fazia parte do trajeto visitar a Casa Velha da Ponte, comprar doces e ouvir os poemas da doceira que se fez poeta ou a poeta que se fez doceira, em ambos os casos Cora Coralina fez doces e escreveu poemas com maestria.

Figura 5 – Cora Coralina: doceira e poeta



Fonte: Sítio Entre Sabores.⁶

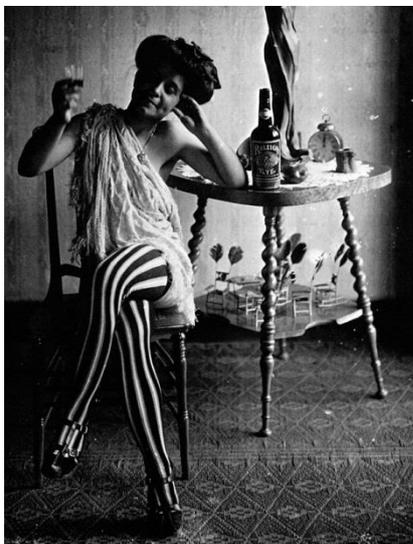
⁶ Disponível em: <https://entresabores.com.br/cora-coralina-doceira-e-poeta/>

As receitas de Cora Coralina, além da doçura, eram carregadas de signos numa expressão cultural do local. A fotografia capturada no site “Entre Sabores” retrata sua alegria quando a mesa é posta; com seus doces cristalizados, ela os pesava com satisfação pelo resultado de um trabalho bem feito, tudo com muito capricho, as vasilhas que acondicionavam eram organizadas de forma a ver o que tem dentro e os doces eram colocados com carinho e cuidado, sistematicamente estruturados em versos. A mulher da fotografia é a doceira Cora Coralina, a poeta da cidade de Goiás. Uma mulher que imortalizou suas lembranças, mesclando o ofício de doceira em um misto de identidade individual e coletiva, fazendo da arte de cozinhar um trabalho e da cozinha um espaço de prazer e labuta poética.

[...]
 Vive dentro de mim
 A mulher da vida,
 Minha irmãzinha...
 Tão desprezada,
 Tão murmurada...
 Fingindo alegre seu triste fado.
 [...]
 (CORALINA, 2014, p. 33).

Na mescla entre as representações de mulher, de poeta e de doceira, ela desvela, em sua poesia, dos *eus*, escolhendo poetizar a mulher da vida, assim denominada pela sociedade. A fotografia retrata a busca pela autoestima feminina:

Figura 6 – Foto que retrata a prostituta do século XX



Fonte: Site Hyneness⁷

⁷ Disponível em: <https://www.hyneness.com.br/2014/03/ensaio-perdido-retrata-prostitutas-do-inicio-do-seculo->

A poeta poderia ter homenageado outros tantos, como as personagens da política, cantores, autores, mas estes fazem parte da história oficial. Ela gritava com a voz daqueles que a sociedade subjugava e deixava à própria sorte, sem assistência, sem chance de defesa. Cora Coralina trouxe essas vozes para perto, chamou de *minha irmã* a mulher prostituta, a mulher para quem a vida não lhe proporcionou grandes coisas, pelo contrário, tirou dela as possibilidades de ser mulher, existindo apenas como objeto de desejos, vítima de preconceitos e críticas. A expressão “mulher da vida” é usada de modo informal para nomear as prostitutas, *ela vem do fundo imemorial das idades*.

O eu lírico compreende essa mulher e a traz para junto de si, estabelecendo uma comunhão entre ambas, mesmo não a nomeando, apenas dizendo *mulher da vida minha irmã*, demonstrando que há uma empatia entre Cora Coralina e essa mulher. Mesmo trilhando caminhos diferentes, são irmãs, desejando que as tratem com respeito. A foto (figura 6), publicada em 2014, em preto e branco, dando a ideia de datar o início do século XX, retrata uma prostituta sentada solitária em uma cadeira; a sua volta, sobre a mesa, uma garrafa de bebida alcoólica, representativa da boemia e, ao lado, um relógio, que parece marcar o tempo de uma mulher cheia de sonhos os quais o tempo leva com marcas dolorosas. Seu sorriso tímido pode descrever a solidão dessa mulher, pois por detrás dessa máscara de alegria, existe um ser humano provido de sentimentos e para quem não é dado seu real valor.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
cantando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.
Eu vivo nas tuas igrejas
E sobrados
E telhados
E paredes.

Eu sou aquele teu velho muro.
[...]

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe
nascidas nas frinchas das pedras:
Bravias.
Renitantes.
Indomáveis.
Maltratadas.

Pisadas.
E renascendo

[...]
(CORALINA, 2014, p. 34-35).

Cora Coralina poetiza as mulheres em diversas representações. No poema *Minha Cidade*, exalta o passar do tempo na vida das que envelhecem e são muitas vezes esquecidas. Vozes que podem ser representadas iconograficamente na foto a seguir:

Figura 7 – Cora Coralina, poetisa goiana



Fonte: Revista Pazes (2016).⁸

São vozes representadas também por outros olhares e outros signos apresentados. No poema *Minha Cidade*, Cora Coralina descreve uma menina mulher, outro símbolo iconográfico, que tem sua vida nas entranhas da cidade em que nasceu. Narra sua vida se misturando à cidade, fala de seu amor pelas ruas de Aninha, lembrando sua infância sonhadora. Segue declamando o passar do tempo com todas as suas vivências que viraram histórias de uma mulher esquecida que canta o passado.

A poeta descreve o viver em cada passo da arquitetura da cidade de Goiás. A foto em preto e branco do acervo do Museu da Casa de Cora Coralina dialoga com a sua poesia, retrata um muro, uma construção antiga, sem reboco, em ruínas, demonstrando o passar do tempo, enquanto a imagem de Cora Coralina já de cabelos brancos, de pé ao lado, se mistura ao velho muro e a sua paisagem. A mulher *a quem o tempo muito ensinou* ficou experiente e deixou um legado de (re)existência. No poema que se segue ela apresenta a si e a sua cidade:

⁸ Disponível em: <https://www.revistapazes.com/cora4/>

[...]
 Eu sou estas casas
 Encostadas
 Cochichando umas com as outras.
 Eu sou a ramada
 Dessas árvores,
 Sem nome e sem valia,
 Sem flores e sem frutos,
 De que gostam
 A gente cansada e os pássaros vadios.
 [...]
 Minha vida,
 Meus sentidos,
 Minha estética,
 Todas as vibrações
 De minha sensibilidade de mulher,
 Têm, aqui, suas raízes.
 [...]
 (CORALINA, 2014, p. 35-36).

Cora Coralina faz um passeio literário, manifestando-se sobre a arquitetura e sobre o amor pela cidade, um lugar de pertencimento. O seu discurso poético dá vida aos becos e aos prédios da cidade de Goiás, criando uma imagem poética a partir dos signos de representação e permitindo um imaginário sobre a vida das personagens, *as trepadeiras nascidas na frincha das pedras* e, ainda, as casas que metaforicamente estão apaixonadas umas nas outras pelo distanciamento, ou falta dele.

Figura 8 – Foto da rua principal da Cidade de Goiás.



Fonte: Crédito da imagem a Judson Castro.⁹

⁹ Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/cora-coralina.html>

De acordo com a análise fatural de Kossoy (2001), essa fotografia, demonstrando a arquitetura da cidade de Goiás, indica que as casas ainda permanecem *cochichando umas com as outras*. Parte da cidade foi preservada em sua história, o calçamento de suas ruas de pedras, as casas com as janelas para a rua, no fundo a Igreja Nossa Senhora do Rosário, de 1734 e reconstruída em 1934, simbolizando a fé das personagens representadas por Cora Coralina.

É possível perceber também os costumes culturais, como os moradores, ao entardecer, sentarem às suas portas para conversar e contar os causos e estórias de assombração que deixavam as crianças amedrontadas. Uma Goiás ainda resguardada pelo tempo. Esse mesmo tempo que se encarrega de guardar as estórias como a do *Prato Azul Pombinho*.

Minha avó – que Deus a tenha em glória –
 sempre contava e recontava
 em sentidas recordações
 de outros tempos
 a estória de saudade
 daquele prato azul-pombinho.
 [...]
 Era um prato original,
 Muito grande, fora de tamanho,
 Um tanto oval.
 Prato de centro, de antigas mesas senhoriais
 De família numerosa.
 De fastos de casamentos e dias de batizado.
 [...]
 Era na verdade, um relevo;
 Tinha seus desenhos
 Em miniaturas delicadas:
 Todo azul forte
 Em fundo claro
 Num meio relevo.
 [...]
 (CORALINA, 2014, p. 66-67).

Cora Coralina descreve em versos a estória desse *Prato Azul Pombinho*. A foto a seguir é o prato original do museu Cora Coralina, publicada no site oficial do Museu. É um prato de um jogo de jantar em porcelana que foi encomendado de Macau, uma região da costa sul da China continental, separada de Hong Kong pelo delta do rio das Pérolas, território colonizado pelos portugueses. Este jogo de jantar era um presente aos noivos *sobrinho do senhor cônego*, personalidades importantes da cidade de Goiás naquela época.

Figura 9 – Foto do Prato de Porcelana - *Prato Azul Pombinho*



Fonte: Arquivo do Museu Casa de Cora Coralina.¹⁰

A poeta, em seus versos, declama a difícil trajetória do presente, o caminho percorrido que *durou essa viagem ir e voltar dezesseis meses e vinte e dois dias*. Ao mesmo tempo, ela relata os costumes coloniais e a decoração das pinturas das peças que ao todo eram 92, restando apenas esse prato que, certa vez, conta Cora Coralina, ainda amanheceu com a pontinha quebrada. Essa já é outra narrativa da poeta que conta o castigo recebido por tal travessura que a mãe atribuiu a Cora Coralina.

A poeta escreveu com um olhar atento ao cotidiano e as tradições do povo goiano, revelando sentimentos pessoais. No poema *Rio Vermelho*, Cora Coralina escreve sobre a sociedade de Vila Boa de Goiás, sua cidade natal:

[...]

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...
 Rio que se afunda debaixo das pontes.
 Que se reparte nas pedras.
 Que se alarga nos remansos.
 Esteira de lambaris.
 Peixe cascudo nas locas.

[...]

Rio Vermelho – meu rio.
 Rio que atravessei um dia
 (altas horas. Mortas horas.)
 Há cem anos...
 Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha
 Todo dia, de manhã,

¹⁰ Disponível em: <https://www.museucoracoralina.com.br/site/institucional-galeria/>

Tomo a benção do rio:
 - "Rio Vermelho, meu avozinho,
 Dá sua bença pra mim..."
 (CORALINA, 2014, p. 79-83).

O Rio Vermelho embala seus sonhos de poeta, rio que foi palco das minerações, dos bandeirantes e do seu nascimento. O mesmo rio que foi a canção de ninar de Aninha e o cúmplice de Cora Coralina em sua adolescência ao passar *mortas horas* pela Ponte da Lapa indo em *busca do meu destino*, de um novo começo. Em paralelo a sua vida, ela canta o rio de quem mora às suas margens, demonstra os afazeres domésticos e cotidianos da sociedade vilaboense como as *lavadeiras lavando as roupas*, faz menção aos marginalizados *os meninos pobres lavando o corpo no rio*, faz reverência à atividade doméstica das mulheres que *buscam água no pote*, como também expõe sobre a cerimônia do *enterro dos anjinhos*.

Figura 10 – Foto do Rio Vermelho, Goiás-GO.



Fonte: Sítio Escola e Educação.¹¹

¹¹ Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/historia-de-goias-o-inicio-da-ocupacao/rio-vermelho-goias/>

Na maioria dos seus poemas, Cora Coralina acolhe os becos, as ruas, os rios, as pontes, as igrejas, as casas e as escolas bem como os costumes vilaboenses, suas tradições e crenças numa escrita memorialística; ela revela, em seus versos, minúcias daquele lugar e se mistura com o seu canto. A casa onde a poeta nasceu fica às margens do Rio Vermelho, apelidada de a Casa Velha da Ponte, datada de 1770. Trata-se de uma construção típica da arquitetura colonial, com doze ambientes internos. Abrigou Aninha com todas as suas travessuras, angústias e solidão de uma menina que sentia a falta do pai e sofria castigos. Cora Coralina esteve longe por 45 anos desse cenário, sempre rememorado por ela, e no seu retorno preenche a lacuna interna de isolamento e desejo de se libertar.

Após cumprir seus compromissos familiares, Cora Coralina casou, criou os filhos, adquiriu sua liberdade e voltou para *escavar* o seu passado, revolvendo as camadas mais íntimas de sua memória para transformar em sua matéria poética. A poeta utilizou de um passado que foi vivenciado ou que ouviu contar. A Casa Velha da Ponte tornou-se seu refúgio, suas janelas imensas para o rio faziam a poeta rememorar uma vida pretérita que ela escolheu poetizar. Após a morte da poeta, a figura imagética da *Casa Velha da Ponte* tornou-se também peça do museu assim como as roupas, livros, fotos, cartas, a sua máquina de escrever e muito do que fez parte da vida de Cora Coralina, uma mulher determinada, de hábitos simples com tamanha sabedoria.

Um dos poemas mais extensos do livro *Os Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais é Becos de Goiás*. Abaixo alguns versos retirados do poema que retratam o amor de Cora Coralina a esse espaço marginalizado:

[...]
Amo e canto com ternura
Todo errado de minha terra.

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...

[...]
Conto a história dos becos,
Dos becos da minha terra,

[...]
De gente de pote d'água,
De gente de pé no chão.

[...]
Becos de minha terra...
Válvulas coronárias da minha velha cidade.

(CORALINA, 2014, p. 92-101).

O poema é um retrato da paisagem com um olhar apurado de Cora Coralina, é um registro fiel contemplando o bom e ruim: a umidade, o lodo, a falta de luz, o lixo e a pobreza contrastando com a luz radiante do sol e a vitalidade retratada na *avenca que renasce*. A poeta descreve, do pequeno detalhe para a paisagem, *um fio de água que some depressa na fenda*, como se o individual se perdesse na sua perspectiva, no caso suas personagens fechadas dentro desse espaço, sendo proibidas ao sonho de se verem grandes, ou no mínimo iguais aos outros. O beco tem sua poética na voz de Cora Coralina, que descreve o espaço de marginais, com expectativas de resistir e perseverar.

Figura 10 – Foto Beco do Sertão, Goiás-GO.



Fonte: Acervo do Museu Casa de Cora Coralina.¹²

A foto retirada do acervo do Museu de Cora Coralina mostra um dos becos da

¹² Disponível em: <http://www.paginasmovimento.com.br/cora-coralina-cidade-de-goi%C3%A1s.html>

cidade de Goiás, o Beco do Sertão, com sua rua estreita, de pedras, servindo de passagem e ligação à outra parte da cidade, há uma criança brincando com um cachorro, as paredes das casas denotam um ar de velhas, passadas eras, que guardam o lodo de outrora. Sua poesia oferece ao leitor escolhas, ela as fez, a seu modo e com suas consequências. Seus poemas convidam a uma reflexão acerca do modo de viver ou desistir, das escolhas e dos sonhos que fortalecem o *eu*, removendo, modificando as duras pedras do caminho, esculpindo, lapidando ou usando como degraus, caindo e recomeçando, degrau por degrau, uma construção diária de vida.

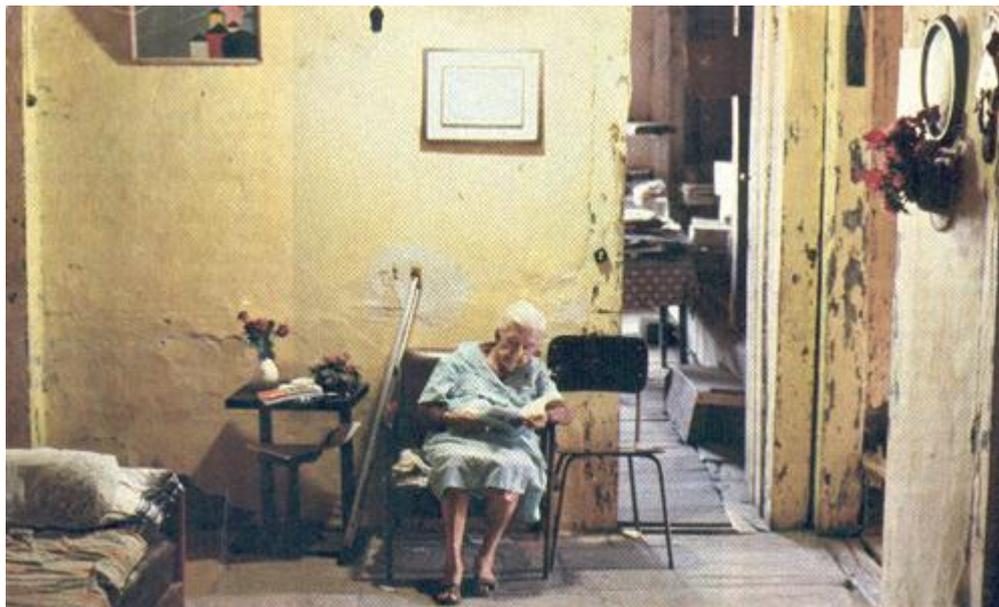
Essa sabedoria se alcança após décadas de vida, a longevidade de Cora Coralina a presenteou com essa oportunidade de se fazer ouvida em diversas fases de sua existência, ela poetizou o ciclo da vida em diversas idades. As lembranças de Cora Coralina permanecem como a mulher simples, doceira, poeta, pequena em estatura, porém enorme em importância, entrelaçada na história de sua cidade, sua gente, suas casas, suas ruas sobre as quais ela cantou *todo o errado* dessa terra.

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
[...]
(CORALINA, 2001, p. 155).

Cora Coralina apropriou-se da poesia no anseio de representatividade do *eu* e do *outro*, recorrendo à memória e à literatura para se valer das palavras numa linguagem de resistência e de refúgio. Pode-se também ser observado, em sua forma de escrever, que houve uma relação temporal entre o que foi vivido e o que ficou nos dias passados, não vistos apenas como separação de presente e pretérito, mas como expressões que vão ganhando forma com o passar dos dias, numa alternância de positivo e negativo.

Figura 11 – Foto de Cora Coralina



Fonte: Blog Subvertidas – *Versos e Subversas: Cora Coralina*.¹³

Esse passar do tempo contribuiu para que a poeta convertesse em possibilidades a sua vivência pois, a partir de então, ela percebe a oportunidade de ser o sujeito de sua própria história/*estórias*, desejos e vontades por meio do lembrar, rememorar, imaginar, escrever, recitar. É um jogo memorialístico de aceitar as limitações da vida e de si ou enfrentar o vento forte das experiências vividas, restando em qualquer das opções extrair o que foi bom, ruim ou simplesmente diferente.

Pensando no leitor exterior a esse mundo literário, ao fazer a leitura dos poemas de Cora Coralina, este será levado à compreensão dos sentidos e símbolos atrelados às palavras, conforme Panofsky (2001) define como iconográfica. Nesse sentido, são observadas as características estéticas do campo de representação visual como também a iconológica mais detalhada, sendo analisadas de forma interpretativa. Desse modo, apreende-se a vivacidade e a expressão simbólica dos marcos temporais e dos lugares, partindo da experiência de quem ali viveu e conviveu nesses espaços de pertencimento, de identidade, uma leitura de representação do *eu* e do *outro* contidos na poesia de Cora Coralina. Além de entender dessa forma o espaço topofílico, de amor e pertencimento ao lugar, Yi-Fu Tuan (1980) trata o viés usado por Cora Coralina de forma ficcional quando autora e personagem se fundem, consciente ou inconsciente, em sua vivência na cidade de Goiás.

A poeta carrega em sua poesia sutilezas dos tempos, das personagens, dos afetos, das vozes que se sobrepõem a pobreza, os maus tratos e a marginalização que construíram

13 Disponível em: <http://subvertidas.blogspot.com/2013/09/versos-e-subversas-cora-coralina.html>

suas estórias cheias de sentidos que nem sempre são possíveis de compreender e identificar, tamanha é a sua simbologia.

Considerações Finais

No decorrer da pesquisa, pôde-se perceber algumas trilhas deixadas por Cora Coralina, demonstrando a sua trajetória como poeta e como mulher, aproximando o leitor à obra, propondo ao espectador um mergulho poético em sua criação e nos signos representativos da sua escrita poética. Constrói-se um movimento passado e presente indispensáveis ao homem e desvelado pela criação da poeta em que quase tudo é visto com a alma: as ruas, os becos, a cidade, o rio, as plantas, o lixo, as pedras, as suas personagens, sugerindo a liberdade de criar até o que é invisível aos olhos, mas perceptível pela mente e pelo coração.

Com perspicácia, ela poetiza a pedra, uma matéria mineral sólida e dura, trazendo a materialização da infância como também, por meio da memória, oportunizando propostas como sinais de vida: são pedras no calçamento das ruas feitas pelos escravos, presentes nas construções, à beira do Rio Vermelho onde as lavadeiras coaravam as suas roupas, deixando o cheiro de água e sabão nos búzios que apresentam o destino das personagens.

Com sua poética de multiplicidade de significados e com uma escrita própria, sua arte aponta uma essência, a representação e a vivacidade lírica da poeta. Esses significados valorizam e trazem ao centro a poesia goiana, enaltecendo a imagem da Cidade de Goiás. Cora Coralina faz um rearranjo em seus poemas quando escolhe poetizar os aspectos e personagens esquecidos à margem da sociedade. Mergulhando na literatura escrita por ela, pode-se notar que sua obra vai muito além de relembrar, de preservar o passado. Sua escrita traz em versos a resistência de uma mulher além do seu tempo. Teve uma vida carregada de alegrias, tristezas, pensou grande, se fez grande. Ajuntou momentos vividos e os transformou em poemas e histórias deixados como herança para que, com o tempo, seja “lido, relido e trelido” (CORALINA, 2014, p. 24). Com uma escrita carregada de afetos e simplicidade de vida, proporcionou ao leitor uma reflexão sobre suas próprias memórias e deixou um legado de aprendizado e incentivo.

Gradualmente encontrou-se uma poesia comprometida com a memória que, utilizando da supremacia da palavra, corroborou as *vozes obscuras*, propiciando reflexões sobre seu tempo e lugar. Optou por tematizar os marginalizados, a sua poética está voltada para o fundo da Casa Velha da Ponte, os seus becos, numa poesia-resistência ao discurso dos detentores do poder. Fez uso de sua voz para assumir o lugar dos excluídos. A poeta conferiu poder de vida, numa dignidade lírica, enalteceu a periferia, os marginalizados, os indesejáveis, os pobres, os doentes e velhos. Sua poesia submerge à história oficial, deixou de poetizar os

monumentos reconhecidos pelos dominantes e definiu as características dos becos, suas injustiças e violências. Mostrou suas personagens em situação de abandono e clausura, construindo uma relação de afeto ao mencionar que *ama e canta todo o errado de sua terra* e faz uma delação da segregação social em seus versos.

Sua forma singular de escrever contribui para uma interatividade entre o eu lírico e o leitor, conduzindo-o a um processo autorreflexivo. A linguagem utilizada pela poeta é simples, cotidiana, porém carregada de signos, propiciando uma vasta interpretação, o que permite uma socialização, no sentido de deixar o leitor à vontade. Com uma linguagem de expressão forte e carregada de sentimentos e dores, se faz ponte entre o eu lírico e os *eus* que se veem representados em seus versos, idealizando a mais pura das poesias. Vilas-Boas (2013, p. 60) acrescenta “é como se a poeta quisesse fazer um pacto com seu leitor, dando-lhe uma chave do que entende por poesia e o instiga a aprender e a viver”.

Os poemas de Cora Coralina vêm ao encontro das carências individuais que cada leitor permite se deixar levar, se deixar tocar, mexendo com suas memórias e imaginários. Nessa viagem literária, com suas palavras bem cantadas, costurando histórias e estórias, com uma força poética, ela canta recortes de sua vida permeados por observações convictas, permitindo reflexões. Suas palavras formuladas, uma a uma, vão ganhando ritmo numa oralidade de quem conta “causos” sendo mais que um conjugado de rimas. Ela faz uso de alguns vocábulos próprios que fazem parte do pretérito em suas lembranças e conduz quem lê a uma viagem ao passado. Sua poesia está carregada de menções à gente antiga, sábia, dominante, rememora pessoas da família, da cidade que fizeram parte de sua passagem por Vila Boa de Goiás, fala de seus sonhos de infância, de seus medos e humilhações, de suas aventuras, da Vida.

São reflexões que nos permitem pesquisar sobre o papel da memória nesse fazer poético. Por isso, o estudo foi dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado *As vozes de Aninha pelos becos de Goiás* a proposta foi escrever sobre a historiografia poética de Cora Coralina e sua fortuna crítica, dando vasão também à forma singular do eu lírico de Coralina em ser reconhecido como *a própria legenda de uma época*. Seguindo o capítulo dois, *A Memória, a iconografia e a topofilia* são temas percorridos na pesquisa. Os conceitos foram trabalhados juntamente com a poesia com o intuito de compreender o modo poético rememorado por Cora Coralina de sua cidade natal e suas personagens. Dessa forma, a poeta metaforizou o real como *as pedras do caminho* para fazer uma poesia que parte do seu imaginário e perpassa costumes, mitos e imposições sociais da época, pois o tempo e a memória sempre estiveram contidos em sua poesia. Por último, no terceiro capítulo, intitulado

A saudade Coralina reconstruída sob o click, os becos de Goiás figuram com suas características e símbolos por meio da escrita, apresentando também a mulher Cora Coralina com suas amarguras e felicitações de uma vida em versos, descrevendo-a com suas personagens, numa leitura visual e sentimental. Essa memória poética carrega inúmeros instantes imagéticos que compõem sua trajetória literária.

Ao analisar a memória no plano pessoal de Cora Coralina, entende-se que o passado retornou em sua poesia como um presente fantástico e que por diversas vezes ela recriou sua infância como a sonhadora Ana Lins, em sua memória carregada de travessuras, castigos, humilhações e tristezas de uma criança que sonhava com o *bolo econômico*. No poema *Antiguidades*, relata o triste fim desse momento, assim como no poema *Estória do prato azul pombinho*, no qual Cora Coralina vai rememorando a infância das dores vividas *estórias avoengas que embalou minha infância* e segue sua maturidade sendo Cora Coralina, *a mulher a quem o tempo muito ensinou, plantando pedras e colhendo flores*. Aqui ela já usou uma memória carregada de sonhos frustrados, dores, alegrias e um regresso. Ela se misturou com sua cidade imagética, cantando os inúmeros *eus* a quem ela incansavelmente se diz representar. Em seu poema *Todas as Vidas*, Cora Coralina conseguiu se fazer representada e representar o tempo e a memória quando fundiu o seu eu poético com sua terra, suas origens e suas estórias, marcando uma vida no caminho das *pedras*.

Existe em sua obra *Poemas Becos de Goiás e estórias mais* uma presença vibrante de memórias nem sempre lembradas por outros, mas que o eu lírico evoca no tempo de reinventar a própria vida. Ana-Cora, uma menina mulher, que sua vida nas entranhas de sua cidade *Minha vida,/ meus sentidos,/ minha estética,/ todas as vibrações/ de minha sensibilidade de mulher,/ têm, aqui, suas raízes./ Eu sou a menina feia/ da ponde da Lapa./ Eu sou Aninha.* (CORALINA, 2014, p. 36). Cora Coralina carregou em sua poética os *eus* dando-lhes voz para que revivam de forma a reorganizar uma identidade que figurou em cada novo verso. Ainda que a memória seja o suporte para sua escrita, lado a lado está a mulher, o humano, que deixou refletir toda a sua parcialidade compondo uma trilha própria em detrimento dos padrões habituais.

Cora Coralina integra um cenário literário em Goiás, a poeta entrelaça a memória individual e a memória coletiva em temas existenciais presentes em sua obra. Ela, em posse das palavras, dos signos, das simbologias e da imaginação, faz poesia de resistência, escrevendo contos, prosas e poemas. Poetizou os doces como também as pedras e as mulheres. Viveu em estado de graça com a poesia, cumpriu seu desejo de espalhar sua poética. Após sua morte, ressignificou a imagem poética de sua cidade. Fez de seus versos seu

eterno recomeço, seu canto está presente na Literatura assim como nos becos de Goiás, em suas praças, suas construções e em sua história.

Esta é a poesia de Cora Coralina, a cada nova leitura uma reinvenção dos fatos imagéticos, leitores-produtores, esse é o sentido literário de sua obra: poesia, memória e resistência, não obstante as mazelas que soube poetizar, apontar e denunciar e dentro de um contexto que possa ser atuado por outros *eus* em qualquer outro tempo e lugar.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- ARAÚJO, Celso. **Os pensamentos de Cora**. Jornal de Brasília, Brasília, 1977.
- BENJAMIM, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad.: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOSI, Ecleia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITTO, Clovis Carvalho. Escritora e escritura: faces do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia. VELLASCO, Marlene (Org.). **Moinho do Tempo: estudos sobre Cora Coralina**. Goiânia: Editora Kelps, 2009.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.
- CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da ponte**. 13.ed. São Paulo: Global, 2006.
- _____. **Meu livro de cordel**. 8. ed. São Paulo: Global Editora, 1998.
- _____. **Poema dos Becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.
- _____. **Vila Boa de Goyas**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.
- _____. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.
- DELGADO, Andréia. 1999. **Memória, trabalho e identidade: as doceiras da Cidade de Goiás**. Cadernos Pagu, n. 13: p. 293-325.
- DENÓFRIO, Darcy França (Org.). **Cora Coralina: melhores poemas**. São Paulo: Global, 2004.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Escrita feminina. In: **Continente multicultural** (2004). Ano IV, nº 48. Recife CEPE, dezembro.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Cora Coralina - venho do século passado e trago comigo todas as idades**. Templo Cultural Delfos, novembro/2011. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>. Acesso em: 30. Junho, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória da cidade**. Tradução Beatriz Sidou: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Memória** [recurso eletrônico] / Iván Izquierdo. – 2 ed. rev. E ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**: tradução Bernardo Leitão [et al.] 7ª ed. Revista-Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Ebe. A literatura como patrimônio a ser mediado. **Entreletras**, Araguaína, vol. 5, n. 1, p. 43-52, jan/jul. 2014.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. **Leitura e poesia**. Goiânia: UCG/Kelps, 2009.

_____. Aninha e o concílio das musas / Maria de Fátima Gonçalves Lima, ilustração Everaldo Correia de Lima Júnior. – Goiânia: Ed. Ononom, 2018.

_____. **O discurso do poema "O Rio"** de João Cabral. *Limite*, [s. l], v. 5, p. 193-212, 15 jul. 2011. Disponível em: <http://www.revistalimite.es/volumen%205/12lima.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

_____. **Arte e poesia em Goiás**: sete autores contemporâneos no curso da terceira margem da palavra. / Maria de Fátima Gonçalves Lima. – Goiânia: Kelps, 2020.

MARQUES, Oswaldino. Cora Coralina: professora da existência, *IV.*: **CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva: 1976.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESQUERO RAMÓN, Saturnino. **Cora Coralina**: o mito de Aninha/Saturnino Pesquero Ramón 2. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

RIBEIRO, Djamila O que é: lugar de fala?/ Djamila Ribeiro. - Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Wendel. **Crítica e Sistemática**: um estudo progressivo da literatura. Goiânia: Editora Oriente, 1977.

_____. **Crítica**: uma ciência da literatura. Goiânia: Editora: Universidade Federal de Goiás, 1983.

SIQUEIRA, Ebe Maria; REIMER, Ivoni Richter. Vida e obra de Cora Coralina. **Revista Caminhos**, v.18, PUC-Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8549/4843>. Acesso em: 30. Junho, 2021.

TELES, José Mendonça. **No santuário de Cora Coralina**. Goiânia: Ed. do autor, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VILAS-BÔAS, Iêda. **Cora Coralina** - a mulher-poeta e suas múltiplas vozes. Goiânia: Editora Kelps, 2013.